

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

FERNANDA DE ALMEIDA PINTO

**OS MODOS DE VIDA DAS COMUNIDADES DE LUTA DA BACIA DO RIO
CAMAQUÃ E SUAS POSSIBILIDADES**

PORTO ALEGRE

2019

FERNANDA DE ALMEIDA PINTO

**OS MODOS DE VIDA DAS COMUNIDADES DE LUTA DA BACIA DO RIO
CAMAQUÃ E SUAS POSSIBILIDADES**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Administração.

Área de Concentração: Estudos Organizacionais.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Kruter Flores

PORTO ALEGRE

2019

**OS MODOS DE VIDA DAS COMUNIDADES DE LUTA DA BACIA DO RIO
CAMAQUÃ E SUAS POSSIBILIDADES**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Administração.

Porto Alegre, 23 de agosto de 2019.

Prof. Dr. Rafael Kruter Flores
Orientador
PPGA - UFRGS

Prof. Dr. Paulo Ricardo Zilio Abdala
PPGA - UFRGS

Profª Dra. Clarice Misoczky de Oliveira
PROPUR - UFRGS

Prof. Dr. Leonardo Granato
PPG Ciência Política - UFRGS

*Dedico esta Dissertação aos que
lutam em defesa de suas vidas.*

AGRADECIMENTOS

A elaboração desta pesquisa não teria sido possível sem a colaboração, estímulo e empenho de diversas pessoas. Por esse motivo, este texto foi escrito com tanto carinho, comoção, gratidão e apreço a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para que esta tarefa se tornasse uma realidade. A todos quero manifestar os meus sinceros agradecimentos.

Em primeiro lugar, ao meu orientador, professor Dr. Rafael Kruter Flores, para quem não há agradecimentos que cheguem. Com grande paciência e dedicação, acompanhou o desenvolvimento desta pesquisa desde o início e me mostrou um caminho de ação, de militância e engajamento, despertando dúvidas e inquietações essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao Grupo de Pesquisa Organização e Práxis Libertadora, espaço riquíssimo onde pude participar de discussões que tanto contribuíram para a realização dessa dissertação. Agradeço especialmente à professora Dra. Maria Ceci Misoczky, que me abriu as portas da vida acadêmica.

Ao ensino público, gratuito e de qualidade, materializado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, à qual tenho a honra de pertencer desde 2010.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que me outorgou uma bolsa de mestrado por um ano, auxílio fundamental e indispensável à pesquisa neste país, principalmente em tempos de censura, desmonte e repressão.

Aos professores e professoras do PPGA da UFRGS pelo exemplo de dedicação, respeito e amor pela docência. Ao professor Dr. Guilherme Dornelas Camara, com quem tenho o prazer de compartilhar as experiências de sala de aula desde a época da graduação e que me apresentou “o outro lado da força” durante meu estágio docente.

Aos colegas do mestrado por todo apoio, alento, conselhos e incentivo, principalmente àqueles que hoje chamo de amigos: Rodrigo Prado da Costa e Fernando Scherer, vocês foram muito importantes nessa caminhada de amadurecimento.

Aos participantes desta pesquisa, pela disponibilidade, atenção e confiança em partilhar suas histórias e práticas cotidianas. Esta pesquisa me presenteou com a oportunidade de conhecer pessoas especiais, as quais tenho um imenso carinho pelo acolhimento simples e afetivo. À Vera e Márcia Colares, minha gratidão e admiração pelo empenho inabalável na luta em defesa do Camaquã.

Aos meus amigos pela resistência às negativas aos convites para sair de casa nos finais de semana. Tenho certeza que aqueles que ficaram são os que realmente fazem questão de permanecer na minha vida e com quem eu firmo o compromisso de estar presente e ser apoio em qualquer situação.

Aos colegas de trabalho, da CEEE-D e do IGP, que compreenderam meu cansaço, indisposição e ausência, ajudando-me a não esmorecer durante este caminhar.

Ao meu esposo, que dividiu comigo muitas alegrias e dificuldades durante os últimos anos. Sou imensamente grata pela sua compreensão incondicional, pelas tantas horas que não pude dividir, pelo seu apoio manifestado de todas as formas possíveis, por me ensinar a ser resiliente frente às dificuldades.

Ao Furão e à Fuinha, companheiros inseparáveis das jornadas de estudo antes mesmo do amanhecer.

À minha mãe, um exemplo de força e superação. Gratidão a todo apoio, ajuda e dedicação. Aos meus irmãos que já fizeram vezes de pais, amigos, confidentes e conselheiros. Aos meus afilhados que enchem meu coração e minha paciência, sobretudo o Gui. À Cris, minha cunha que eu adoro.

Por fim, ao meu pai, que faleceu logo após a minha entrada na Universidade, momento de realização de um dos seus maiores sonhos, o meu mais profundo agradecimento. Sigo dedicando cada conquista a ti, onde quer que esteja, mantendo viva a promessa de seguir voando por onde quiser.

“Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes”.

Paulo Freire - Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos

RESUMO

Esta Dissertação de Mestrado Acadêmico tem o objetivo de expor as contradições da vida cotidiana das comunidades que vivem às margens do rio Camaquã, investigando se os modos de vida dessas comunidades carregam a possibilidade de uma realidade capaz de confrontar, desmistificar e desalienar (ainda que recaindo em novas alienações) as modalidades de vida cotidiana imposta pela estrutura capitalista da sociedade e da vida. O estudo é orientado pela obra *Crítica da Vida Cotidiana*, de Henri Lefebvre (2014), que atribui ao cotidiano uma significação mais relevante que busca revelar a imensa riqueza presente nos fatos mais humildes da vida. O referencial desta pesquisa é marcado pela política do possível, pela necessidade de construir futuros nos quais os seres humanos realizem suas potencialidades, levando à luz os elementos positivos do cotidiano a partir daquilo que há de mais negativo. O principal procedimento de investigação é a observação participante, que possibilitou minha aproximação aos lutadores sociais. Nesse sentido, através das vivências proporcionadas pela pesquisa de campo, buscou-se revelar a riqueza presente nos fatos simples do cotidiano dessas comunidades. Através da Teoria dos Momentos, desenvolvida por Lefebvre (2014), foi possível identificar que os modos de vida das comunidades de luta da bacia do rio Camaquã expressam sua crítica da vida cotidiana em dois momentos: o primeiro momento diz respeito às investidas do capital na produção pecuária local pautada no discurso da produção sustentável e da pecuária familiar como vocação do Pampa; o segundo momento se observa na luta contra a mineração. Esses momentos são escolhas que rompem com a situação de ambiguidade do cotidiano, mas que não superam todas as contradições da realidade. As escolhas feitas pelos moradores levam à compreensão da existência de uma consciência em relação aos caminhos possíveis, de uma ação como um meio de acesso ao que é possível: a defesa dos modos de vida das comunidades da bacia do rio Camaquã. É assim que essas comunidades fazem sua crítica da vida cotidiana, através de contradições e alienações, como um “lampejo” de uma visão total.

Palavras-chave: Modos de Vida. Mineração na Bacia do Rio Camaquã. Possibilidades. Teoria dos Momentos. Crítica da Vida Cotidiana.

ABSTRACT

This Academic Master's Dissertation aims to expose the contradictions of the daily life of the communities that live on the banks of the Camaquã river, investigating if, in fact, the ways of life of these communities carry the possibility of a reality capable of confronting, demystifying and discouraging. (albeit with new alienations) the everyday life modalities imposed by the capitalist structure of society and life. The study of modes is guided by Henri Lefebvre's Critique of Everyday Life (2014), which gives everyday life a more relevant meaning and seeks to reveal the immense richness present in the humblest facts of life. The framework of this research is marked by the politics of the possible, the need to build futures in which human beings realize their potential, bringing to light the positive elements of daily life from what is most negative. The main investigation procedure is participant observation, which allowed me to approach the social fighters. In this sense, through the experiences provided by field research, we sought to reveal the richness present in the simple facts of the daily life of these communities. Through the Theory of Moments, developed by Lefebvre (2014), it was possible to identify that the ways of life of the fighting communities of the Camaquã river basin express their critique of daily life from two moments: the first moment concerns the attacks of the capital in local livestock production based on the discourse of sustainable production and family livestock as Pampa's vocation; The second moment looks at the fight against mining. These moments are choices that break with the ambiguous situation of everyday life, but do not overcome all the contradictions of reality. However, the choices made by the residents lead to the understanding of the existence of an awareness regarding the possible ways, of an action as a means of access to what is possible: the defense of the lifestyle of the communities of the Camaquã river basin. And this is how these communities make their critique of everyday life, through contradictions and alienations, as a "glimpse" of a total vision.

Key words: Modes of Life - Mining in the Camaquã River Basin - Possibilities - Theory of Moments - Critique of Everyday Life.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa do RS com destaque para a região da Bacia do Rio Camaquã	13
Figura 2 – Área de exploração do Projeto Caçapava do Sul	14
Figura 3- Casa de alvenaria construída no século XVIII, no Distrito de Palmas	39
Figura 4 – Fogão à lenha, o destaque da cozinha campeira	40
Figura 5 - Seu Sérgio Scholante na companhia de seus ajudantes	43
Figura 6 – Campereada.....	44
Figura 7 – “Ajutório”.....	47
Figura 8 - O cuidado com o rebanho de ovelhas	53
Figura 9 – Dona Olga, Giovana e Hermínia.....	54
Figura 10 – “Vaquinha parada” utilizada em treinos de iniciantes.....	57
Figura 11 - Tropa retornando do rodeio e o encontro dos vizinhos nas estradas.....	58
Figura 12 - Jaqueline auxiliando Dona Vera de Fátima na produção da figada	60
Figura 13 - Atelier da Dona Clair Schneider	61
Figura 14 – Kombi escolar buscando as crianças do corredor da Lexiguana, em Palmas	64
Figura 15 – Produtos com o selo da marca do Alto Camaquã.....	70
Figura 16 – Caminhão com a marca do Alto Camaquã utilizado para transporte dos animais	71
Figura 17 – Primeira audiência sobre o Projeto Caçapava do Sul, em Minas do Camaquã.....	79
Figura 18 – Audiência Pública em Bagé/RS	80
Figura 19 - Ato em defesa do rio Camaquã no Distrito de Palmas, às margens do rio	81
Figura 20 – Grupo União Pela Preservação do rio Camaquã protestando às margens do rio ..	85

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

ADAC - Associação para o Desenvolvimento Sustentável do Alto Camaquã

AGP - Apoio à Gestão Pública

AGrUPa - Associação para Grandeza e União de Palmas

Arco - Associação Brasileira de Criadores de Ovinos

Cofrusa - Cooperativa Agropecuária de Santana da Boa Vista

CooperAlto - Cooperativa do Alto Camaquã

CTG - Centro de Tradições Gaúchas

Embrapa - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

FEPAM - Fundação Estadual de Proteção Ambiental

PVE - Programa Parceria Votorantim pela Educação

RSC - Responsabilidade Social Corporativa

Seapi - Secretaria da Agricultura, Pecuária e Irrigação do Rio Grande do Sul

UPP - União Pela Preservação do rio Camaquã

URCAMP - Universidade da Região da Campanha

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
1 O ESTUDO CRÍTICO DA VIDA COTIDIANA.....	18
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
3 A CRÍTICA DA VIDA COTIDIANA DAS COMUNIDADES DA BACIA DO RIO CAMAQUÃ E SUAS POSSIBILIDADES DE LUTA	37
3.1. A VIDA COTIDIANA DAS COMUNIDADES DE LUTA DA BACIA DO RIO CAMAQUÃ	37
3.2. A RESISTÊNCIA ÀS INVESTIDAS DO CAPITAL SOBRE A PECUÁRIA FAMILIAR	67
3.3. A LUTA CONTRA O PROJETO DE MINERAÇÃO CAÇAPAVA DO SUL	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	89
Anexo 1 – Carta de Concessão de Sesmaria	93
Anexo 2 – Manifesto de Palmas	94
Apêndice 1 – Transcrição das entrevistas.....	95

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação parte do meu interesse pela luta dos moradores da região da bacia hidrográfica do rio Camaquã¹ contra um projeto extrativista² mineiro. O Projeto Caçapava do Sul é uma *joint venture* entre a Mineração Iamgold Brasil e a Votorantim Metais, que detém 70% dos royalties do empreendimento. O investimento previsto é de R\$ 322 milhões e a expectativa é de que 450 empregos diretos sejam gerados na fase de operação (EMPREENHIMENTO, 2016). Atualmente, o Estado do Rio Grande do Sul tem 162 projetos de prospecção requeridos pelas mineradoras que envolvem chumbo, zinco, titânio, cobre, ouro, prata, entre outros minerais. A maioria desses estão situados na metade sul do estado, mais precisamente na bacia do rio Camaquã.

Figura 1 - Mapa do RS com destaque para a região da Bacia do Rio Camaquã



Fonte: Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã, 2011.

¹ Pertence à Região Hidrográfica das Bacias Litorâneas e abrange uma área de cerca de 21.657 km². Sua população total estimada é de 356 mil habitantes. Em seu território estão inseridos, total ou parcialmente, 28 municípios: Amaral Ferrador, Arambaré, Arroio do Padre, Bagé, Barão do Triunfo, Barra do Ribeiro, Caçapava do Sul, Cachoeira do Sul, Camaquã, Canguçu, Cerro Grande do Sul, Chuvisca, Cristal, Dom Feliciano, Dom Pedrito, Encruzilhada do Sul, Hulha Negra, Lavras do Sul, Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini, Santana da Boa Vista, São Jerônimo, São Gabriel, São Lourenço do Sul, Sentinela do Sul, Tapes e Turuçu (Disponível em: <http://www.comitecamaqua.com/index.php/a-bacia-hidrografica/caracterizacao-geral>, Acesso em: 06.03.2018).

² O termo “extrativismo”, tal como se entende neste trabalho, refere a “um tipo de extração de recursos naturais, em grande volume ou alta intensidade, e que são essencialmente orientados para serem exportados como matéria-prima sem processamento, ou com processamento mínimo” (GUDYNAS, 2015, p.13). Mesmo que determinados localmente, os extrativismos estão globalmente articulados, já que os recursos naturais são destinados ao comércio exterior. Para Gudynas (2015), “é necessário ter em mente que esse conceito particular de extrativismo e sua ênfase local também refletem os debates e mobilizações em curso na América Latina”. A resistência dos cidadãos frente a empreendimentos de mineração ocorre em territórios precisos e afetando grupos humanos específicos. Sendo assim, o conceito de extrativismo também está vinculado aos movimentos sociais.

O depósito mineral, denominado geologicamente de Santa Maria, está localizado em Minas do Camaquã, distrito do município de Caçapava do Sul. O local é popularmente conhecido como território das Guaritas, premiado internacionalmente pela sua beleza (EM PARAÍSO, 2017), e é considerado a área em que há a maior preservação do Bioma Pampa no Estado. Por esse motivo, o local foi classificado pelo Ministério do Meio Ambiente como área de prioridade alta para preservação.

Figura 2 – Área de exploração do Projeto Caçapava do Sul



Fonte: PROJETO, 2016.

Além disso, a área prospectada para extração mineral está às margens do rio Camaquã, mais precisamente na região do Alto Camaquã³, conhecido assim por ser a área de maior altitude e banhada pelas nascentes do Rio Camaquã. Em termos de distância, a área do empreendimento situa-se a 5 km da vila de Minas do Camaquã, numa distância de 32 km de Santana da Boa Vista, 13 km de Bagé e 310 km de Rio Grande, Minas do Camaquã já foi um polo de extração de cobre⁴, principalmente entre as décadas de 40 e 90, quando ocorreu o encerramento das

³ Situada na parte superior da bacia do rio Camaquã e engloba os municípios de Bagé, Caçapava do Sul, Canguçu, Encruzilhada do Sul, Lavras do Sul, Piratini, Pinheiro Machado e Santana da Boa Vista.

⁴ A jazida de cobre, chamada Minas do Camaquã, foi explorada por mais de 100 anos, de 1865 a 1996, passando por várias etapas de pesquisa e extração mineral intercaladas por períodos de paralisação total ou parcial de suas atividades. A mina foi controlada durante a maior parte do tempo pela Companhia Brasileira de Cobre (CBS). Após seu fechamento, em 1996, a população local que chegou a 3.878 habitantes caiu para cerca de 200 famílias, a maioria de trabalhadores aposentados. Além da evasão de moradores, as atividades de mineração também

atividades da mineração na região, deixando para trás um passivo de impactos ambientais presentes até hoje, abandono social e declínio econômico individual e coletivo na região (PROJETO, 2016). A área pretendida para instalação do empreendimento da Votorantim possui 388 hectares e estima-se que tenha 29 milhões de toneladas de reserva mineral na área (EMPREENHIMENTO, 2016).

Logo que ingressei no Curso de Mestrado e no Grupo de Pesquisa Organização e Praxis Libertadora (OPL), em março de 2017, iniciei o estudo da obra “Crítica da Vida Cotidiana”, de Henry Lefebvre (2014). Naquele mesmo momento, tomei conhecimento da luta das comunidades da bacia do rio Camaquã contra um projeto de mineração, e já no meu primeiro contato com os moradores da região despertei interesse pelo tema. A organização da luta contra o projeto foi objeto de análise em um artigo⁵ que buscou mapear os atores sociais interessados no projeto de mineração. Portanto, seus estudos iniciaram a partir de outro olhar teórico.

Em outubro de 2017 o Grupo de Pesquisa organizou o seminário Pela Vida Contra o Extrativismo e a Mineração no RS, onde foi apresentado um panorama da mineração na América Latina e de grandes movimentos sociais de resistência. A partir deste panorama, foram abordados os projetos de mineração em curso na metade sul do Estado do Rio Grande do Sul, com destaque aos movimentos de luta e as experiências das comunidades da região ditas pelos próprios moradores.

Conforme discutíamos no Grupo de Pesquisa as leituras da obra de Lefebvre, também fui me aproximando das comunidades da região, o que despertou meu interesse em compreender seus modos de vida, sua história, características e contradições. O discurso dos moradores era carregado de informações em relação à produção pecuária familiar, a vida comunitária, a história do lugar, a uma forma diferenciada de vida. Assim, aos poucos fui me vinculando à linha teórica trazida pelo autor, resultando, por fim, em meu principal referencial teórico nessa Dissertação.

No senso comum, o cotidiano é o lugar dedicado ao trivial, ao banal, ao rotineiro, ao humilde, ao simples. Costumeiramente, esses elementos são tratados com desprezo, como se não fossem dignos de conhecimento, considerados irrelevantes e deslocados dos acontecimentos históricos. No entanto, Lefebvre (2014) defende que essa é uma dimensão

danificaram a paisagem local e colocaram a saúde da população em risco porque a CBC só se preocupou com o destino dos rejeitos a partir de 1981, quando entrou em vigor a legislação ambiental brasileira (Exploração, 2012).
⁵ PINTO, Fernanda de Almeida; FLORES, Rafael Kruter; MELZ, Rodrigo Luís. Mineração no rio Camaquã: uma análise de atores. Montevideo, XXXI Congresso ALAS. Disponível em: <http://alas2017.easyplanners.info/opc/tl/6956_fernanda_de_almeida_pinto.pdf>.

fundamental para entender a sociedade, sua configuração, funcionamento, dilemas e conflitos, justamente por abranger todas as atividades e relações humanas, sejam as de trabalho, lazer, vida privada e vida pública.

A vida cotidiana está profundamente relacionada a todas as atividades, e engloba todas as suas diferenças e conflitos; é o seu lugar de reunião, a sua ligação, a sua base comum. É na vida cotidiana que somam-se todas as relações que fazem o ser humano - e todo ser humano - um todo que forma e é formado. Nele se expressam e cumprem essas relações que põem em jogo a totalidade do real, embora com uma certa maneira que é sempre parcial e incompleto: amizade, companheirismo, amor, a necessidade de comunicar, jogar, etc.
(LEFEBVRE, 2014, n. p).

Os pequenos detalhes da vida cotidiana dessas comunidades, como aquecer a água do mate no fogão à lenha, as vestes, a linguagem, o convívio em comunidade, o conhecimento da lida, o cuidado com os animais, tudo isso representa as tradições, a cultura e os saberes que passam de geração em geração e que fazem parte do patrimônio cultural, formando uma complexa sociobiodiversidade que é uma das características mais marcantes da região. Estes elementos compõem os modos de vida e os territórios de comunidades tradicionais, principalmente de pecuaristas familiares (com os quais tive maior aproximação durante esta etapa a pesquisa), cujas formas de organização social, ocupação e uso do território e seus recursos naturais é um legado histórico, tradicionalmente transmitido por gerações (MAZURANA, DIAS e LAUREANO, 2016).

A expressão “comunidades de luta” é utilizada para delimitar o objeto desta pesquisa, de modo que, na região da bacia do rio Camaquã, seja destacado os grupos de moradores que, de acordo com este aporte teórico, expressam uma crítica à vida cotidiana.

Assim, em diálogo com as proposições teóricas de Henry Lefebvre sobre a crítica da vida cotidiana, a presente pesquisa tem o **objetivo de expor as contradições da vida cotidiana das comunidades que vivem às margens do rio Camaquã, investigando se os modos de vida dessas comunidades carregam a possibilidade de uma realidade capaz de confrontar, desmistificar e desalienar (ainda que recaindo em novas alienações) as modalidades de vida cotidiana imposta pela estrutura capitalista da sociedade e da vida.** Cumprir este objetivo não significa resolver essas contradições, mas desvelá-las, revelando um conjunto de aparências que foi superado (ou que está em vias de superação) através da tomada de consciência.

Na sequência, apresento uma síntese da abordagem teórica que fundamenta essa Dissertação, seguida de um capítulo dedicado à limpeza do terreno acerca do conceito de

“modos de vida”, inspirado⁶ em Lefebvre e desenvolvido a partir do entendimento de sua teoria. Não se trata de construir de uma definição, e sim de uma reflexão sobre como o conceito pode ser compreendido através desse referencial. Finalmente, a parte principal, os modos de vida são apresentados como crítica da vida cotidiana e são destacados dois momentos na tentativa de alcançar a realização total de uma possibilidade. O trabalho se encerra com as considerações finais.

⁶ O primeiro capítulo do Segundo Volume da “Crítica da Vida Cotidiana”, de Henri Lefebvre (2014), recebe o título “Limpendo o terreno”.

1 O ESTUDO CRÍTICO DA VIDA COTIDIANA

Henri Lefebvre nasceu em 1901, em Navarroux, no sudoeste da França. Estudou filosofia na Sorbonne, concluindo seus estudos em 1920 para depois tornar-se professor. Em 1928, Lefebvre ingressou no Partido Comunista, do qual foi membro durante 30 anos, terminando por ser expulso em 1958 por tecer duras críticas ao modo como os partidos comunistas tradicionais praticavam e interpretavam o marxismo.

A presença de Marx na obra de Lefebvre é constante. Ao longo de seus 90 anos de vida, a produção de Lefebvre o estabeleceu como um pensador marxista original, “mantendo-se firme em três questões essenciais: as relações entre o marxismo e a filosofia, entre o marxismo e a sociologia, e o papel central da teoria da alienação” (TREBITSCH, 2014, n.p). A originalidade de Lefebvre reside não apenas na reconciliação do marxismo com a filosofia, dando ao primeiro um status filosófico, mas também em estabelecer o marxismo como teoria crítica.

A renovação do marxismo a partir da valorização do cotidiano é uma das grandes contribuições da obra de Lefebvre. A Crítica da Vida Cotidiana começou a ser escrita pelo autor no ano de 1945 e é composta por três volumes⁷ que acompanham não só o desenvolvimento intelectual do autor, mas as mudanças conjunturais do mundo e suas respectivas implicações na vida cotidiana ao longo de mais de 30 anos, período compreendido entre a publicação do primeiro e último volumes.

Para Lefebvre, é no cotidiano que o conjunto das relações de cada indivíduo forma um todo, abrangendo todas as atividades e relações humanas, seja de trabalho, lazer, vida privada e vida pública. Portanto, esta é uma dimensão fundamental para entender a sociedade, a sua estrutura, seu modo de funcionamento, seus dilemas e conflitos. Além disso, a vida cotidiana também é um produto do modo de produção. Por isso,

o cotidiano só é compreensível se pensado na totalidade. Logo, o objetivo não é saber se ele tem ou não mudado, ou prever o que está sendo alterado ou consolidado, e sim se a crítica da vida cotidiana pode servir como meio para o conhecimento das relações sociais que produzem e são produtoras da e na totalidade (LEFEBVRE, 2014, Vol. I n.p).

Apesar da importância que Lefebvre atribui ao cotidiano, ele é, em boa parte, subestimado pelos filósofos e separado arbitrariamente pelas ciências sociais; sendo tratado com desprezo, como se não fosse digno de conhecimento, irrelevante e deslocado dos

⁷ O primeiro volume foi publicado originalmente em 1947, o segundo em 1961 e o terceiro em 1981.

acontecimentos históricos. No primeiro volume da obra, Lefebvre (2014)⁸ descreve como a mudança na vida humana foi abordada (e influenciada) pela poesia e pela literatura na passagem das sociedades pré-capitalistas para as sociedades industrializadas, momento “onde os filósofos oscilam entre a realidade burguesa e a irrealidade mística, deixando de lado a realidade humana”. O “Fracasso e a Derrota”, a “Decadência” e as “Maravilhas”, foram temas característicos da literatura do século XIX e provocaram a dissolução das relações sociais na sociedade capitalista, depreciando a vida real e o mundo como é. Nesse movimento, em que realistas mágicos e surrealistas compartilhavam o desejo de menosprezar o real em favor do tema das Maravilhas, “o real tornou-se ‘transfigurado’, ou, para simplificar, mais decorativo e aceitável, pelo menos em nível literário” (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p).

O projeto do autor se distingue daqueles que tomam a vida cotidiana como uma coleção que apenas descreve a vida de diferentes épocas ou que transfigura o real: ele foi capaz de atribuir ao cotidiano uma significação mais relevante, buscando revelar a imensa riqueza presente nos fatos mais humildes da vida, demonstrando que é no cotidiano que encontramos o material necessário para mudar e transformar a vida. Ao dar destaque ao cotidiano – na medida em que ele é a mistura da natureza e cultura, do histórico e vivido, do individual e social, do real e irreal, um lugar de transição, de encontros, interações e conflitos, um nível da realidade –, Lefebvre (2014) buscou elevá-lo ao nível teórico para criticar a realidade pelas ideias e as ideias pela realidade.

Para o autor, o reino das maravilhas é, na verdade, o estranho, o inesperado, o bizarro, que transformou o misterioso em algo cotidiano, familiar, e que permitiu ao “intelectual ‘moderno’ afastar de seus lábios o amargo cálice de uma vida cotidiana que é realmente insuportável” (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p).

Se a modernidade é o lado brilhante, até berrante do novo, o cotidiano é seu lado insignificante, "o que é humilde e sólido, o que é tomado como garantido e aquele de que todas as partes se seguem em tal sucessão regular, invariável que esses interessados não têm nenhum pedido para questionar sua sequência". Em outras palavras, é a modernidade que esvaziou a vida cotidiana de tempos passados que nunca apareceu salvo em suas metamorfoses, como no festival, que incorporava uma genuína "autocrítica" do cotidiano; [...] A modernidade é o movimento em direção ao novo, o desdobramento da tecnologia e da racionalidade (que Lefebvre chama de "modernismo"), mas é também a ausência de qualquer transformação real das relações sociais e conduz do humano para o desumano, para a barbárie. [...] foi a modernidade que assumiu a responsabilidade de “transformar o mundo” e “mudar a vida” (TREBITSCH, 2014, n.p).

⁸ Edição que reúne os três volumes da obra, cujas traduções são minhas.

No entanto, Lefebvre observou que tal transformação ocorreu através do declínio qualitativo da vida do trabalhador, e que quanto mais rápido avançava o nível de submissão da vida aos ditames do mercado, maior era a transformação que levava ao empobrecimento, manipulação e passividade da sociedade. Dentro da estrutura da sociedade burguesa (e do regime capitalista), Lefebvre afirma que “o trabalho é vivido e submetido pelo trabalhador como um poder alienígena e opressivo” (2014, Vol. I, n.p). Não apenas a divisão técnica e a divisão social do trabalho se sobrepõem e se impõem sem que ele saiba as razões, mas também sabe que não está trabalhando para si mesmo, direta ou indiretamente.

O fato de que o trabalho é externo ao trabalhador, ou seja, não pertence ao seu ser essencial; que ele, portanto, não se confirma em seu trabalho, mas nega a si mesmo, sente-se infeliz e não feliz... Por isso, o trabalhador sente-se apenas quando não está trabalhando; quando ele está trabalhando, ele não se sente. Ele está em casa quando não está trabalhando, e não em casa quando está trabalhando... [Seu trabalho] não é a satisfação de uma necessidade, mas um mero meio de satisfazer necessidades externas a si mesmo (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p).

Assim, a degradação da vida cotidiana no mundo moderno é marcada pela separação do sujeito de si mesmo e a objetivação do objeto reduzido à reificação, ao objeto perdendo qualquer valor estético, à pobreza do mundo moderno. Portanto, nessa regressão da vida, o cotidiano, no mundo moderno, deixou de ser sujeito (rico de subjetividade possível) para se tornar objeto (objeto da organização social).

O nome dado para essa “fixação da atividade humana dentro de uma realidade alienígena, que é ao mesmo tempo grosseiramente material e ainda abstrata é: alienação” (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p). Tema central da obra, o conceito de alienação adquire um sentido profundo na vida cotidiana, e também é um resgate da obra de Marx, que entende que “o trabalho constitui a essência do homem como um criador: um ser de necessidades que cria suas próprias necessidades; e é precisamente o trabalho que a alienação humilha, atomiza e subjuga” (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p). A sociedade capitalista desvincula o cotidiano do trabalho da satisfação das necessidades da natureza humana, direcionando o trabalhador a entender que é no terreno de sua vida privada onde ele constrói a atividade humana genuína.

O caráter fragmentado do trabalho industrial moderno faz com que o trabalhador desenvolva uma noção da realidade que vem das práticas mecanizadas das grandes fábricas. Essa realidade, essa visão domesticada do mundo, é por onde a classe trabalhadora produz e reproduz a sociedade de forma alienada, seguindo um conhecimento técnico que o homem não reconhece como sendo sua criação, mas que fornece um modo de viver pronto, ao qual basta se adaptar e seguir (LEFEBVRE, 2014). A tendência ao individualismo tem origem na burguesia,

mas, para operar, ela necessita ser adotada por todas as classes sociais; e isso ocorre por meio das ideologias mistificadoras. Nesse sentido, a consciência privada e a consciência mistificada andam de mãos dadas, reforçando-se mutuamente e fortalecendo-se cada vez mais como resultado de instabilidades que surgem na vida real e não em ideias ‘puras’ (LEFEBVRE, 2014). Dessa forma, Lefebvre afirma que o individualismo não só é uma teoria, mas também “um fato e uma arma de classe” (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p).

A alienação obscurece a verdade da vida, adoce a consciência humana e torna o homem refém dos centros de interesses privados. Este conceito permitiu a abertura da filosofia à ação. Ao retomar os escritos de Marx, Lefebvre reavivou a alienação sob vários títulos, recusando entendimentos tradicionalmente creditados ao marxismo de que ela estaria relacionada tão somente ao trabalho:

- (a) a alienação do trabalhador como um objeto (o poder estranho que o transforma em objeto);
- (b) a alienação da atividade produtiva, em outras palavras, do próprio trabalho (que é dividido e dividido por ele);
- (c) a alienação do homem como espécie-ser, membro da espécie humana - como um sistema de necessidades humanizadas de espécies;
- (d) a alienação do homem como um ser da natureza, como um conjunto de necessidades naturais (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p).

Para o autor, a alienação não se limita ao trabalho, ela também se relaciona aos aspectos ideológicos, políticos, econômicos e sociais; em síntese, à vida cotidiana como um todo. Avançando na percepção da exploração do trabalhador para além dos limites das fábricas, abrangendo todas as atividades e relações humanas e sociais e trazendo-a para a vida cotidiana, Lefebvre entende que a alienação vai muito além de uma teoria, uma ideia ou abstração; ela aparece no cotidiano, na vida do proletário – e até mesmo do pequeno burguês e do capitalista⁹. “Assim como a atividade criadora do mundo humano não é teórica, mas prática, uma atividade constante, cotidiana, e não excepcional, a alienação também é constante e cotidiana” (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p).

Uma das teses elementares do marxismo é que a essência da alienação está no distanciamento do homem de sua própria natureza, porque entende que o homem é um ser da natureza que surge de um processo histórico-espacial, em que os sujeitos se instauram a partir de suas relações com a natureza e entre eles. Para Marx, dizer que o homem vive da natureza significa que

⁹ “A diferença é que os capitalistas colaboram com o poder desumanizante da alienação” (LEFEBVRE, 2014, n.p).

a natureza é o seu corpo, com o qual ele tem que ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza (MARX, 2004, p. 84).

A natureza é o corpo inorgânico do homem, que, de acordo com Lefebvre, isto é: “a natureza, na medida em que não é o corpo humano” (2014, Vol. I, n.p). Portanto, a alienação humana consiste do “homem arrancado de si mesmo, da natureza, de sua própria natureza, de sua consciência, e desumanizado por seus próprios produtos sociais” (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p). Neste retorno às obras de Marx, o termo produção readquire um sentido amplo e vigoroso, que vai além da simples produção material, da fabricação de coisas. Ele designa também a produção do “ser humano” por si mesmo, no decorrer do seu desenvolvimento histórico; ou seja, através da prática social, o homem se apropria da natureza e, também, de sua própria natureza.

Nas observações que Lefebvre fez sobre as sociedades primitivas, ele definiu a vida cotidiana tradicional de uma maneira geral como “baseada na não-separação, na ausência de diferenciação na ordem cósmica que antes ligava o homem e a natureza” (2014, Vol. I, n.p). Assim, a alienação aparece como um processo histórico de rebaixamento, de perda desta antiga "plenitude humana", de empobrecimento e "espoliação" da vida cotidiana. O homem moderno encontra-se cada vez mais sozinho e indefeso. Privado da sabedoria da Antiguidade, que não tem mais sentido em uma vida tão distanciada da natureza, ele ainda não descobriu uma nova sabedoria, fundada no poder sobre a natureza (e sobre sua própria natureza). Lefebvre afirma que “ninguém inventou técnicas mais sutis para ele, o que lhe permitiria compreender a si mesmo, direcionar suas paixões, controlar sua vida”. Pelo contrário, sabemos “mais sobre o que acontece nos átomos ou nas estrelas do que em nossos próprios corpos e ‘almas’” (2014, Vol. II, n.p). Assim, a vida cotidiana ainda pertence ao que os teóricos marxistas chamam de "setor descontrolado", que dá um significado final e triste ao termo "vida privada": “o indivíduo moderno é ‘privado’ não apenas da realidade e da verdade social, mas também do poder sobre si mesmo” (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p).

E é dessa forma que o trabalhador moderno se vê arrancado de sua obra, tratado como uma mercadoria, dotada com vida, atividade e músculos. No entanto, apesar do caráter fragmentado do trabalho, o homem ainda trabalha para o todo social. Ou seja, sua atividade é parte do trabalho global e contribui para a herança histórica da sociedade. No entanto, ele desconhece isso. Esta organização que sufoca o indivíduo, dividindo-o e retardando seu desenvolvimento no momento em que está se esforçando para criá-lo como um indivíduo

humano é, segundo Lefebvre (2014), apenas uma das muitas contradições dolorosas que nossa era está experimentando, e que devemos resolver se quisermos avançar.

Essa tarefa cabe ao proletário, e somente a ele, porque a "condição" proletária carrega em si um duplo aspecto: por um lado, tende a oprimir e esmagar o proletário (individual) sob o peso do trabalho, as instituições e as ideias que são realmente destinadas a esmagá-lo. Mas, ao mesmo tempo, e em outro aspecto, por causa do seu contato incessante com o real e com a natureza através do trabalho, o proletário é dotado de saúde fundamental e um senso de realidade que outros grupos sociais perdem na medida em que se tornam desapegados da atividade criativa prática. Por isso, o autor afirma que a “privação da classe operária é rica em possibilidades” (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p). A superação desta condição decorre do conhecimento e da luta, momento em que o proletário individual se torna consciente do proletariado como classe, de sua realidade social, da sociedade como um todo, de sua ação e, portanto, de seu futuro político; é o alcance de um grande e verdadeiro pensamento: o da totalidade social e humana, do trabalho criativo.

A vida cotidiana entra como o meio pelo qual essas relações de exploração do trabalhador se dão, ainda que para a consciência do proletário elas apareçam de forma mistificada. Fica a cargo da sociologia crítica da vida cotidiana desmistificar as ideologias e mostrar a realidade que existe por trás delas, com um constante cuidado em compreender o que é real, e o que se origina dele mas acaba por negá-lo. “As ideologias e mistificações se baseiam na vida real, ainda que, ao mesmo tempo, disfarcem ou invertam essa vida real” (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p). Para o autor, “a maioria das ideologias tem sido mistificações na medida em que elas conseguem fazer com que os homens aceitem certas ilusões e certas aparências ao introduzir essas aparências na vida real, tornando-as efetivas” (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p).

Segundo Lefebvre (2014, Vol. I, n.p), “estudar o proletariado cientificamente é começar a arrancar o véu das ideologias pelas quais a burguesia tentou explicar a história a si mesma e explicar - para tornar aceitável - a situação proletária ao proletariado”. Conhecer esta realidade social cientificamente implica o conhecimento da sociedade e da história da consciência humana em sua totalidade, e o marxismo é o único caminho que indica os meios pelos quais a vida cotidiana pode ser transformada, justamente porque é capaz de descrever e analisar as vidas cotidianas dos próprios trabalhadores. Esta é a razão pela qual o marxismo é a “ciência do proletariado”, que estuda sua vida, sua realidade, sua função social, sua situação histórica, ao mesmo tempo em que é a ciência que vem dele mesmo e expressa sua realidade histórica e sua ascensão social e política (LEFEBVRE, 2014).

Assim, o marxismo, como um todo, é realmente um conhecimento crítico da vida cotidiana, pois têm sua construção teórica feita a partir da situação material a que a classe trabalhadora está exposta: objetivada como mercadoria (LEFEBVRE, 2014). O materialismo dialético revela a complexidade desta realidade humana e sua riqueza; ele renova e recria o interesse pelo humano ao reintegrar a realidade mais humilde da vida cotidiana ao pensamento e à consciência. O método dialético exclui a possibilidade de que não haja mais nada a dizer sobre o humano ou sobre qualquer domínio de sua atividade:

Os fundadores do marxismo elaboraram as diretrizes gerais para a crítica da vida, mas como poderiam ter completado essa crítica? O marxismo deve mover o conhecimento da realidade humana para frente, e é isso que está fazendo. Pesquisa e ação revelam o humano e o enriquecem ao mesmo tempo. Cada nova etapa revela novos aspectos da vida - que achamos cada vez mais complexos, cada vez mais ricos no sentido "espiritual" da palavra (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p).

O método dialético supõe que o conhecimento do homem e sua realização são mutuamente inseparáveis e constituem um processo total. Para Lefebvre (2014), o preceito essencial da pesquisa é penetrar cada vez mais fundo no conteúdo da vida, aproveitá-lo em sua realidade mutável, ser cada vez mais lúcido sobre as lições que tem a nos ensinar. Portanto, é na vida que a unidade de teoria e prática é alcançada; “é na vida - e à luz do conhecimento e experiências prévias - que formas de organização e ideias efetivas podem ser encontradas” (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p).

De acordo com Lefebvre (2014, Vol. I, n.p), estudar o cotidiano corresponde a explorá-lo em três dimensões: trabalho, família e lazer. Relacionadas umas as outras, elas formam um sistema dialético, uma unidade, “que podemos chamar de ‘estrutura global’, uma ‘totalidade’, sob a condição de enfatizarmos sua natureza histórica, mutante e transitória”. Para o autor (2014, Vol. I, n.p), “através desta estrutura global, podemos reconstruir uma imagem historicamente real do homem e do humano em certo passo de seu desenvolvimento, em certo estágio de alienação e desalienação”. Portanto, o cotidiano só é compreensível se pensado na totalidade, porque ele é o ponto de encontro, a ligação, o terreno comum, capaz de abranger todas as atividades e relações humanas – seja de trabalho, lazer, vida privada e vida pública. É por esta razão que o cotidiano é uma dimensão fundamental para entender a sociedade, seu modo de funcionamento, sua estrutura, seus conflitos.

Na Crítica da Vida Cotidiana, o conceito de totalidade encontra-se subordinado à negatividade. Segundo Lefebvre, no pensamento dialético o positivo emerge do negativo. Desse modo, partindo da vida real, de suas contradições e alienações, a crítica negativa revela o essencial, o positivo, voltando-se, especialmente, para o que pode ser transformado em termos

qualitativos. Para apresentar o negativo em toda a sua profundidade, Lefebvre utiliza o conceito do possível. “Entre o mundo cheio de ‘realismo e positivismo’, e o mundo escancarado de ‘negatividade pura e niilismo’, o nosso objetivo é descobrir o mundo aberto, o mundo do que é possível” (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p). Assim, A Crítica da Vida Cotidiana é marcada pela política do possível, pela necessidade de construir futuros nos quais os seres humanos realizem suas potencialidades, levando à luz os elementos positivos do cotidiano a partir daquilo que há de mais negativo, das contradições, das alienações.

Para o autor, (2014, n.p), “o homem e o humano sempre constituíram um todo: em e através de contradições, isto é, alienações”. Lefebvre (2014, n.p) analisa o cotidiano como um nível da práxis em que natureza, história, sociedade e conhecimento expressam “uma multiplicidade de movimentos dialéticos, cada um distinto e específico”, mas que ao mesmo tempo estão relacionados por complementaridades, reciprocidades, interações, contrariedades, contradições e antagonismos.

Segundo Lefebvre (2014, Vol. I, n.p), indivíduos e consciências "privadas" somente podem se tornar uma força criativa por meio de uma teoria e uma ação que os una como uma totalidade, “uma alavanca para o pensamento para elevar o mundo”. No marxismo, a ação tem como objetivo um novo tipo de ser humano:

Este novo homem pensa, mas no nível do real, em pé de igualdade com o real. Assim, ele não precisa sair de seus próprios pensamentos para pertencer à realidade e "comprometer-se". Nem angustiado como o intelectual egocêntrico, nem auto-satisfeito como o burguês, ele pode evitar esse velho dilema (angústia ou auto-satisfação) porque o que ele ama no real hoje e na vida no momento atual são as possibilidades que ele oferece, e não simplesmente o fato consumado que pode ser facilmente apreendido e que só pode desapontar. Uma vez que ele vê os seres humanos como se movendo em direção ao futuro, e uma vez que ele ama este movimento, então este novo homem pode deixar as velhas atitudes de humanismo sentimental e desprezo insensível para trás; ele pode ser exigente sem ser desumano, porque quer que o homem mostre todo o seu potencial por fim. [...] Só ele poderá se libertar da realidade imediata, sem esquecer o real em geral (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p).

O novo homem ou o homem total é aquele inteiramente desenvolvido, inteiramente recuperado da alienação. Ele só pode ser concebido como um limite para a infinidade do desenvolvimento social, uma figura em um horizonte distante além da nossa visão atual, uma ideia e não um fato histórico (LEFEBVRE, 2014). Se quisermos definir não tanto o humano, mas a direção na qual a ação deve seguir, precisamos recorrer ao conhecimento e à ciência (não apenas uma ciência, mas todas elas), sabendo que o homem não é apenas econômico, ou biológico, ou físico-químico etc., mas ele é tudo isso; é isso que o torna o homem total (LEFEBVRE, 2014).

De acordo com Lefebvre (2014), a possibilidade do homem total só fará sentido quando deixar de ser uma “visão”, uma “concepção”, e passar a penetrar na vida cotidiana transformando-a. Quando a solução de contradições passa pela necessidade de mudança, de modo que não se possa mais usar representações para resolvê-las, se está diante de uma situação revolucionária.

Portanto, não se trata mais de interpretar "o mundo" - o real humano e natural - numa obra (estética, filosófica ou moral), mas de mudá-la. Portanto, a mudança deve ser alcançada dentro do contexto do modo de vida e das condições de vida: na e através da práxis. No entanto, as mudanças que surgem como resultado de tais situações nem sempre revolucionam os modos de vida. Se eles podem afetar a vida "real" - formas de viver e de agir - eles também podem se expressar em obras e em simples mudanças de representação (LEFEBVRE, 2014, Vol II, n.p).

Segundo o autor, é o lado problemático de um grupo humano que nos permite compreender sua realidade, suas possibilidades e o modo de alcançá-las (2014, Vol. II, n.p). A espontaneidade e a vitalidade desses grupos refletem-se em representações (símbolos, normas, modelos, imagens) ou são formuladas por meio de representações ideológicas. No entanto, são os indivíduos que refletem, formulam opiniões, definem atitudes e cristalizam padrões de comportamento (LEFEBVRE, 2014, Vol.II, n.p). Indivíduos ou grupos têm um futuro relativamente incerto a enfrentar, problemas nos quais nossa existência está mais ou menos envolvida. Isso exige uma preparação relativamente lúcida.

Os segredos dos grupos, as suas opacidades e as suas ambiguidades, são elementos que dão ilusão de substância. Esses “são constituídos por ansiedades ou audácia em relação ao que é possível, de entrincheiramentos e ofensivas, de retiros e avanços em relação a outros grupos, de coragem ou fraqueza de vontade em resposta a problemas” (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p). São os indivíduos que mostram ao seu grupo imagens do que é possível e o que é impossível.

Eles calculam e calculam; eles são porta-vozes, deputados, representantes "eleitos": chefes de família, líderes de sindicatos, dignitários rurais, administradores de cidades, líderes partidários, estadistas. [...] Toda vida humana é um progresso ou um processo em direção a uma possibilidade, a abertura ou fechamento do que é possível, um cálculo e uma opção baseada em eventos aleatórios e na intervenção de "outras pessoas" (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p).

Ou seja, as ações humanas sempre se definem como um meio de acesso ao que é possível; elas são um ato de escolha. Sem resposta dada o "real" com seus problemas (suas contradições) e as soluções propostas, mais cedo ou mais tarde decidimos inequivocamente por uma solução adequadamente. É por isso que uma opção envolve uma estratégia e uma série de opções. As decisões têm sua lógica, sua matemática e seu cálculo. Estes cálculos giram em torno da relação "possível/real". Para Lefebvre, “sem possibilidade não pode haver atividade,

nenhuma realidade, a menos que seja a realidade morta das coisas em isolamento, que têm uma única possibilidade: manter-se como estão” (LEFEBRE, 2014, Vol. II, n.p).

Ainda assim, mesmo que os homens estejam preocupados ou descontentes, que desejem esmagar os limites sociais, não se pode afirmar que eles têm uma ideia clara das possibilidades. Por falta de imaginação derivada de uma falta de razão (dialética), a maioria das pessoas não acredita que as coisas possam realmente mudar (LEFEBVRE, 2014), e isso é o que significa dizer que o homem vive em ambiguidade. Para Lefebvre (2014), o estudo das mistificações revela a ambiguidade, que é a situação regular em que a vida cotidiana se desenvolve.

A maioria das ideologias tem sido mistificações na medida em que conseguiram, em certos períodos, fazer com que os homens aceitassem certas ilusões, certas aparências e introduzissem essas aparências na vida real e as tornassem efetivas ali. Devemos primeiro denunciar as mistificações e, em seguida, prosseguir para um estudo de como elas poderiam ter começado, de como elas foram capazes de se impor e de como a transposição ideológica pode operar na consciência dos homens; Pois ideologias e mistificações se baseiam na vida real, mas ao mesmo tempo, disfarçam ou transpõem a vida real (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p).

A ambiguidade significa a não escolha, o não posicionamento diante de uma situação que não é interpretada, ou “uma situação vivida constituída de contradições que têm sido sufocadas e não noticiadas, irreconhecidas como tal” (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p). Portanto, a ação passiva em relação às contradições não existe porque os homens as aceitam, e sim porque não compreendem sua existência. Não é uma questão de falta de atitude, e sim de falta de visão sobre os caminhos possíveis. Logo, viver em ambiguidade não é uma escolha: é não saber que elas existem. Para Lefebvre, o homem vive em ambiguidade, age em contradição, embriagado por ideologias que dão a falsa impressão de encaixe entre as diversas esferas da consciência e da prática. Esta é uma contradição obscura, distorcida na vida cotidiana, funcional aos modos capitalistas de produção e reprodução da vida. E é a falta de clareza a respeito de como o ser humano vive e se relaciona que permite a manutenção de relações contraditórias.

Entretanto, essa é uma situação mutável. O rompimento com a ambiguidade ocorre quando o indivíduo ou grupo passa a ter conhecimento da possibilidade de escolhas e percebe os caminhos que se apresentam à sua frente, tomando partido em uma ou outra direção. Para Lefebvre, “o melhor homem de ação é aquele que escolhe bem seu momento, que discute os prós e os contras em comprimento, mas não por muito tempo. Ele espera que a situação esteja madura, mas não podre” (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p).

Chega um momento em que devemos decidir e tomar uma decisão: deve fazer um julgamento e tomar uma escolha. As opções são decisivas. Eles lançam luz sobre tudo o que é escondido no mundo crepuscular da ambiguidade. A ambiguidade não pode durar muito tempo. Não é permanente. Isto tem um limite de tempo (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p).

Segundo Lefebvre (2014), é em períodos de tensão social que a vida cotidiana é suspensa ou transformada. E isso é quando a ambiguidade se revela como sendo: complexidade descontrolada, confusão, opacidade. A ambiguidade nos leva a uma decisão que o negará e revelará, trazendo-o ao fim e desmascarando-o: “um golpe brusco, e a ambiguidade cai” (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p).

Fora de períodos críticos (quando algo problemático tem mais importância que a estabilidade adquirida, quando a conjuntura desmonta a estrutura, quando a estratégia leva à ascensão e quando a necessidade de escolher se torna aparente e marca um momento de bifurcação no processo de tornar-se social), os grupos humanos vivem no modo da ambiguidade. Enquanto os problemas não forem imediatamente pressionando, ou se eles ainda estão para ser, grupos humanos podem ignorá-los (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p).

Para esclarecer a possibilidade de transformar a vida cotidiana, Lefebvre (2014) desenvolve a Teoria dos Momentos, que “deriva da necessidade de organizar, programar e estruturar a vida cotidiana, transformando-a de acordo com suas próprias tendências e leis. Deseja perceber as possibilidades da vida cotidiana e dar aos seres humanos uma constituição” (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p). Para o autor, se a ambiguidade é a regra, o momento é a exceção.

O momento emerge no cotidiano, onde aparecem as possibilidades, onde a “decisão inaugural” é feita. A partir dessa decisão, o momento se inicia e se abre a si mesmo. Esta decisão percebe uma possibilidade, escolhe-a entre outras possibilidades. Ou seja, o que constitui o momento é o ato de escolha, que o destaca e separa da ambiguidade inicial, que rompe com o comportamento condicionado pela ambiguidade. “A tomada de decisão muda o que era uma impossibilidade distante para uma possibilidade iminente” (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p).

O momento tem sua duração específica, “tem um começo, um cumprimento e um fim” (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p), tem sua própria história, sua memória, seus conteúdos – que vêm da vida cotidiana – e sua forma. Mesmo após sua passagem, os momentos conquistam sua singularidade na história. Lefebvre (2002) explica que os momentos têm seus antecedentes e formam-se antes mesmo de sua ruptura em relação à trivialidade de onde emergem. Eles elevam-se em relação às atividades fragmentadas, dando espaço ao novo e desalienado mundo, porém caem em nova alienação. Desalienado em relação à trivialidade do cotidiano e às atividades fragmentadas, ele se torna alienação porque se proclama como um absoluto. Sua existência pressupõe uma conscientização e, por isso, seu caráter contestatório é orientado pela projeção de caminhos possíveis, que, por sua vez, emergem da negação ao presente,

conscientemente indesejado. Ou seja, esses caminhos possíveis partem de uma negação e de uma necessidade de mudança.

O momento é definido como sendo “a tentativa de alcançar a realização total de uma possibilidade. Possibilidade oferece-se; E revela-se. É determinada e, conseqüentemente, é limitada e parcial. Portanto, querer viver isto como uma totalidade é esgotá-lo e cumpri-lo” (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p). Apesar de ter suas “essências” ou “poderes”, o momento está fadado ao fracasso. No entanto, o fracasso é o instante de maior importância no momento, pois seu cumprimento é a sua perda, seu fim. O momento esgota-se no ato de ser vivido. Ou seja, desejar viver a possibilidade em sua totalidade significa exauri-la e, ao mesmo tempo, realizá-la.

Para Lefebvre (2014, Vol. II, n.p), o objetivo prático da teoria dos momentos é “transformar esses poderes, essas totalidades parciais que estão destinadas ao fracasso, em "algo" imprevisto e novo, algo genuinamente total, que superaria a contradição ‘trivialidade/tragédia’”. Os momentos fazem uma crítica ao cotidiano e o cotidiano, por sua vez, faz uma crítica aos momentos pela sua factualidade, por se pautar nos fatos sem procurar verdadeiramente compreendê-los ou interpretá-los. Segundo o autor, “se quisermos entender e fazer um julgamento, devemos começar não a partir do fracasso em si, mas do esforço que leva até ele” (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p).

A teoria da alienação e do "homem total" é a força motriz que está por trás da crítica da vida cotidiana, e nos permitem representar o desenvolvimento social como um todo, determinar a direção em que ele está indo, quais as possibilidades que se abrem. Além disso, nos permitem analisar esse devir, esgotá-lo por amostras, penetrar em seus detalhes e vinculá-lo ao sistema geral. A crítica só terá sentido se ela contribuir para mudar a realidade que critica. Por isso, o caráter ambíguo da vida cotidiana é constantemente ressaltado por Lefebvre, já que é nela que o inevitável início da realização do possível acontece; é nela própria que as contradições da vida cotidiana encontram suas soluções.

Portanto, a busca pela compreensão da vida como ela é, da sua essência, voltando-se para os encadeamentos dos acontecimentos sociais para compreender a totalidade, é a direção que a crítica da vida cotidiana deve tomar. Desse modo, partindo de uma observação do cotidiano, esta pesquisa está orientada pela valorização dos fatos mais singelos e daquilo que é aparentemente trivial para ressaltar a riqueza que o cotidiano revela e, principalmente, buscar as conexões necessárias para estabelecer a crítica da vida cotidiana.

Antes de adentrar nas análises desta pesquisa é importante que se faça uma limpeza do terreno em relação ao conceito e o que esta pesquisa entende como “modos de vida”. A definição desse conceito é ambígua na sociologia; e a pluralidade de significados que o termo apresenta dificulta a compreensão das nuances interpretativas que os perpassam. Tal conceito é frequentemente empregado em textos científicos sem a devida definição acerca do real significado que lhe é atribuído. Além disso, muitos estudos utilizam os termos “estilo de vida” e “meios de vida” como sinônimos para “modos de vida”, dificultando o desenvolvimento de seu estado da arte. Da mesma forma, termos distintos como “*genre de vie*”, “*style de vie*”, “*way of life*”, “*lifestyle*”, “*mode of life*”, são traduzidos para o português também como sinônimos de “modo de vida”.

Segundo Isabel Guerra (1993), o estudo dos “modos de vida” deve articular três níveis analíticos: o sistema e os atores; a história e o cotidiano; e o objetivo e o subjetivo na percepção do real. A partir deste entendimento, Braga, Fiúza e Remoaldo (2017, p. 371) acrescentam que estes três níveis de análise devem ser articuladas de modo a “combinar a força da estrutura com a possibilidade de ação dos indivíduos, o nível da vida cotidiana articulado com o econômico, o político, o cultural, bem como as redes de poder estabelecidas nas articulações entre as diferentes esferas do social”.

Essa imprecisão em relação ao conceito me levou a buscar um entendimento em relação aos modos de vida a partir do referencial desta pesquisa. Muito embora os estudos de Lefebvre sobre o cotidiano tenham iniciado há mais de 70 anos, trata-se de uma obra contemporânea que aponta um caminho de frutíferas reflexões acerca dos modos de vida das comunidades ameaçadas por um projeto mineração.

Lefebvre (2014) refletiu a respeito das mudanças nos modos de vida das sociedades rurais no período de avanço da industrialização e da urbanização na França, especialmente durante o século XX. No primeiro Volume da obra, especialmente no capítulo “Notas Escritas em um Domingo no Interior da França”, o autor descreve com riqueza de detalhes uma pequena Igreja em sua aldeia natal. Para ele, o estudo das “tradições comunais que persistem até os dias atuais na vida rural” torna possível um retorno mental às origens das nossas civilizações (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p). Nesta viagem no tempo, observou como “cada aldeia constituía uma comunidade: uma grande família de pessoas ligadas pelo sangue, um modo de vida, e também por uma disciplina prática e uma organização coletiva de trabalho bastante rigorosa” (LEFEBVRE 2014, Vol. I, n.p).

Ao evocar esta vida no campo, Lefebvre (2014, Vol. I, n.p) “define a vida cotidiana tradicional de uma maneira geral como baseada na não-separação, na ausência de diferenciação da ordem cósmica que antes ligava o homem e a natureza”. Com o advento da modernidade a relação entre o homem e a natureza foi modificada e as ideologias mistificadoras implicaram a consciência privada, meio pela qual “a burguesia pode exercer pressões permanentes, e até certo ponto bem-sucedidas, sobre o proletariado”, influenciando sua divisão em indivíduos (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p). Ele entende o individualismo não só como uma teoria, mas também como um fato e uma arma de classe:

não é apenas através de suas ideias e sua concepção do mundo que a burguesia exerce essa influência. É certo que o seu individualismo teórico, o seu ‘atomismo social’, não é de modo algum ineficaz, mas a maneira como ele realmente organiza a vida cotidiana, o lazer, a vida familiar, etc., é infinitamente mais importante (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p).

A burguesia é uma classe de individualistas, “massas, objetivas, historicamente e socialmente”. Sua teoria do atomismo social tende a representar a sociedade como uma coleção de átomos justapostos, quebrando o corpo social em elementos separados. Fazendo uso da imagem criada por Nietzsche, Lefebvre observa que os grupos sociais individualistas são formados por “areia humana”, onde cada grão é bem distinto e separável. No entanto, quando juntos, formam uma massa. Para Lefebvre, “o que é cômico sobre isso é que cada grão de areia humana se considera não só distinto, mas infinitamente original. No entanto, nada é mais como um grão de areia do que outro grão de areia” (LEFEBVRE, 2014, Vol.I, n.p). O individualismo burguês implica a repetição de indivíduos que são curiosamente semelhantes em seu próprio modo de ser, em seus discursos, seus gestos, seus hábitos cotidianos (horários das refeições, momentos de descanso, entretenimentos, modas, ideias, expressões). Para Lefebvre,

a vida cotidiana foi literalmente "colonizada". Foi levado a um ponto extremo de alienação, em outras palavras profunda insatisfação, em nome da mais recente tecnologia e da "sociedade de consumo". Agora, essa tecnologia poderia possibilitar uma realidade cotidiana diferente. No entanto, essas mesmas causas têm efeitos uniformes, igualando as necessidades sociais e trazendo "desejos" em consonância uns com os outros; eles substituem os "estilos de vida" altamente diversificados anteriores por modos de vida cotidianos que são análogos, se não idênticos (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p).

Dessa forma, a diversidade das vidas cotidianas é cada mais devastada:

A civilização tecnológica ou industrial tende a diminuir as diferenças entre os estilos de vida (não estamos falando de padrões de vida) no mundo como um todo. Dito isto, seu argumento tem um ponto e levanta uma questão. A vida cotidiana seria meramente o lado humilde e sórdido da vida em geral e da prática social? Para repetir a resposta que já demos: sim e não. Sim, é o lado humilde e sórdido, mas não é só isso. Simultaneamente, é também o momento e o lugar onde o humano se realiza ou falha, já que é um lugar e uma época que a atividade

fragmentada, especializada e dividida não pode compreender completamente, por maior e mais valiosa que seja essa atividade... (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p)

Dito isso, temos em Lefebvre a existência de modos de vida que são historicamente e socialmente distintos. E, além disso, para o autor, o salto entre os modos de vida dos camponeses aos modos de vida típicos da sociedade burguesa, voltada ao individualismo, a uma vida privada, revela inúmeras contradições e alienações obscuras e silenciadas por ideologias, fetiches e mistificações.

As cidades nos falam da quase total decomposição da comunidade, da atomização da sociedade em indivíduos "privados" como resultado das atividades e do modo de vida de uma burguesia que ainda se atreve a afirmar que ela representa "o interesse geral" (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p).

Para Lefebvre, a vida cotidiana foi literalmente "colonizada", levada a um ponto extremo de alienação. Em outras palavras, foi levada a uma profunda insatisfação em nome da mais recente tecnologia e da "sociedade de consumo". Essa tecnologia poderia possibilitar uma realidade cotidiana diferente. No entanto, ela tem efeitos uniformes, igualando as necessidades sociais e trazendo "desejos" em consonância uns com os outros. Assim, há uma forte substituição dos "estilos de vida" altamente diversificados, como nas comunidades e aldeias primitivas e interioranas, por modos de vida cotidianos que são análogos, se não idênticos na modernidade.

Outros modos de vida cotidiana, outras necessidades, outras exigências, estão entrando em conflito com as modalidades da vida cotidiana impostas pela estrutura capitalista da sociedade e da vida, e tendendo a restabelecer uma solidariedade, uma aliança efetiva entre indivíduos e grupos. Como esse conflito se manifesta? Constantemente abatido, constantemente nascido de novo, como esta solidariedade é expressa? Como isso se traduz em termos concretos? É exatamente isso que o lado positivo da Crítica da Vida Cotidiana deve descobrir e descrever (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p).

Unindo teoria e prática, a crítica da vida cotidiana analisa a vida como é, sem criar uma entidade obscura, estudando elementos negativos e positivos que se confrontam e os novos conflitos e as novas contradições. Assim, Lefebvre pretendia revelar não somente os aspectos negativos do modo de vida, mas também a riqueza escondida sob as duras condições enfrentadas pelos trabalhadores. Para o autor, “é na vida - e à luz do conhecimento e experiência prévios - que formas de organização e ideias efetivas podem ser encontradas” (2014, Vol. I, n.p).

Introduzindo uma nova dimensão sociológica a partir do estudo do modo de vida no campo, Lefebvre (2014) confronta as abordagens filosóficas e suas limitações intrínsecas. Ao falar sobre o cotidiano de uma pequena aldeia da França, o autor traz a luz “em muitos aspectos,

os traços de ‘outra vida’, uma vida comunitária” que são ainda mais perceptíveis em uns lugares do que em outros (LEFEBVRE. 2014, Vol. I, n.p). Nesse contexto, interessava-lhe o exame das tradições e o sentido comunitário que persistiam no meio rural (especialmente os festivais, em seu dispêndio suntuoso da vida, estabelecendo rupturas instantâneas com o cotidiano, mas sem dele se afastar inteiramente). Do mesmo modo, ele critica as criações estéticas e literárias que se divorciam do cotidiano:

A natureza "pura" que alguns escritores aplaudem é, na verdade, essa vida camponesa em um estágio altamente evoluído e, de fato, em momentos e lugares muito raros da história, ela alcançou uma forma feliz, equilibrada e bem-sucedida. Na maioria dos casos, a continuação de um modo de vida belicoso, nômade, ou solo pobre, ou um clima ruim, ou, ainda mais, e especialmente as crises sociais e a rápida formação de castas brutalmente dominantes, arrastaram a vida social para becos sem saída, quase sempre precipitando seu declínio (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p).

Ao se referir à “outra vida”, os estudos em Lefebvre remetem à reflexão de que, apesar de não ser uma categoria específica trabalhada pelo autor, é possível compreender, e até mesmo buscar uma definição sobre “modos de vida” a partir da obra de Lefebvre. À luz deste aporte teórico, entende-se que os “modos de vida” estão diretamente relacionados ao seu tempo e espaço. Numa totalidade de vidas, há diversos “modos de vida”, vividos coletivamente através de elementos em comum – valores, cultura, ritos, hábitos, atividade produtiva, história, espaço, relação com a natureza – que definem um vínculo que une esses indivíduos. Dentro desse grupo social há um forte compartilhamento desses elementos, que solidificam esses modos de viver. Desses “modos de vida” resultam diferentes formas de intercâmbio entre os aspectos da vida cotidiana: trabalho, vida privada e lazer, os quais são condicionados pelo modo de produção capitalista.

Portanto, para compreender a construção desse entendimento apresentado a partir de Lefebvre, o movimento dialético de pensamento-ação é fundamental, uma vez que a existência desses modos de vida depende do modo de produção e reprodução de trabalho, capital e, no mais alto nível, da própria vida.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O principal procedimento de investigação desta pesquisa é a observação participante, que já venho realizando desde julho de 2017, quando me aproximei dos lutadores sociais. Como observadora participante, minha identidade e propósitos foram revelados ao grupo logo no início, o que facilitou o acesso a uma gama de informações. A análise dos dados coletados seguiu o método regressivo-progressivo, elaborado por Lefebvre a partir de sua leitura de Marx, e que consiste em partir do que existe, voltando passo a passo às condições desta realidade atual identificando o que a precedeu. Em seguida, se leva o processo na direção oposta para iluminar, elucidar e esclarecer todas as possibilidades contidas na situação presente. Em sua obra *A Produção do Espaço*, Lefebvre (1991, p. 65-66) descreve sua abordagem “regressivo-progressiva”:

Ela toma como ponto de partida as realidades no presente: o salto para a frente das forças produtivas, e a nova capacidade para transformar o espaço natural tão radicalmente que ela ameaça a própria natureza. O efeito desse poder destrutivo e construtivo se sente em todos os lados: ele entra em combinações, frequentemente de modos alarmantes, com as pressões do mundo do mercado. [...] A produção do espaço, tendo atingido o nível conceitual e linguístico, atua retroativamente sobre o passado, desvela aspectos e momentos até agora incompreendidos. O passado aparece sob uma luz diferente, e, portanto, o processo pelo qual esse passado se torna o presente também ganha um novo aspecto.

A principal dificuldade na aplicação desse método é que os dois movimentos se cruzam: a parte “regressiva” sempre ameaça invadir a parte “progressiva”, interrompê-la ou a obscurecê-la. O começo se encontra no fim, e o fim se apresenta desde o início, o que acrescenta uma complexidade suplementar à iluminação das contradições que levam adiante.

Partindo desse método, busquei dados históricos que fossem capazes de me levar à compreensão da gênese do presente, partindo do que existe e retomando as condições desta realidade atual, identificando o que a precedeu e refletindo sobre como os acontecimentos históricos poderiam possibilitar minha compreensão dos processos em curso no presente. Para a presente pesquisa, o “regressivo” parte de dados que resgatam a história da época da concessão das terras que deu origem ao Distrito de Palmas, desde a ocupação pelas primeiras famílias avançando até às comunidades que hoje vivem lá, o “progressivo”. Para tanto, o estudo qualitativo dos modos de vida das comunidades de luta da bacia do Camaquã partiu da coleta de dados secundários: redes sociais, grupos de interação *online*, mídias locais, produção acadêmica. Além dessas fontes, cartas, memórias, fotografias, música e artes plásticas também são de grande valia para esta pesquisa. O estudo desses dados antecederam as pesquisas de

campo *in loco* com o objetivo de adquirir uma maior familiarização com o tema, com a realidade dessas comunidades, dos seus modos de vida, do seu cotidiano, sua história, linguagem, atividades de lazer e produção local. Assim, cartas, diários e memórias também foram de grande valia para esta pesquisa. Essa etapa foi fundamental e ilumina diversos aspectos que pude observar durante a minha pesquisa de campo, sem que, no entanto, esses estudos fossem tomados como um roteiro ou guia de observação durante minhas visitas.

Durante os dias 23, 24, 25 e 26 de fevereiro de 2019, pude viver o cotidiano da comunidade das Palmas, Distrito de Bagé/RS. Em razão das distâncias e dificuldades de deslocamento na zona rural, fiquei hospedada na residência de Vera Colares, onde mora na companhia da mãe, Dona Eni, e do funcionário da propriedade, Régis Medeiros, mais conhecido como Rejão. Com um jeito simples e acolhedor, fui recebida na casa de outros moradores da região. “Tu toma um chimarrão?”, “queres provar uma figada?”, “pega aqui esse pãozinho que acabei de tirar do forno”, assim iniciávamos nossas conversas. Alguns mais tímidos estranhavam a visita de uma estudante de Porto Alegre, mas aos poucos iam falando um pouco sobre si e, principalmente, sobre a atividade produtiva: a pecuária familiar. Na oportunidade em que conheci o Distrito de Palmas, também visitei duas famílias em Minas do Camaquã, na região das Guaritas, e uma no Alto da Capela, em Piratini.

Além do período em que estive na região, também busquei participar de atividades e eventos destinados às discussões envolvendo temas relevantes à pesquisa e aos modos de vida dessas comunidades. A maior parte deles tratou sobre a luta contra o projeto de mineração.

As observações realizadas seguiram um formato livre, que se julgou ser o mais adequado tanto para o objeto de estudo quanto para a abordagem utilizada. O registro das observações seguiu uma forma de diário de campo. Além disso, também foram feitas gravações em áudio. Essas entrevistas seguiram um modelo não-estruturado, para que o entrevistado tivesse maior flexibilidade para discorrer sobre aquilo que, para ele, seria mais relevante no seu cotidiano. A ideia foi interferir o mínimo possível, para que aquele momento me levasse aos fatos mais relevantes: como vivem, o que produzem, como se relacionam, quais as formas de lazer e diversão. Nesse sentido, os registros fotográficos e em vídeo também foram utilizados para apreender os modos de vida, não só através da fala dos moradores locais, mas também de suas vestes, moradias, hábitos alimentares, tradições.

Além dos registros realizados por mim, acompanhei notícias da imprensa, documentos emitidos pelos moradores e seus grupos de luta, principalmente os registros feitos nas redes

sociais. Desde a formação do grupo União Pela Preservação do Rio Camaquã (UPP)¹⁰, o movimento criou grupos para auxiliar a comunicação e interação online dos participantes, onde, segundo Raquel Recuero (2016), os grupos sociais determinados e suas interações online compartilham experiências, símbolos e práticas específicas em espaços, geralmente, limitados.

A análise das informações coletadas foi construída a partir das categorias específicas do cotidiano analisadas e formuladas por Lefebvre (2014). Nessa estratégia de formulação teórica, serão discutidas as seguintes categorias: o conceito de totalidade; a noção de realidade; e a ideia de ambiguidade. As análises são fruto de uma construção de um pensamento dialético dessas categorias, pensadas em sua união e relações.

Pelo fato da principal obra de referência desta pesquisa ser orientada para as possibilidades, o cumprimento do objetivo dessa pesquisa levou à Teoria dos Momentos, etapa em que se buscou apresentar a crítica feita pelos modos de vida dessas comunidades a partir das possibilidades de confronto aos modos de vida típicos da ordem do capital; a partir de dois momentos: o primeiro, em relação às investidas do mercado na produção pecuária familiar, e o segundo, a luta contra o projeto de mineração.

O capítulo em sequência parte da narrativa do cotidiano das comunidades, desde os fatos mais simples, como os hábitos alimentares e as rodas de chimarrão, até o convívio em comunidade, os arranjos de produção local. Partindo do entendimento de Lefebvre (2014), estudar o cotidiano não significa atentar para fatos isolados, como trabalhar, comer, dormir, vestir, morar; trata-se de olhar para o encadeamento dos acontecimentos, de estabelecer conexões e de compreender suas relações que se desdobram em um espaço e tempo social. Nesse sentido, atentando para as contradições, alienações e possibilidades, esta pesquisa identificou dois Momentos: o primeiro, em relação à escolha pela pecuária familiar tradicional, e o segundo, a organização da luta contra o projeto de mineração.

¹⁰ Grupo de luta contra a mineração às margens do rio Camaquã, fundado em dezembro de 2016, que integra moradores da região, artistas, pesquisadores, ambientalistas, atletas, comunicadores sociais.

3 A CRÍTICA DA VIDA COTIDIANA DAS COMUNIDADES DA BACIA DO RIO CAMAQUÃ E SUAS POSSIBILIDADES DE LUTA

Para compreender a construção desse entendimento apresentado a partir de Lefebvre, o movimento dialético de pensamento-ação é fundamental, uma vez que a existência desses modos de vida depende de sua produção e reprodução que, por sua vez, significa vida reprodutora de vida. O contato com o cotidiano das comunidades da bacia do rio Camaquã revela um modo de vida comunitário, compartilhado e que sob a ótica da Crítica da Vida Cotidiana, ainda carrega em si elementos de uma vida belicosa, simples e ainda pouco absorvida pela “modernidade”. Apesar da resistência às diversas frentes de ameaça, das escolhas que preservam a tradição local e o vínculo entre os moradores, esse modo de vida estão dentro do sistema capitalista, subordinados e condicionados pela produção.

Partindo de uma narrativa do cotidiano dessas comunidades será possível observar diversas mudanças no campo, que por sua vez, no âmbito mais profundo, são causadas pelo avanço do capitalismo. As contradições, mistificações, ideologias e alienações, ou seja, o lado negativo do cotidiano, revelará possibilidades que confrontam, em partes, os modos de vida típicos da estrutura capitalista, e serão analisados, na sequência, a partir da Teoria dos Momentos.

3.1. A VIDA COTIDIANA DAS COMUNIDADES DE LUTA DA BACIA DO RIO CAMAQUÃ

“Pegando a BR-153, sentido quem sai de Bagé pra Caçapava do Sul, no km 579, pega à direita e já tá no corredor da Lixiguana, nas Palmas” (Vera Colares). A estrada de chão batido passa por dentro de propriedades e, entre uma porteira e outra, há até quem queira proibir a passagem do vizinho! O problema é que “o pessoal que vem de fora, eles não têm o mesmo ritmo da gente aqui, né. Com o tempo eles acabam se domando, como diz o ditado! Mas no início eles criam umas encrenca”. Acontece que os moradores novos que chegam na região ainda “não têm aqueles vínculos que a gente tem”, afirma Vera Colares¹¹.

¹¹ Moradora do Distrito das Palmas, Vera também é presidente da Associação para Grandeza e União de Palmas (AgruPa) e uma das líderes do grupo de luta contra a mineração, a União Pela Preservação do rio Camaquã (UPP).

Segundo Antônio Candido Silveira Pires (1922, p. 46 e 47), em sua obra “Palmas da Gente – Guardados da Memória”, “Palmas não foi mera divisão administrativa e nem simples distrito”. Trata-se de “uma comunidade nascida de troncos da mesma cepa; entrelaçada pelo sangue de suas famílias; fortalecida na convivência amigável e descansada; identificada no mesmo tipo de atividade econômica: a pecuária como negócio e a agricultura como subsistência”; impelida “por interesses e problemas comuns. Claro que com virtudes e defeitos, com alegrias e dramas”. Estes traços e a delimitação física da região constituem as características “daquela gente hospitaleira, sociável, tranquila e participativa” [...] “sem pressa, porém sempre pronta a ‘dar uma mão’ ou ‘um auxílio’ para o vizinho; a vibrar com os entevos políticos e revolucionários; a correr para uma festa”.

A forte relação dos moradores locais com as terras da região está ligada à produção local, aos hábitos, costumes, tradições e história: “para muitos, sair daqui significa a morte. Isso aqui é a nossa vida” (A LUTA, 2017). A memória da comunidade está enraizada em uma história de mais de 200 anos, da qual muitos deles falam com imenso orgulho: “nossos antepassados chegaram aqui com as primeiras sesmarias doadas para os Simões Pires” (A LUTA, 2017). Com o compromisso de guardar as fronteiras do país, nesse caso, a fronteira com o Uruguai, o Rei dava terras por meio de sesmarias. Naquela época, conta Vera, “esses lugares aqui eram totalmente ermos. Isso aqui era um deserto qualquer”. “O pessoal fala: ‘ah, mas ganharam a Sesmaria!’ Mas não era assim, né. Isso não era um presente; era um presente de grego, né! Tu ganhava um fim de mundo e tinha que cuidar”.

As primeiras terras da região, concedidas ao Seu Antônio Simões Pires, em 30 de novembro de 1799, de acordo com a Carta de Confirmação de Sesmarias, assinada pelo Príncipe D. João, regente de Portugal na época, são localizadas como

Huns Campos de volutos do outro lado do Rio Icabacuã, logo acima do passo dos Inforcados, por donde segue a Estrada para Santa Tecla, os quaes Campos tem duas Leguas de largo e duas de comprido, fazendo fundos pelo Norte com o mesmo Icabacuã, e Icabacuã Chico, pelo Leste com hum piqueno Arroyo, que tem nas Cabeceiras huns faxinaes e pelo Sul com as ditas Cabeceiras, eoutras eoutras cahidas das Agoas que vão aodito Arroyo das Palmas, formando hum Boqueirão, junto ahuns Serros asperos (PIRES, 1992, p. 51)¹².

Além da família Simões Pires, os Brasil e os Collares foram os primeiros a povoar a região. Segundo Vera Colares, a história da família é que dois de seus ascendentes foram para a região das Palmas e “casaram com as filhas dos Brasil. [...] diz os livros que uma delas tinha

¹² Transcrita com a ortografia original.

12 e a outra tinha 13 e eram primas. Aí eles casaram e aí veio a nossa família. Então, nós somos originalmente, por lado de pai, Brasil Colares”. Essa busca pelas raízes é presente até os dias de hoje. Ao visitarmos a casa da Dona Zita, na região das Guaritas, em Minas do Camaquã¹³, Vera disse: “sou sua parente, somos Simões Pires, mas eu não me lembro bem qual é a ramificação”. Segundo ela, uma de suas avós era Simões Pires da região das Guaritas.

O Distrito de Palmas, assim como outros no entorno, herdaram elementos de origem lusa, como, por exemplo, a arquitetura das casas coloniais mais antigas construídas com materiais de alvenaria de pedra ou tijolos de adobe, as paredes largas com grandes aberturas e madeiramento em pisos e tetos.

Figura 3- Casa de alvenaria construída no século XVIII, no Distrito de Palmas



Fonte: Própria (2019)

Caminhando ao redor da casa do seu Sérgio Augusto Brasil Torma Scholante (foto acima), a mais antiga do corredor da Lixiguana e, possivelmente, do Distrito de Palmas, ele mostrou como ainda funciona o relógio de sol: “aquela plaquinha com sombrinha é que vai marcando a hora”. Localizado no canto superior direito da casa, o artefato “é do tempo que não tinha relógio, não tinha nada”. Segundo os cálculos do Seu Sérgio, a construção da casa tem, aproximadamente, 220 anos.

Foi o Armindo Teixeira Brasil que construiu, lá por 1779, virando pra 1800. Aí passou gerações. Em 1925 moravam meus avós aqui e depois vendeu pro meu cunhado isso aqui, Miguel Alves de Oliveira. Aí ficou pro filho dele, meu cunhado. Aí meu cunhado faleceu e minha irmã tinha só um filho que foi embora pra Porto Alegre. Eu me criei

¹³ Distrito de Caçapava do Sul.

aqui com eles. Minha irmã morou aqui um pouquinho. Terminou fazendo outra casa (informação verbal)¹⁵.

Em geral, o dia do campeiro inicia com um chimarrão. Na cozinha, o fogão à lenha está sempre aceso e, mesmo com a presença de um fogão elétrico, ele ainda é o protagonista, tanto no inverno quanto no verão. Nele é aquecida a água pro mate, o leite pro café da manhã, o preparo das refeições da família, os pães, os bolos e até a comida dos cachorros.

Figura 4 – Fogão à lenha, o destaque da cozinha campeira



Fonte: Própria (2019)

No campo, pouco importa se é terça-feira ou domingo, pois, a lida campeira¹⁷ é diária. Segundo seu Decinho, morador e líder da Associação das Guaritas, em Minas do Camaquã, “serviço aqui a gente tem todo os dia. No campo a gente sempre tem o que fazer”. O convívio diário com os animais é uma característica e também é motivo de orgulho e prazer. “É difícil o dia que não se lida com os animais, o dia que não lida com gado você lida com ovelha”

¹⁵ Entrevista concedida por SCHOLANTE, Sérgio Augusto Brasil Torma. Entrevista 07. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo .mp3 (23min e 7seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

¹⁷ Conjunto de atividades e ofícios para manutenção das propriedades rurais, relacionadas à criação, manutenção e reprodução de rebanhos animais, especialmente bovinos, ovinos e equinos, dentre eles: esquila ou tosa da lã de ovinos, feitura de cercas e aramados, confecção de artefatos e utensílios em couro, doma, campereada. (MAZURANA, Juliana; DIAS, Jaqueline Evangelista; LAUREANO, Lourdes Cardozo. Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa. Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia, v. 1, 2016, p. 70)

(MAZURANA, DIAS e LAUREANO, 2016, p.75). A rotina de vida no campo só muda em dias de chuva, “porque se tá chovendo, assim, a gente não faz serviço de campo, porque é ruim, molha os arreio, a gente se molha”, disse Vera Colares. Nesses dias, a alternativa é fazer o serviço de casa, “limpando ao redor da casa, capinando, juntando sujeira”, “os guris, quando tem madeira pra arrumar, aproveitam pra furar as tramas pros cercados, porque dá pra fazer no galpão”.

Os saberes relacionados à lida campeira são repassados por gerações nessa região do Pampa. Ao conversar com os moradores e observar o desempenho das atividades no campo, eles apontam as diferenças na forma como se lida com o gado e a ovelha e o jeito como manejam os rebanhos.

O gado ele é mais rústico, mais perigoso também, mais agressivo. Não pode chegar muito na pata dele que ele te dá uma patada que te arrebenta, te quebra a tua cabeça, mesmo que cavalo. A ovelha tu pega, já levanta pra cima, derruba, ela é levinha e é mansinha, não ataca; qualquer criança lida. Já o gado tem que ter cuidado, ele começa a dar pra trás tu já tem que dar nele um pouquinho, né, não de judiar dele, mas é que as vezes eles tão mais rebelde e procuram o campo e tu tem que ser ligeiro, sair correndo, as vezes tem que botar os cachorro, mas até que é mais ou menos parecido. Só que o gado tu faz mais remédio injetável, com a ovelha é mais pela boca, mais de dose com o aparelho de dosar, o gado é mais injeção (informação verbal)¹⁸.

Além disso, o contato quase que diário que o campeiro tem com os animais faz com que ele conheça cada rês, principalmente o gado, seja pelo temperamento, seja pela pelagem diferente. Esse conhecimento é de grande importância na hora de juntar os rebanhos para revisar, banhar, curar e vacinar, porque o tipo de campo da região, chamado de campo sujo, é coberto por vegetação arbustiva e dificulta o manejo dos rebanhos.

Aqui, aqui é mais difícil porque é tudo muito sujo. Tem que levar os cachorro junto pra fazer barulho no mato, eles vão acoando, vão fazendo barulho e aí o animal vai pro limpo. Mas se não vão, aí tu tem que procurar, e as vezes leva um dia, leva dois dias e tu não acha. A vaca com cria, principalmente, é complicado. A vaca em geral, em geral não, mas algumas vacas, muitas delas, tem o costume de se esconder pra dar cria. Esconder o filhotinho. É do extinto de sobrevivência do animal, né. Só que se elas derem cria, por exemplo, dois, três dias e não curar o umbigo onde fica sanguezinho daquela parte que tá grudado na mãe, se tu não curar ele abicha e aí se tu não acha ele morre bichado. Então as vezes a vaca esconde e tu procura, procura, procura ... a maioria das vezes tu acaba achando, ou passa um ou dois dias que o terneirinho já tá caminhando mais firme e ela já leva ele pro rodeio com as demais vacas, né. O mais normal é isso, né. Mas as vezes é comum também morrer o bichinho e tu não encontrar nunca porque ela escondeu no meio do mato. Então a característica desse tipo de trabalho aqui é mais

¹⁸ Entrevista concedida por COLARES, Vera. Entrevista 43. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (5min e 49seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

difícil, assim. Não é pra qualquer campeiro. Chega um campeirinho de campo limpo aqui, bah! (informação verbal)¹⁹.

Apesar da grande quantidade de vegetação do campo, os pecuaristas explicam que há momentos em que o animal sai para locais com visibilidade: “tá vendo aquela árvore ali, oh, lá tem um limpinho com as ovelhinha, tá enxergando? A gente que tem olho acostumado enxerga de longe”. De acordo com Vera, nas horas de sol quente os animais “vão pro limpinho pra pastar” e é aí que o campeiro sai para juntar os lotes na mangueira (informação verbal)²⁰. A junção dos lotes é realizada tanto no manejo do gado quanto das ovelhas, e ambos utilizam outros animais, como os cavalos e os cães, para auxiliar na lida.

A principal função do cavalo é facilitar o deslocamento no campo, nas estradas de chão batido e, até mesmo, na travessia do rio. Além de utilizá-lo como meio de transporte, os pecuaristas familiares se expressam culturalmente através da relação com o cavalo. A relação histórica de Pecuaristas Familiares com o cavalo, associada ao temperamento, inteligência, destreza e funcionalidade deste animal, cria uma relação de afeto e lealdade: “o pecuarista se apega muito ao cavalo, tem amor pelos animais” (MAZURANA, DIAS e LAUREANO, 2016, p.78).

No caso dos cachorros, “eles ajudam a achar e ajudam a tocar o animal. Tu bota na estrada aqui e se entra uma tropa pro mato eles vão lá e tiram”. Quando bem ensinados e orientados – tarefa que é realizada, na maior parte das vezes, pelo dono do animal –, eles trabalham igual a um peão campeiro, e há quem diga que trabalha melhor: “tu leva mais vantagem saindo sozinho com os cachorros do que sair sem os cachorros com dois ou três homens”, disse Seu Sérgio. Em geral, os cachorros são de uma raça padronizada, um “ovelheiro mais rústico” e podem ser usados para trabalhar com o gado e as ovelhas.

¹⁹ Entrevista concedida por COLARES, Vera. Entrevista 19. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (28min e 17seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

²⁰ Entrevista concedida por COLARES, Vera. Entrevista 18. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (55seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

Figura 5 - Seu Sérgio Scholante na companhia de seus ajudantes



Fonte: Própria (2019)

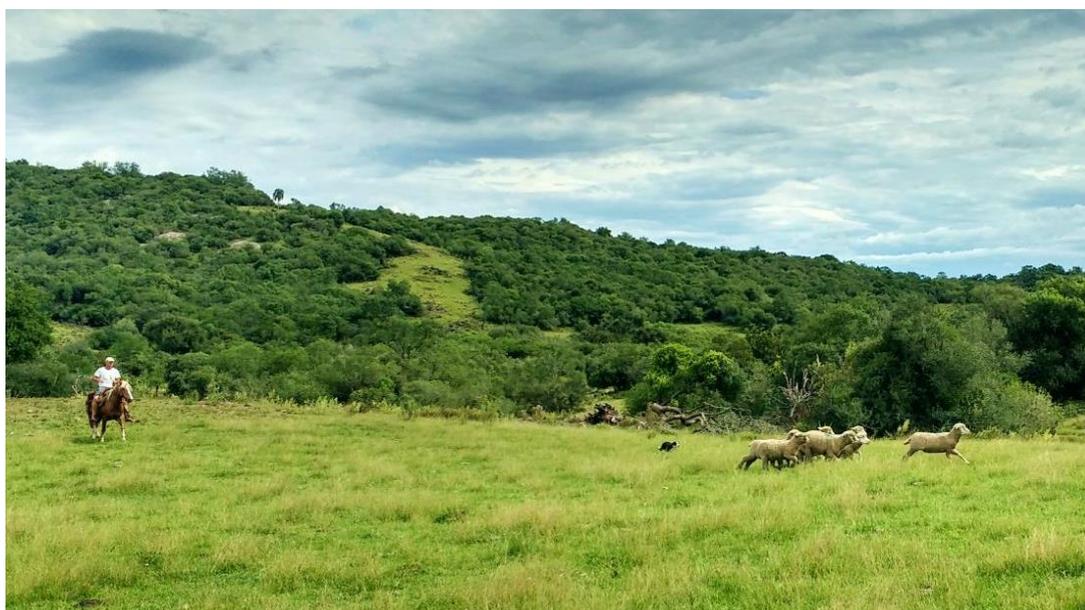
Segundo Vera Colares, geralmente “eles preferem trabalhar com o gado. Eles podem morder mais e acoar, é maior, é mais rebelde. Aí eles se divertem mais correndo atrás”. Outro saber do campo que é fundamental para a lida são os comandos dados aos cachorros para que saiba como tocar o animal, porque se o campeiros, ao juntar um rebanho de ovelhas, começar a atihar os cachorros como faz com a tropa de bois, e diz: “pega, pega! Aí daqui a um pouquinho ele pega”, alerta Vera. Quando se está trabalhando com as ovelhas, os comandos precisam ser mais tranquilos, “não pode ser os mesmos comandos que tu dá pro gado, tem que saber lidar”. Apesar de bom ajudante, o cachorro precisa ser bem treinado porque, se mal utilizado, ele pode acabar estressando o animal. Para Vera, “se o gado tá quietinho na estrada eu não admito que os cachorro fiquem latindo neles; faço ir lá pra trás. Eles abrem a boca e eu já grito com eles: ‘já pra trás, fulano! Que que tu tá gritando se o gado tá quieto na estrada’ (informação verbal)²¹.”

Com os lotes reunidos, é feita a contagem: “ah, são 51 rês e tá faltando uma. Aí a gente começa a olhar: ‘Tá faltando aquela pretinha, assim, assim, assado, e ela fica lá naquele coqueirinho’. Aí vai lá e busca ela”, conta Vera. A campereada nem sempre tem a mesma duração. Em geral, quando saem para o campo, leva-se um tempo curto, cerca de um turno, dependendo da “sorte”:

²¹ Entrevista concedida por COLARES, Vera. Entrevista 16. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (17min e 53seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

Tu sai às 8h da manhã, 7h, tu volta perto do meio-dia, 11h e 30min, 11h. De tarde tu sai 15h, por aí, volta às 18h, 19h. Fica um turno. Porque é longe, né. Quer dizer, longe não é, mas aqui os campos são muito cheios de arbusto, árvore, aí tu tem que procurar o gado, tocar eles pro lugar. A gente ensina eles a se reunir num determinado lugar. Então tu sai no campo e vai gritando, vai atijando os cães, né, e eles sabem que eles tem que ir pra um determinado lugar; e eles se reúnem tudo ali. Então tu faz toda a volta no campo gritando e olhando no meio das moita, aí quando tu volta pro rodeio, normalmente, estão todos lá te esperando. Mas só que nem sempre! As vezes tu chega lá e falta dois ou três, aí tu tem que sair a procurar, porque aquele que falta deve ser justamente porque tá doente, com bicheira. Então tu não pode dizer: “ah, faltou dois hoje, eu vou deixar! Depois daqui uma semana eu volta e olho esse” Informação verbal)²².

Figura 6 – Campereada



Fonte: Própria (2019)

Ao acompanhar a campereada, é possível vivenciar o modo de vida tradicional da região, com muitos dos seus saberes e fazeres, além de ser essencial para cuidar dos rebanhos. “Camperear é levantar de manhã cedo, tomar chimarrão, café, se faz a ordenha e dali segue a cavalo, pro campo” (MAZURANA, DIAS e LAUREANO, 2016, p. 77). A pecuária familiar²³,

²² Entrevista concedida por COLARES, Vera. Entrevista 08. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (1h 9min e 47seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

²³ Reconhecendo a importância econômica e social desse segmento, foi instituído no Rio Grande do Sul o Programa Estadual de Desenvolvimento da Pecuária de Corte Familiar, através da Lei Estadual Nº 13.515, de 13 de setembro de 2010, que tornou o apoio a esses produtores uma política de Estado. Essa lei foi regulamentada através do Decreto nº 48.316, de 31 de agosto de 2011, que, no seu Art. 3º, define como pecuaristas familiares os produtores que atendam simultaneamente às seguintes condições: tenham como atividade predominante a cria ou a recria de bovinos e/ou caprinos e/ou bubalinos e/ou ovinos com a finalidade de corte; utilizem na produção trabalho predominantemente familiar, podendo utilizar mão de obra contratada em até cento e vinte dias ao ano; detenham a posse, a qualquer título, de estabelecimento rural com área total, contínua ou não, inferior a trezentos hectares; tenham residência no próprio estabelecimento ou em local próximo a ele; e obtenham no mínimo setenta por cento

principal atividade produtiva da região, está baseada na produção extensiva e se caracteriza por respeitar o meio ambiente em que está inserida e pela forma de condução das práticas de manejo. Segundo Mazurana, Dias e Laureano (2016, p.75), a pecuária familiar toma uma dimensão que vai muito além da atividade econômica, ela “é um modo de ser e de viver próprio, orientado pelos ciclos naturais, das plantas e dos animais”.

“Raríssimas são as pessoas que têm funcionários de fora” (A LUTA, 2017), e mesmo quando tem, a família ainda é a responsável pela organização do trabalho na propriedade. Na maior parte das vezes, esses funcionários “de fora” já possuem experiência com a lida do campo, mas não possuem renda suficiente para comprar terras e manter os rebanhos. Em alguns casos, o funcionário mora em uma casa no terreno da propriedade, inclusive com sua família, e mantém suas despesas com o salário que recebe trabalhando no campo do patrão.

Quando Lefebvre (2014) comparou a simplicidade da vida camponesa com a vida dos trabalhadores industriais, ele observou que o que os distingue tão profundamente é a ingerência da atividade produtiva em sua vida, em sua totalidade. Segundo o autor, nas aldeias, o local de trabalho era todo ao redor da casa, junto da vida cotidiana da família (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p). Assim também é para essas comunidades em estudo. A magnitude da presença da família é expressa na principal atividade da região: a pecuária “familiar”, que recebe esse título justamente porque todos da família estão envolvidos na lida campeira. Mulheres e crianças também acompanham o trabalho do campo e, mesmo que tenham outras atividades, como os cuidados da casa, artesanatos, quitandas, os estudos, todos auxiliam de alguma forma. Faz parte da tradição aprender a lida com a família:

‘A gente aprende com a família, com os mais experientes, vendo e fazendo, no sacrifício, e o dia a dia vai ensinando’. Da mesma forma, procuram repassar estes saberes para filhas e filhos. ‘Lidar com animais vem de berço, meu avô e meu pai faziam isso, e a minha pequena adora’. O regime de trabalho segue sendo familiar, com o envolvimento de todas as gerações nas lidas campeiras (MAZURANA, DIAS e LAUREANO, 2016, p. 75).

Cristina Colares contou que foi criada nesse meio e contou que o “pai trabalhava numa fazenda e a gente ajudava ele. Desde pequeninha a gente ia pro campo com ele e de tanto observar tu vai aprendendo a fazer e eu gosto”. O mesmo ouvi de Jaqueline, moradora da

da sua renda provinda da atividade pecuária e não agropecuária do estabelecimento, excluídos os benefícios sociais e os proventos previdenciários decorrentes de atividades rurais. Disponível em: <<http://www.emater.tche.br/site/area-tecnica/sistema-de-producao-animais/pecuaria-familiar.php#.XrykVfnnGUL>>. Acesso em: 03/07/2019.

comunidade do Alto da Capela, em Piratini, que me disse que o seu filho Cauã, de apenas 10 anos de idade, adora acompanhar o pai na campareada: “ele já anda a cavalo desde os 3 anos”. Durante nossa conversa, ela também contou que, naquele dia, seu filho não estava se sentindo bem, mas que igual “ele se levantou 6h e queria ir pro campo” (informação verbal)²⁴.

O contato com a lida do campo permite observar não só como o trabalho produtivo se funde com o que Lefebvre (2014) chamou de “vida privada”, mas além disso, que os vínculos entre os moradores da comunidade são tão fortes que não se identifica traços de uma vida privada, mas de uma vida compartilhada. Essa vida comunitária remete aos estudos de Lefebvre sobre sua aldeia natal, onde ele percebeu a existência de “um modo de viver que, estritamente falando, não pertencia a nenhum indivíduo, mas a um grupo de homens comprometidos com os laços – e limites – de sua comunidade ou corporação” (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p).

No Distrito de Palmas, segundo Vera Colares, “ainda se vive o verdadeiro espírito de comunidade. O pessoal se conhece e aqui todo mundo, apesar das distâncias, todo mundo se conhece, conhece os pais, é uma coisa que vem de geração por geração porque as famílias não mudam muito”. No campo, a vida comunitária é a base para a troca de conhecimentos, do aperfeiçoamento das práticas e, até mesmo, da solidariedade entre os vizinhos, e é dessa forma que a pecuária familiar é mantida através de gerações e pressupõe um conjunto de saberes tradicionais que são essenciais para a reprodução deste modo de vida. Portanto, são os laços comunitários que permitem o compartilhamento dos saberes do campo, das ferramentas de trabalho e até mesmo da própria força física quando um vizinho auxilia outro. Esse espírito de comunidade inspira a prática daquilo que chamam de “ajutório”, uma espécie de ajuda mútua, de troca de serviços, de conhecimento, de produtos (MAZURANA, DIAS e LAUREANO, 2016, p. 75).

Esse espírito de ajuda, digamos, é bem fluente na nossa comunidade. O pessoal é bem unido. Claro, tem pessoas que são mais desagregadoras, como todo lugar, mas isso é normal. Uns que são meio, mesquinhos. Mas, em geral, o pessoal é bacana. Tem um espírito bem solidário, até é um espírito que vem até da... surgiu da necessidade. Um pouco é genético mesmo, mas tem vários fatores. A necessidade ajuda porque, hoje nós estamos com muitas facilidades na zona rural, mas antigamente a gente não tinha estradas, a gente não tinha veículo, ninguém tinha. Então era tudo difícil. Tu precisava de algum remédio, tinha que pedir pros vizinhos; pra levar na cidade, tu tinha que pedir e, as vezes, só tinha um que tinha carro; as vezes não conseguia chegar, tinha

²⁴ Entrevista concedida por Jaqueline. Entrevista 39. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (1h 34min e 24seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

que sair com o doente no colo. Enfim, tínhamos muitas necessidades e as pessoas precisavam ajudar umas às outras (informação verbal)²⁵.

Essa relação entre os moradores fazem parte dos modos de viver na região e determina as dinâmicas sociais e de produção. Enquanto estava nas Palmas pude vivenciar um desses momentos. Ao sair pela estrada para juntar os rebanhos para o banho do gado, Vera e Régis Medeiros, mais conhecido como Rejão, encontraram um vizinho, Seu Paulo, que os ajudou no trabalho daquela manhã para tocar o gado nas mangueiras. Enquanto o vizinho presta ajuda naquela atividade, ele também fala sobre o que sabe a respeito de determinado remédio, procedimento de manejo. Essa troca faz parte do cotidiano dessas comunidades e, ao mesmo tempo em que alguém ensina, ele também aprende. Práticas como essa apontam para um regime cooperativo de trabalho que flui naturalmente entre os moradores, baseado na solidariedade e amizade.

Figura 7 – “Ajutório”



Fonte: Própria (2019)

No entanto, considerando as contradições da realidade, essa solidariedade não exclui o fato que por trás dessas ações os indivíduos possam estar orientados por outros interesses, já que a qualidade da produção do vizinho contribui para o reconhecimento da produção da região,

²⁵ Entrevista concedida por COLARES, Vera. Entrevista 3. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (43min e 59seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

ressaltando a procedência dos produtos. Neste caso, o que se quer ressaltar é que essas práticas de “ajutório”, diferente de outras práticas que se fundamentam na competição, não resultam em conflitos entre os indivíduos e que os afastam do convívio em comunidade.

Esses vínculos, esses modos de vida, se expressam nas formas como a propriedade privada e os meios de produção são percebidos pelos moradores. Na região das Palmas, o compartilhamento da propriedade e dos meios de produção possibilita os vizinhos que não possuem condições financeiras para construir a estrutura em sua propriedade que utilize a do campo dos vizinhos. “Geralmente uns quantos usam a mesma estrutura”. O custo para a construção da estrutura é pago pelo proprietário.

É muito caro pra tu ter uma estrutura em cada lugar, né. E ali, nessas minhas mangueiras, a vizinhança costuma, tem vários vizinhos que tem campo ali perto das minhas mangueiras, então eles usam também, comigo, as minhas. Então eles banham o gado ali, eles compram remédio e ajudam a carregar o banheiro. Joãozinho, o Gonzaga, o Tio Sérgio, eu, o mano Lima, algum vizinho, às vezes, como o Neco, por exemplo, que tava levando a tropa de gado dela, ele trouxe lá da casa dele, lá na beira do Camaquã, e pediu licença pra deixar o gado dele ali no meu campo que é cercada, tem uma área pequena, pra o gado descansar e daí no outro dia seguir com a tropa. Então, assim, os vizinhos vão se ajudando, né (informação verbal) ²⁶.

O compartilhamento da propriedade e dos meios de produção possibilita os vizinhos que não possuem condições financeiras para construir a estrutura em sua propriedade que utilize a do campo dos vizinhos. “Geralmente uns quantos usam a mesma estrutura”. O custo para a construção da estrutura é pago pelo proprietário. Segundo Vera, “os donos compartilham a construção. Mas o custo do banho, dos remédios, isso sim é feito um rateio, uns compram”.

O usufruto das propriedades rurais nessa região leva-nos a buscar um entendimento em Marx e Engels (2009)²⁷, que estabeleceram comparações entre os instrumentos de produção e as formas de propriedade. Sob a ótica dos instrumentos de produção, eles observaram que os indivíduos estão ligados por algum vínculo, seja a família, a tribo, a própria terra, em que as trocas ocorrem entre os homens e a natureza, tendo como base a troca do trabalho de um pelos produtos de outro, em que o domínio do proprietário sobre os não proprietários pode assentar em relações pessoais, sobre uma espécie de comunidade (MARX e ENGELS, 2009, p. 73 e 74). Já do ponto de vista da propriedade, os indivíduos são independentes uns dos outros e apenas

²⁶ Entrevista concedida por COLARES, Vera. Entrevista 19. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (28min e 17seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

²⁷ A Ideologia Alemã. 1ª edição, Editora Expressão Popular. A obra é formada por manuscritos, que não receberam dos autores uma forma final para publicação. Os textos foram escritos originalmente entre os anos 1845-1846 e representa a primeira exposição estruturada da concepção do materialismo histórico, social e dialético.

unidos pelas trocas realizadas entre si, nas quais o domínio do proprietário sobre os não proprietários assume uma figura coisificada, a figuras do dinheiro. No caso em observação, há uma contradição presente no aspecto da propriedade privada. Os moradores entendem que o dono da propriedade tem direito sobre ela, que aquela área pertence a alguém, mas que, de certa forma, ela também pertence à comunidade. Nesse contexto, o “existir” e o “ter” possuem uma dimensão diferente daquela identificada por Lefebvre (2014, Vol. I, n.p): “sob os regimes capitalistas, ‘existir’ e ‘ter’ são idênticos”. Com isso, não se quer dizer que o “existir” e o “ter” não estejam presentes, mas que há uma forma diferente de manifestação daquela desenvolvida por Lefebvre (2014). O “ter” se expressa a partir da qualidade dos rebanhos, na raça da ovelha, no nivelamento dos bezerros nascendo numa mesma época com características semelhantes, na estrutura dos banheiros, das mangueiras.

Em geral, para essas comunidades, aquele que “não tem” não está privado de “existir” como campeiro, criador, produtor; ele usufrui de parte daquilo que outros possuem e retribui através da troca de serviço, de produtos, do “ajutório”. Não que em algumas situações o “existir” e “ter” não estejam tomando a mesma dimensão, mas o que se destaca é que há uma absorção daqueles que “não tem” por parte da comunidade, de modo que esse indivíduo não esteja separado da existência em geral.

A solidariedade que existe entre os moradores se manifesta de diversas formas. Seu Mano Lima e Dona Zilma lembraram do tempo em que aguardavam a chegada da energia elétrica na vizinhança.

nós ia lá na agência e o Mano falava e eu e o Neco de pé lá enchendo o saco, o Beto de braço cruzado e a Nega não falava. Aí eles falavam que não era pra dizer lá pro pessoal da Pedra Grande. Aí nós falava: ‘não! É todo mundo!’ Eu não quero só pra mim, né. Aí nós dissemo pra eles: ‘oh, se vocês não ir lá, a semana que vem nós vamo vir todo mundo aqui, vamo botar câmara, chamar rádio, televisão, vamo chamar todo mundo. Os que já tem luz tá todo mundo nos apoiando, não vão vim só nós aqui pra frente, vai toda as Palma em peso pra cá!’ Aí demo 15 dia pra eles. Aí eu sei que vieram, chegaram aí e começaram a colocar (informação verbal)²⁸.

Portanto, no campo, existe uma vida compartilhada, uma vida verdadeiramente comunitária. Esse é o entendimento que as pessoas que vivem naquele lugar possuem e que, na maioria das vezes, se confronta com a relação que os novos proprietários estabelecem com suas propriedades e a vizinhança. Segundo Vera Colares, “às vezes chega umas pessoa que foram criada na cidade, que tem dinheiro, que compra uma propriedade e que não sabe”; “as vezes

²⁸ Entrevista concedida por LIMA, Antônio, , Vera. Entrevista 27. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (1h 15min e 04seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

chegam e já criam atrito. Não é todos, mas dos atritos que há aqui é porque geralmente as pessoas não querem que passem por dentro do campo” (informação verbal)²⁹. Para ela, as pessoas que chegam nessas comunidades não tem o mesmo ritmo, não conhecem a história do lugar, os costumes:

mas a gente que é daqui a gente guarda esses laços. Mas se vem uma pessoa de fora: ‘não preciso de ninguém’, ‘eu quero viver a minha vida’ e ‘não quero ninguém interagindo comigo’. Tem gente que tem esse tipo de pensamento. “Não quero que entre no meu campo”, “não quero que entre um cachorro”, “não quero que entre uma cabrita”, “não quero que passe uma vaca pelo meu campo”, e aí começa a incomodar a vizinhança. Entra um bicho lá dentro e tem gente que até mata. Não querem que passem pelo campo, querem tirar as estradas, coisa que é ilegal, inclusive. Tu não pode tirar o acesso das pessoas. [...] Só se não quer que entre na propriedade algum bicho, tudo bem! A gente cuida, faz um bom arame. É o direito de propriedade e tu tem que respeitar. Se a pessoa não quer que nada entre no campo dele, a gente faz o máximo pra não deixar, mas as vezes acontece, né. As vezes uma cerca se rompe e aí eles entram... (informação verbal)³⁰.

Essa vida compartilhada não está relacionada somente às estruturas físicas dos meios de produção e ao conhecimento da lida do campo, mas, também, à troca de produtos entre os moradores das comunidades. Além da pecuária familiar, nesses locais se pratica a agricultura de subsistência:

O pessoal planta muito milho, pra dar pras galinhas, pras ovelhas, pra produção. E horta muita gente tem também. E outras coisas a gente compra. Mas a nossa plantação, assim, é de subsistência, mesmo. Só pra subsistência. Não vendemos nada de coisa plantada. Às vezes a gente tem excesso aí a gente troca com o vizinho ou a gente vende uns pros outros, quando é essas coisas de maior valor agregado, tipo milho, assim. Mas quando é fruta, abóbora, melancia, isso daí ninguém troca, a gente dá uns aos outros. É tradição presentearmos uns aos outros. Então, se tu tem fruta na tua casa, por exemplo, pêssego, laranja, uva, tu não troca isso com o vizinho. O vizinho chega lá e se tá sobrando ele leva. Isso é norma, assim. Se tá sobrando tu divide com a vizinhança, numa boa. Essas coisas pequenas de horta todo mundo dá uns pros outros (Informação Verbal)³¹.

Quando Vera utiliza a expressão “tradição”, significa que essa prática de troca dos produtos plantados na propriedade é algo que flui entre os moradores desde a formação da comunidade, algo que foi passado por gerações e que pertence a esse modo de vida. Quando um morador chega à casa do outro, seja para um mate ou para pedir uma ajuda, é comum sair

²⁹ Entrevista concedida por LIMA, Antônio, Vera. Entrevista 6. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (45min e 04seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

³⁰ Entrevista concedida por LIMA, Antônio.. Entrevista 35. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (23min e 42seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

³¹ Entrevista concedida por COLARES, Vera. Entrevista 3. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (43min e 59seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

com as mãos cheias de frutas, verduras, mudas de plantas, ovos, um doce. Esse presente que recebe do vizinho costuma ser compartilhado com os familiares da mesma residência.

Esse modo de vida se constrói também a partir da relação do homem com a natureza. A vida do campeiro é diretamente influenciada pelas estações do ano. Para Vera, “tudo, todo, o nosso ritmo é guiado pelo ritmo da natureza”:

Toda a vida no campo ela é guiada pela natureza. No inverno, por exemplo, que não tem quase bicheira e carrapato, então tu pode olhar mais eventualmente os animais. Só que no inverno, normalmente, mais pra agosto, setembro, começa a parição, aí tu tem que olhar todos os dias, porque senão a vaca pode ficar trancada com o terneiro. Então tu tem que olhar praticamente diariamente quando as vaca tão parindo. E aí, claro, quem tem condições de ter um campo e dividir ele ao meio, ou um campo próximo das casas, vai deixar as vaca que tão dando cria ali, né, pra que ele possa mais facilmente olhar. Se tu não tem, se tu só tem um campo longe das casas, se é um campinho pequeno que não dá pra dividir, tu usa as forças que tu tem, né. À medida que tu vai conseguindo, tu vai facilitando a tua vida. Mas é assim, a gente segue o ritmo da natureza (Informação Verbal)³².

A ligação dos moradores da região a natureza vai além da contemplação; é uma relação de respeito, de cuidado, de preservação e de dependência, desde uma pedra ou o mais tenro capim, até um cerro ou a mais frondosa figueira (MAZURANA, DIAS e LAUREANO, 2016, p. 10). Quando se arranca limões de uma árvore, alguns são deixados para os pássaros; Se avistam uma sujeira na estrada, param para recolher antes que algum animal pegue. Durante uma caminhada pelo campo na companhia de Vera Colares, pude perceber o cuidado e essa troca entre os moradores com a natureza:

Pera aí que eu queria te mostrar que as galinhas fazem ninhos nos matos. Elas costumam pôr ovo no mato. Elas, às vezes, até descascam e tiram o pintinho no mato. Só que é mais difícil porque aí ela tem que ficar 21 dias chocando pra descascar e elas ficam o dia inteirinho deitada em cima dos ovos. Olha aqui, tem 3 ovos! Eu pego 2 e deixo 1 pra ela continuar pondo nesse lugar porque se eu tiro todos ela abandona. OS cães, os lagartos, até os ovos gostam de comer os ovos das galinhas. Se eles descobrirem esse ninho aqui eu perdi meus ovinhos. Elas põem um 12 ovo, às vezes chega a 20. Aí elas ficam o dia inteirinho em cima dos ovos chocando. Elas ficam tanto tempo ali que chega a ser perigoso porque pode vir outro animal e comer elas, gato do mato, zorrilho. Então a gente não gosta que elas façam ninho no meio do mato. A maioria das vezes elas não obtêm sucesso porque os bichos quando vem comem os ovos e a galinha junto. Mas as vezes elas obtêm sucesso. Quando a gente vê vem chegando uma galinha cheia de pintinhos e ela vem pra casa quando eles crescem um pouquinho que já conseguem caminhar, né. Aí quando a gente vê ela chega com os pintinho piando de atrás, aí a gente leva ela lá pra cuidar (informação verbal)³³.

³² Entrevista concedida por COLARES, Vera e COLARES, Eni. Entrevista 8. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (1h 09min e 47seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

³³ Entrevista concedida por COLARES, Vera. Entrevista 19. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (28min e 17seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

O Bioma Pampa³⁴ e as águas do rio Camaquã, que percorrem uma extensão de aproximadamente 430 km, são fonte de sustento, de trabalho e de lazer para as comunidades e, assim como o rio molda as paisagens costeiras, ele também molda os modos de vida historicamente construídos na região. Esse vínculo entre homem e natureza inspira as tradições, as práticas esportivas, as vestes, a poesia, a música, a literatura, as artes plásticas. A canção composta por Guilherme Collares, professor de medicina veterinária na URCAMP (Bagé/RS) e morador das Palmas, leva o nome “Costeiro”, e expressa a ligação entre os moradores locais com o rio Camaquã e suas paisagens:

Costeiro de alma e campo
Costeiro meu cantochão
Costeiro pelos remansos
Costeiro meu coração
Carrego por ande ando
O som do teu marulhar
Num beijo de espuma branca
Banhado em lágrima de arenal
Meu rio costeia meu canto
Costeiro sou... qual sarandizal
O sol que brilha nas águas
Reflete escama e caudal
E a noite embala as estrelas
Na branca luz do luar
Costeiro, em noites serenas
Sou lágrima do meu chão
Também procuro uma estrela
Perdida na imensidão
E em beijos de espuma branca
Lhe deixo meu coração
As águas choram e cantam
As ânsias de não voltar
Saudade que o campo sente
E que se esvai rumo ao mar (COLLARES, 2016).

Para essas comunidades, cuidar dos animais no campo é estar em relação com o meio, com o lugar, é valorizar todos os elementos da natureza. “Quando a gente sai do campo dia a dia, cuidando da ovelha, da vaca... A gente tá envolvido ali com a natureza, até o ar que a gente respira é mais puro. Aqui nós somos ricos, dinheiro tem pouquinho, mas água tem bastante e boa” (MAZURANA, DIAS e LAUREANO, 2016, p.84).

³⁴ O Pampa, como é conhecido esse território, é um dos seis biomas terrestres ou grandes regiões naturais do Brasil. É o único que se estende por um só estado, ocupando uma superfície de 178 mil km², que representa 63% do território gaúcho e 2,1% do território nacional. Mas o bioma não é exclusivamente brasileiro. O Pampa gaúcho faz parte de uma extensa região natural com mais de 750 mil km² que abrange todo o Uruguai, o centro-leste da Argentina e o extremo sudeste do Paraguai, além da metade sul do Rio Grande do Sul. No Brasil, o Pampa foi oficialmente reconhecido como bioma apenas em 2004 (CHOMENKO e BENCKE, 2016)

Figura 8 - O cuidado com o rebanho de ovelhas



Fonte: Própria (2019)

Esse ritmo de uma existência organicamente ligada à natureza é explorado por Lefebvre (2014, n.p) através da escala de tempo cíclica. Em síntese, significa “o retorno regular das horas, dias, semanas, meses, estações e anos”. As aldeias e as comunidades viviam de acordo com esses ritmos que não controlavam a vida individual sozinha, mas com um efeito profundo sobre as coletividades (grupos etários, idosos, jovens). Para o autor, a vida do jovem agricultor ainda é governada por escalas de tempo cíclicas, cósmicas e sociais; esse jovem tem consciência de um conjunto de ciclos e de seu lugar dentro dele: “dias, semanas, estações, tempos de semente, cereal ou colheita de uva, juventude, casamento, maturidade, velhice, nascimentos e funerais”. Para o jovem do campo “nada separa a infância da idade adulta, a família da comunidade local, o trabalho do lazer; nada separa a natureza da vida social e da cultura. Quando ele está na escola, ele ajuda seus pais na medida em que sua força e o tempo à sua disposição permitem” (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p).

Ao visitar a casa de Dona Olga, de 91 anos, que mora com sua filha de criação, Hermínia, ela contou que com o avanço da idade, a perda do marido e o surgimento de doenças, “todo mundo dizia ‘tem que ir, tem que ir pra cidade’ e eu disse assim ‘mas eu nasci e me criei aqui, a minha casa tava arrumada e tudo, mas eu vou embora e vai cair! Não, eu vou ficar aqui’”

(informação verbal)³⁵. Na foto abaixo, Giovana, neta de Dona Olga e estudante de Medicina Veterinária, passava um período das férias no campo.

Figura 9 – Dona Olga, Giovana e Hermínia



Fonte: Própria (2019)

Casualmente, a visita que fizemos à Dona Olga foi feita porque Vera precisava pegar um dinheiro para o concerto do cemitério que outra moradora havia deixado com ela. Segundo Vera, “tens uns lá que o sonho da vida deles era ver o cemitério bem arrumado porque tem os familiares enterrados lá” (informação verbal)³⁶, e também porque sabem que um dia esse será o seu local de destino.

O marido da dona Olga, seu Terci, eles eram da equipe, do grupo, que cuida do cemitério das Palmas, que mandava limpar, mandava pintar, essas coisa assim que meio que a gente cuidava, assim. Então ele, quando ele tava já mais velho, o esposo da dona Olga, ele disse assim, que ali, em frente ao cemitério, tinha um local de arremate de gado, assim, de leilão, né, então quando ele já tava idoso ele disse: vou construir pra mim, bem na parte de cima do cemitério que é pra eu poder ficar assistindo os arremate quando eu morrer. Então construiu o túmulo dele, dois túmulos, por sinal. Aí, tá, mas não morreu. Ficou lá o túmulo dele vazio. Um dia, morreu uma senhora, uma outra senhora, e aí não tinha túmulo pra enterrar ela porque não tinha túmulo pronto, né. Aí ele teve que emprestar o túmulo dele pra ela. Mas tu sabe que um ano depois que ela tinha falecido, ele faleceu, e tu não pode tirar a pessoa antes do três anos, né. Bah,

³⁵ Entrevista concedida por Dona Olga. Entrevista 4. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (31min e 08seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

³⁶ Entrevista concedida por COLARES, Vera. Entrevista 3. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (43min e 59seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

botaram ele no túmulo de baixo, daí. E ele acabou ficando e não consegue mais olhar o arremate. Ficou lá até hoje (informação verbal)³⁷.

Nesse sentido, o estudo da vida do campeiro da região da bacia do rio Camaquã remete à observação de uma vida orientada por essa escala de tempo cíclica. Apesar de todas as dificuldades e simplicidade da vida no campo, muitos continuam completando seu ciclo de vida naquele local, onde trabalham num ritmo orientado pelo regime de chuvas, temperatura, quantidade de pasto, intensidade do sol, assim como pelos nascimentos, casamentos, adoecimentos, mortes.

O tempo cíclico também ajuda a compreender por que as atividades de lazer do campeiro se contrapõem às necessidades de lazer do trabalhador da cidade³⁸. O lazer no campo não provoca uma pausa no cotidiano do trabalho, muito menos um rompimento com a vida familiar e comunitária, como observado por Lefebvre (2014). Ou seja, a ideia de que o lazer deve ser uma distração, uma pausa do fardo que o trabalho representa nos grandes centros urbanos, não faz parte do cotidiano dessas comunidades.

Antigamente, nessa região, a principal atividade de lazer era a carreira, uma espécie de corrida de cavalo. De acordo com Vera, “antes tu ia numa festa, tu ia a cavalo, todo mundo ia a cavalo, e aí começava ‘meu cavalo é melhor que o teu’ e daqui a pouquinho já tava fazendo uma carreira pra ver qual que corria mais”. Dessas memórias, ela recorda que “tinha carreira aqui que era dois dias de festa, né. Naquela época ninguém tinha carro, aí vinha todo mundo a cavalo. Era sexta-feira o pessoal já começava a chegar e aí traziam barraca e acampavam por aí” (informação verbal)³⁹. Portanto, além do contato do homem com o cavalo, companheiro nas carreiras como atividade de lazer e na lida como atividade produtiva, esses eventos também tinha a importância de reunir a comunidade.

Hoje, a atividade de lazer que mais se destaca na região é o rodeio:

O rodeio é uma coisa meio nova aqui nessa região, não tinha antigamente, na época da minha infância. Mas depois quando veio, pegou bastante. Pessoal gosta de dar laçada.

³⁷ Entrevista concedida por COLARES, Vera. Entrevista 5. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (14min e 25seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

³⁸ Na vida industrial, “o jovem trabalhador se vê envolvido em um tempo linear fragmentado, no tempo de produção e na tecnologia, na vida familiar, ele irá redescobrir escalas de tempo cíclicas, biológicas, fisiológicas e sociais” (LEFEBVRE, 2014, n.p 234). Com isso, o trabalhador anseia por uma ruptura brusca com seu trabalho, uma compensação, e ele procura isso no lazer.

³⁹ Entrevista concedida por COLARES, Vera. Entrevista 22. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (19min e 18seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

Ginetiada⁴⁰ não fazem muito porque é bem perigoso. Abandonaram. Algumas pessoas acabaram se machucando. Aí eles fazem laço, soltam o gado correndo e o laço tem que pegar nas guampas. A prova técnica é assim. Eles gostam de gado que tem as guampa bem grande, aberta. Fica mais fácil de laçar. E alguns gados que vão se acostumando a ir pra rodeio, tipo os do Neco, assim, que aluga pros rodeio. O gado vai ficando tão acostumado que quando vê o laço já abaixa a cabeça. Os laçador não gostam, né, quando o gado é muito rebelde e já sabe escapar do laço, né. Prejudica o laçador, eles perdem pontos (Vera Colares).

Quando chegou o rodeio começou a diminuir mais as carreiras. É que “a turma mais nova gosta mais da lida do rodeio”, disse Vera. Outro fator que causou a diminuição das carreiras é a exigência da vacinação dos cavalos pela vigilância sanitária: “agora pra tu ir à uma festa de a cavalo tu tem que fazer um monte de exames e são caros, cento e tantos reais e vale por poucos dias. Então pra tu ir num aglomerado assim tu tem que fazer exame. Mas o pessoal não tem dinheiro pra tá gastando assim”. Devido à essa mudança, os CTGs passaram a organizar os rodeios todos concentrados numa determinada época, durante a validade dos exames. “Aí os cavalos fazem o exame e vários rodeios naquele período que daí depois quando perde a validade eles fazem no outro ano”.

Assim como nas carreiras, o rodeio também mantém preservada a conexão do cotidiano do trabalho com o lazer e com a vida comunitária. Dona Dione, moradora do corredor da Lexiguana, na última casa antes do rio Camaquã, contou que seus filhos aprenderam a laçar com o pai desde muito pequenos:

eles começaram, de uma vaquinha parada, né, que eles faziam dum pedaço de pau, botava uma cabeça de vaca que tinha morrido, uma coisa assim. Ali eles começaram com umas cordinha, treinando naquilo ali. E daí foi depois já se viram laçando a cavalo, de primeiro, pra quem não é muito acostumado, começa a pé numa vaquinha parada. Depois passa pro cavalo e aí vai treinando com a vaca correndo. E dos guri é assim, eu perguntei uma vez pra eles: ‘vocês não cansam de laçar?’ O Italuã me disse assim: ‘quanto mais eu laço, mais vontade eu tenho de laçar’. Eles treinavam nessas vaquinha parada, de dia quando não tinha muito mais do tempo pra fazer, eles botavam a vaca na frente da luz e ficavam até umas 11 horas da noite. Eles não cansam! Quanto mais laça, mais vontade tem. É um vício, vai tentando até conseguir, e é assim. O Italuã começou laçando em rodeio acho que ele já tinha uns 6 anos. E o Kauê, no primeiro rodeio que foi com a vaca, ele só correu com a vaca porque não conseguia comandar laço e cavalo, tinha 4 anos, ele correu numa pitizinha (informação verbal)⁴¹.

⁴⁰ As gineteadas consistem em um ginete (peão) tentar ficar durante o maior tempo possível em cima de um cavalo arisco ou ainda não domesticado, enquanto o animal corcoveia.

⁴¹ Entrevista concedida por Dona Dione. Entrevista 29. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (26min e 30seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

Figura 10 – “Vaquinha parada” utilizada em treinos de iniciantes



Fonte: Própria (2019)

Casualmente, na oportunidade me que conversei com ela, o esposo e os filhos estavam com o rebanho em um rodeio. No dia seguinte, quando Vera e eu saímos pela estrada, encontramos o Seu Neco, os filhos e a nora retornando com a tropa:

Deu bom, deu um baita rodeio! Eles já tavam com tudo agarrado já. O problema da chuva em rodeio é no começo. Aí a sexta e o sábado não chovendo tu já tá com tudo; eles já tão com tudo aquilo inscrito, ele já tá com todo o dinheiro. E pra quem leva gado é bom isso aí. Porque se eles tira um lucro bom, no próximo tu... Eu levei só pra me acomodar. Eu levei 120 res. Eu queria levar só o meu gado, porque entra gado dos outros lá, uns gado miúdo nojento de laçar, aí queima teu filme! Eu queria meter só o meu gado e o do Revelino que nós aluguemo junto. Só que daí eles pegaram e meteram junto com um bichinho assim que parece uns gafanhoto. Só aí na sexta-feira ele tirou esse gado e aí eu botei só o meu e fiz uma propaganda, dei show né! Aí é claro que levantou meu gado. Mas pra quem não sabe, no outro dia misturaram, né... Mas eu já tenho mais outros que querem correr meu gado. Mas é que agora eu já tranco meu pé, né. Eu aluguei agora por R\$ 60,00, deu quase 8 mil. Mas aí tu leva ali pra correr um final de semana...quanto tu vai tirar isso no final de semana? Eu que trabalho com gado de cria, né, essas corrida pra elas não faz nada com esse monte de pasto, né. Tu vai ali num final de semana, corre teu gado, corre dois dias, tu tira 8 mil. Da onde tu vai tirar? Eu faço uns dois rodeio aí eu tiro pra correr o ano todo e me sobra dinheiro, porque eu não gasto com isso aí, tu já bota incluído aquilo ali, né. Aí tu agarra e diz: “eu boto meu gado a R\$ 60,00, que o valor é R\$ 70,00 até R\$ 90,00, só que eu quero me acomodar, pra depois eu subir. Aí eu meto meu gado a RS 60,00 e tu me livre mesmo a minha inscrição e do maninho que tu não paga nada. Tu corre o rodeio ainda arrisca a meter uns pila, né! (informação verbal)⁴².

Portanto, o rodeio é um “divertimento e uma fonte de renda”. No caso do Seu Neco, “ele é especializado nessa área. O gado dele é todo guampudo justamente pra laçar. Enquanto

⁴² Entrevista concedida por Seu Neco. Entrevista 32. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (23min e 46seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

eu te digo que não gosto de gado de guampa, porque machuca, porque é mais perigoso, eu não gosto de gado dessa raça zebuada, pro Neco essa é a raça ideal”. O aluguel dos rebanhos para esses eventos ocorre, em média, duas ou três vezes ao ano, e ajuda diretamente nos gastos da propriedade como uma forma de renda extra, pois Seu Neco também vende o animal, da mesma forma que os demais pecuaristas familiares da região.

Figura 11 - Tropa retornando do rodeio e o encontro dos vizinhos nas estradas



Fonte: Própria (2019)

Na foto acima, encontramos Jones e sua esposa ajudando o Neco a tocar a tropa de bois que haviam participado do rodeio. A mulher do campo é preparada para a lida, pois a maior parte delas cresceu no meio rural e aprendeu com os pais, tios e vizinhos. No entanto, segundo Vera Colares, a geração de renda para elas é mais difícil “porque a atividade rural, essa de criar gado, ovelha, essa coisa, que é a nossa tradição na região, embora a mulher ajude, o homem é quem administra o dinheiro. Então, normalmente na pecuária a mulher não tem uma renda dela, assim” (informação verbal)⁴³. A alternativa que possuem para geração de renda própria, em geral, é a produção de quitandas⁴⁴ e os artesanatos. As quitandas são preparadas, principalmente, para vender em eventos que reúnem a comunidade ou em feiras. Vera conta que, antigamente,

o pai, ali em baixo, fez uma cancha de carreira, de cavalo correr. Então tinha uma cancha de carreira e tinha um time de futebol. Então, as vezes o pai fazia jogo, carreira, aí

⁴³ Entrevista concedida por COLARES, Vera. Entrevista 3. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (43min e 59seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

⁴⁴ “Quitandeira é que faz produtos coloniais pra vender. É que a gente não chamava de produtos coloniais, até porque era só o que a gente tinha pra comer” (áudio 08, 23/02).

juntava um monte de gente e a mãe fazia produtos pra vender nesses dias, aí tirava uma grana. As vezes alguém trazia alguma coisa, mas o objetivo era justamente esse: tirar renda pra poder pagar o nosso sustento, estudo e coisa... Então cada um fazia na sua própria casa como uma forma de obter renda. Aí o pai fazia e vendia, ele era o dono do campo e aí a renda ia pra nós todas. Aí vendia bebida, vendia pastel, vendia quitanda que era o que mais dava porque tu faz um produto que tu pega tudo de casa; tu só não tinha o açúcar, né, o resto tudo tu tinha leite, tu tinha a abóbora, tu tinha o resto tudo; então tu só misturava a fruta e o resto todo tu tinha, a única coisa que tu pagava era o açúcar, aí tu pegava 10 kg de açúcar que custa 10 R\$ e fazia 100 rapaduras e vendia a 1 ou 2 R\$ cada uma, aí tu tira uns 200 R\$ num produto que tu gastou 10 R\$. Claro que a gente não valorava o preço do que a gente tinha aqui, embora devesse valorar, nem a mão de obra. Assim que nossos pais pagaram nossos estudos, né (informação verbal)⁴⁵.

A venda das quitandas e a organização de eventos na propriedade é uma tradição mantida até hoje. Esses produtos são preparados em fogão à lenha ou em tachos sobre um fogo de chão. Segundo Dona Dione,

aqui a gente faz rodeio uma vez por ano, ali. Ah poucos dias foi aqui, o rodeio, em fevereiro. Eu fico só na parte da comida mesmo. O Neco e os guris organizam tudo, ajeitam tudo. Dá muito trabalho e dá um cansaço, assim, aquela coisa de será que vai dar certo? A gente fica preocupado. A hora que acaba e que tu vê que deu tudo certo dá aquela sensação de alívio. [...] Aí a gente vende pastel, tinha pães, refri, cerveja, essas coisas assim. Doces que a Dona Nega faz, pãeszinho. É uma festa mas dá uma baita ajuda (informação verbal)⁴⁶.

A observação é o principal método utilizado pelas quitandeiras da região. “A gente vai fazendo e vai aprendendo; um dia a gente erra, outro acerta”. Segundo Vera Colares, Tem uma técnica pra deixar do jeito certo. O problema é saber “dar o ponto”: “misturar os ingredientes é tranquilo, o problema de qualquer doce assim, rapadura, é deixar ele na textura ideal. Se dá ponto demais ele fica duro que tu não consegue cortar; se tu der ponto de menos ele fica molengo demais”.

Famosa pelos seus doces, Dona Vera de Fátima Tarouco, moradora da região do Alto da Capela, em Piratini, contou que já chegou a fazer 300kg de figada num ano.

Figueira tem bastante. Tem umas mais antigas, aí ela dobra de volume, os galho. E não tem doce mais saudável que figada, porque não leva um produto químico, só poda e deu. Esse aqui é congelado. A da manhã foi da colheita de hoje. Ai eu faço 13 kg de figo, aí eu boto 5 kg de açúcar - e eu sou uma doceira que não guardo segredo, tem que ser compartilhado - eu boto 5 kg de açúcar e 6 xícaras pra 13 kg de figo. É bem artesanal. Isso dá quase cadeia porque não pode fazer no tacho, mas eu se tiver que abrir mão do tacho eu acho que desisto de fazer doce. O tacho é o que faz a diferença, né. Eu uso e

⁴⁵ Entrevista concedida por COLARES, Vera e COLARES, Eni. Entrevista 8. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (1h 09min e 47seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

⁴⁶ Entrevista concedida por Dona Dione. Entrevista 29. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (26min e 30seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

lavo bem direitinho, não tem zinabre. Eu passo limão, sai tudo, fica bem douradinho, enxaguado e boto o doce (informação verbal)⁴⁷.

Figura 12 - Jaqueline auxiliando Dona Vera de Fátima na produção da figada



Fonte: Própria (2019)

Assim como na produção das quitandas, os artesanatos em lã, tradicionais na região, também são um legado histórico passado de gerações. Dona Clair Schneider, artesã e moradora de Bagé, conta que aprendeu a trabalhar com a lã na época em que morava na campanha com a família. “A gente aproveitada as lãs e sempre fazia. Coberta pra cama a gente não comprava. Edredom nem existia naquela época. Tudo a gente fazia em casa. Eu fui aprendendo. Eu gostava. Desde pequena eu comecei a pedalar a máquina, gostei de pedalar” (informação verbal)⁴⁸.

Para o artesanato em lã, a tosquia a martelo é importantíssima na tradição, “porque representa toda aquela mão de obra familiar: extrair o velo, trabalhá-lo, preparar o fio, cardar e

⁴⁷ Entrevista concedida por TAROUCO, Vera de Fátima. Entrevista 39. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (1h 34min e 24seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

⁴⁸ Entrevista concedida por SCHNEIDER, Clair. Entrevista 2. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (33min e 50seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

produzir a peça artesanal. Então, ela é parte desse processo, é o elemento cultural” (MAZURANA, DIAS e LAUREANO, 2016, p. 81). Dona Clair mostrou em seu atelier uma lã que estava trabalhando: “não é boa essa lã. Ela ficou mal feita, e ela tem muita lã misturada, eles não tiraram a garra, no caso aquela parte do pé, da barriga, aquela parte que a gente não processa, né”. Ao acompanhar a campereada com as ovelhas na propriedade de Vera Colares, ela me explicou que antes de fazer a tosquia é necessário fazer o que os pecuaristas da região chamam de “descoli” – “deve ser porque limpa a cola”. O processo de extrair o velo consiste em “limpar a carinha e a bunda. Elas começam a fazer xixi e aí ali atrás, quando o pelo tá maior, vai criando uma lã suja, assim. Aí esquila toda essa parte de trás, a barriga, a parte da carinha e as patinhas. Então tu limpa toda ela nessa região antes da tosquia” (informação verbal)⁴⁹.

Figura 13 - Atelier da Dona Clair Schneider



Fonte: Própria (2019)

Em geral, a época que se faz a tosquia na região é entre outubro e novembro. Mesmo muitos moradores tendo preferência pelo método tradicional realizado com a tesoura martelo, Seu Sergio disse: “aquela máquina andaram tentando, mas não deu muito certo. Ela tem tipo

⁴⁹ Entrevista concedida por COLARES, Vera. Entrevista 19. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (28min e 17seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

um pente, de cabelo, mas o cara tosa 10, 20, 30 ovelhas e não presta mais. Aí joga fora porque não tem quem afie. Só com a máquina é mais ligeiro, com a tesoura demora mais” (informação verbal)⁵⁰. O uso da tesoura martelo é um ensinamento dos mais velhos à geração mais nova, no entanto, segundo Seu Carlos Alberto de Lima, conhecido na região por Mano Lima, “aqueles mais velhos já não tão mais esquilando. Não é mole porque tem que ficar abaixado. Mas muitas propriedades que tem um pessoal mais jovem, o pessoal esquila”.

A esquila a martelo segue sendo feita e valorizada, pois, em geral, não se identifica com a esquila mecanizada. Além da importância como uma expressão cultural, é também uma relação própria estabelecida por Pecuaristas Familiares com o tempo, com o espaço, com os animais, e com sua própria identidade. ‘Esquilar leva tempo, também é um momento que tu está em sintonia com aquele animal, com aquele ambiente’ (MAZURANA, DIAS e LAUREANO, 2016, p. 94).

A presença do jovem no campo é preocupante para a reprodução dessas comunidades. Nas diversas histórias e causos que ouvi dos moradores da região, eles lembram saudosamente do tempo em que “isso aqui era uma povoação. Tinha vida própria. Só ia à Bagé por necessidade. Tinha tudo aqui. O cara plantava, o cara comia, tinha gente aqui”, segundo Seu Sérgio. Com a diminuição do pessoal no meio rural, a comunidade teve que fazer adaptações, como, por exemplo, a subdivisão dos rebanhos para facilitar o manejo. Até mesmo as atividades de lazer sofreram com o esvaziamento e o envelhecimento do meio rural.

Os moradores explicam que não é que o jovem tenha perdido o interesse de permanecer no campo, mas sim, da capacidade da propriedade de absorver aquele jovem, de propiciar a ele uma fonte de geração de renda.

Muitas propriedade daqui não tem capacidade absorver o jovem, porque como as pessoas tão durando muito, tá havendo muita sobreposição de pessoas. Muitas vezes mora a vó, o pai, e aí não tem espaço pra um filho. Tem muitas pessoas vivendo daquela propriedade. Daí acaba que o jovem, que é o mais novo, acaba tendo que sair, porque não tem espaço pra ele. Então, esse, pra mim, é o pior problema do jovem estar indo embora, é isso. Porque dá pra ver claramente que as propriedades maiores conseguem sobreviver o avô, o pai e o filho, porque daí o filho casa e vai precisar ter uma renda, então ele vai precisar viver na propriedade. Se a propriedade comportas todas as gerações, o jovem fica. Mas, em geral, muitas propriedades são pequenas e não conseguem comportar, aí o jovem acaba tendo que ir embora (informação verbal)⁵¹.

Conversando com Dona Dione, ela me contou que seus dois filhos gostam muito da vida do campo, mas que, no entanto, a propriedade não poderia gerar renda para todos os moradores:

⁵⁰ Entrevista concedida por SCHOLANTE, Sérgio Augusto Brasil Torma. Entrevista 07. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo .mp3 (23min e 7seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

⁵¹ Entrevista concedida por COLARES, Vera. Entrevista 5. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (14min e 25seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

O Kauê te digo assim, acho que nem ele consegue se ver em outro lugar que não seja no campo. O Italuã já, porque claro a gente não tem tanto. Eu sempre disse pra eles, vocês podem seguir, criar o bicho de vocês, mas alguém vai ter procurar alguma coisa, pra ter um dinheiro a mais. Aí o Italuã foi pra Bagé, estudou um pouco e agora parou de estudar, agora tá trabalhando numa serralheria. Tá trabalhando lá e mora em Bagé, casado também (informação verbal)⁵².

Essa mudança da população do meio rural é sentida pelos moradores como um reflexo do abandono por parte do Poder Público e causa sérias consequências sociais e ambientais. Vera Colares manifestou que “gostaria muito que o governo fizesse um projeto de incentivo, de dar dinheiro pro jovem comprar terra. Não dado, mas financiado, né”. Segundo ela, existem projetos com essa finalidade, mas que se “leva três anos pra conseguir um financiamento, aí o dono da terra tem que se comprometer e ficar esperando três anos pra receber. Aí ninguém espera”. Além disso, “o dinheiro que vem é muito pouco, dá pra comprar muito pouquinha terra”(informação verbal)⁵³.

A falta de mão de obra rural faz com que as famílias vendam ou arrendem suas terras que acabam se tornando grandes lavouras e grandes propriedades, descaracterizando o território tradicional da pecuária familiar, bem como o bioma Pampa.

‘No momento que uma pequena propriedade for vendida pra uma grande fazenda, é bem possível que aquele campo vai se tornar um monocultivo, vai ser arado, vai perder aquela nascente, aquela planta que servia de lenha, se perde a fauna, a flora... Isso tem acontecido no campo’. O avanço das monoculturas sobre o campo nativo tem sido intenso e devastador. ‘De uns anos pra cá, a pecuária vem dando espaço para o eucalipto, em seguida, a soja começou a tomar conta’. Além da conversão da vegetação original, do uso de variedades transgênicas e do intenso uso de água para irrigação e da aplicação de agroquímicos, há impactos subjetivos que agredem a própria identidade de Pecuáristas Familiares que resistem e permanecem no seu território, tendo que conviver com a mudança da paisagem natural. ‘A monocultura do eucalipto está acabando com o que temos, tem um impacto emocional e social. Simplesmente tirou a visão do lugar onde me criei: tu olha e não consegue mais enxergar a casa do fulano, porque levantou uma parede. Essa paisagem natural, será difícil fazer ela retornar’ (MAZURANA, DIAS e LAUREANO, 2016, p. 93).

Para Vera Colares, essa é uma situação “muito triste porque as vezes as pessoas querem vender, as vezes tem até as pessoas que já tão idosas, que já não podem mais cuidar da terra e

⁵² Entrevista concedida por Dona Dione. Entrevista 29. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (26min e 30seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

⁵³ Entrevista concedida por COLARES, Vera. Entrevista 5. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (14min e 25seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

querem vender, e tem os jovens querendo comprar e não conseguem, porque terra é um troço muito caro, né” (informação verbal)⁵⁴.

A principal marca deixada pelo êxodo rural é a falta de crianças na região, materializada no abandono das antigas escolas construídas junto a propriedades que possuíam mais filhos. “Todo dia, de segunda a sexta-feira, são mais de 50, 80 km pra ir a uma escola. Isso prejudica o aprendizado, mas o que fazer pra não se agravar ainda mais? Porque se não tem aluno, não vai ter escola” (MAZURANA, DIAS e LAUREANO, 2016, p. 94). Hoje, o distrito de Palmas conta com apenas uma escola primária, a Simões Pires, localizada na Coxilha das Flores. A Prefeitura é responsável por oferecer transporte para quem mora em outras áreas, no entanto, Segundo Rejão, o transporte “vem um dia sim outro não. As *kombi* veia, sucata, passam se estragando nessas estrada aí! Começou quarta, teve quarta e quinta. Sexta não teve aqui nessa linha. Lá na Toca teve um dia só. Tudo estragada! Quando não tem transporte ficam sem aula”.

Figura 14 – Kombi escolar buscando as crianças do corredor da Lexiguana, em Palmas



Fonte: Própria (2019)

Antigamente, porém, existiam diversas escolinhas rurais que atendiam crianças de 1ª a 5ª série. Como acesso pela região era difícil, elas eram construídas, na maioria das vezes com

⁵⁴ Entrevista concedida por COLARES, Vera. Entrevista 5. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (14min e 25seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

apenas uma sala de aula, próximo a casas que tinham um número maior de crianças pequenas. Dona Zilma Faria de Lima, chegou em Palmas no início de 1976. Natural de Dom Pedrito, ela decidiu ir para Palmas quando ainda cursava a formação técnica em Contabilidade. Única professora da escola, ela deu aula para 17 alunos de primeira a quinta série.

Era integrado, né, tu tinha que dar aula pra todos. Tudo junto. Tinha que fazer diário, atender todos. Já era maio e não tinha pessoa pra colocar aí eu deixei de estudar e vim. Mas agora como é que eu vou começar a dar aula, nem tinha terminado meus estudos e vim. Bah, e agora! Como é que vou fazer diário, essas coisas, eu fazia contabilidade, né. Aí me botaram né, porque não tinha professora. A escola tava sem professora. Bah, mas eu nunca preparei um diário pra dar aula. Aí as gurias me emprestavam as coisas, me ensinavam. Eu me esforçava, me virava! (informação verbal)⁵⁵.

Dona Eni, mãe de Vera Colares, guarda muitas memórias da época em que a escolinha ficava em sua casa. “Quando era aqui em casa era mais fácil porque as crianças eram tudo aqui de volta, a professora parava aqui na minha casa”. Vera explicou que elas “moravam lá porque naquela época não tinham estradas tipo essa BR que nós andamos. Não tinha nada! As professoras iam pra lá pra dar aula nas escolinhas rurais e ficavam hospedadas nas casas” (informação verbal)⁵⁶.

A saída do jovem do campo, a diminuição do número de crianças e o abandono da população de idosos preocupa a comunidade. Para evitar a saída dos moradores e a chegada de novos produtores, principalmente de soja e silvicultura, Vera conta que as famílias que sobraram tentam sempre comprar as terras daqueles que vão deixando Palmas, justamente para preservar as tradições, culturas e o Pampa: “a gente tem aqui o que muita gente paga fortunas pra ter, natureza preservada, um rio limpo. E está preservado porque a gente cuida” (REFÚGIO, 2017).

No entanto, há moradores que enxergam o fenômeno de substituição dos campos da pecuária familiar pelas monoculturas com um olhar positivo. Segundo Dona Vera de Fátima Tarouco, o monocultivo de soja

é ruim, mas não é toda ruim, porque ela tá deixando os filhos em casa. Porque aí eles não saíram pra achar outros negócio. Porque negócio com gado não é tão bom, tão lucrativo, né. E as pessoas jovens buscam um lucro mais imediato, né. Não é que nem as pessoas de mais idade, né, eu venho notando isso. Porque aqui já tem muitos filhos, nosso filho planta soja, o filho da Vera Pereira, os filho dela ficaram, constituíram família, plantando soja. Claro que é ruim, a gente sabe que é ruim, mas tem esse outro lado, tá mantendo os filho na zona rural. Aí daqui a pouco eu penso assim, né: ‘será que no futuro eles não vão se dar conta que daqui a pouco se aplicar as mesmas tecnologias que tem na lavoura de soja com o cuidado com o campo não vai produzir?’ Porque a

⁵⁵ Entrevista concedida por LIMA, Antônio, Vera. Entrevista 27. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (1h 15min e 04seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

⁵⁶ Entrevista concedida por COLARES, Vera. Entrevista 3. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (43min e 59seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

gente que é mais velho enxerga isso, mas eles não enxergam ainda e enquanto eles não enxergarem não adianta a gente falar que eles não vão se convencer. Assim tem mais chance deles se convencer de sair, irem se formar, trabalhar pra fora e voltar. Eu penso esse lado também. E os interesses de uma geração pra outra muda, são mais imediatista, diversão, tudo muda! São pontos de vista diferentes (informação verbal)⁵⁷.

Sob diversos aspectos, o ritmo social da vida no campo e a reprodução dos modos de vida dessas comunidades estão ameaçados. Seja pela evasão do jovem no campo e a falta de sucessão de algumas propriedades, seja pela mineração, seja pelo avanço de outras formas de cultivo, como a silvicultura ou a soja, seja pelo abandono das políticas públicas na pecuária familiar, seja pela implantação de novos métodos de produção que possam, a longo prazo, substituir os arranjos familiares, solidários e comunitários. Essas transformações podem ser observadas, a luz de Lefebvre (2014), como um duplo movimento: por um lado, a vida cotidiana pode regredir com estas transformações; por outro, ela pode progredir. No entanto, “as únicas mudanças genuínas e profundas são aquelas que cortam essa substância e deixam sua marca nela” (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p). Segundo o autor, quanto maior a decadência, mais evidentes, aparentes e perceptíveis tornam-se as possibilidades.

Estas ameaças podem ser representadas pelo que Lefebvre (2014, Vol. II, n.p) chama de “nuvem de possibilidades”. As possibilidades, estudadas a partir da Teoria dos Momentos, levam-nos a compreender que não é possível elaborar uma lista completa dos momentos, “porque não há nada que impeça a invenção de novos momentos” (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p). Ou seja, por mais que não se tenha um conhecimento real dos caminhos e das escolhas a serem feitas, eles “estão lá em uma forma embrionária”. Portanto, há uma “constelação de momentos”, mas que é difícil de enxergar com clareza.

Todo o conteúdo dos momentos vem da vida cotidiana; o momento, ao invés de rasgar o tecido do cotidiano, vai se tecendo nele, transformando-o, somente com os materiais que o próprio cotidiano oferece. Para Lefebvre (2014), quando a solução de contradições passa pela necessidade de mudança, de modo que não se possa mais usar representações para resolvê-las, se está diante de uma situação revolucionária.

não se trata mais de interpretar "o mundo" - o real humano e natural - numa obra (estética, filosófica ou moral), mas de mudá-la. Portanto, a mudança deve ser alcançada dentro do contexto do modo de vida e das condições de vida: na e através da práxis. No entanto, as mudanças que surgem como resultado de tais situações nem sempre revolucionam os modos de vida. Se eles podem afetar a vida "real" - formas de viver e

⁵⁷ Entrevista concedida por TAROUÇO, Vera de Fátima. Entrevista 39. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (1h 34min e 24seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

de agir - eles também podem se expressar em obras e em simples mudanças de representação (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p).

Metaforicamente, Lefebvre (2014) explica que “na luz, ou na meia luz, do cotidiano, a constelação de momentos não pode ser vista. Mas quando algo perturbador projeta uma sombra no cotidiano, essa constelação sobe no horizonte”, embora “as estrelas do que é possível” brilhem somente à noite (2014, Vol. II, n.p). Isso nos leva a compreender o programa esboçado pelo autor para uma crítica da vida cotidiana, resumido por ele da seguinte forma:

Envolverá um confronto metódico da assim chamada vida "moderna" de um lado com o passado de outro - e acima de tudo - com o possível, de modo que os pontos ou setores onde uma "decadência" ou uma retirada da vida tenham ocorrido - os pontos de atraso em termos do que é possível, os pontos onde novas formas estão aparecendo, ricas em possibilidades - possam ser determinados (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p).

Dessa forma, o avanço da produção e distribuição da pecuária, através de organizações voltadas para o fortalecimento do mercado e da cadeia produtiva, e o projeto de mineração de metais pesados às margens do rio Camaquã, que colocam em risco tanto a vida dos moradores quanto o Bioma Pampa, são dois momentos, duas estrelas iluminadas em uma constelação, duas escolhas que se singularizaram de uma confusão, de uma ambiguidade inicial.

3.2. A RESISTÊNCIA ÀS INVESTIDAS DO CAPITAL SOBRE A PECUÁRIA FAMILIAR

Principalmente no território do Alto Camaquã, a pecuária de corte, há mais de três séculos, é a atividade produtiva predominante. Do ponto de vista produtivo, a criação de animais sobre pastagens naturais do bioma Pampa representa a principal atividade da região e, como já descrito anteriormente, está diretamente relacionada aos modos de vida das comunidades.

Com isso, surgiram diversas associações e cooperativas fundadas a partir do interesse dos moradores e, algumas, incentivadas por órgãos governamentais. Segundo Dona Vera de Fátima, uma das fundadoras da Associação do Alto da Capela, em Piratini, esse processo de organizar a comunidade em Associações ou Cooperativas não é uma tarefa simples e é preciso muito “jogo de cintura pra manter o povo articulado”:

Aí eu organizei, juntei o povo que queria e criei a Associação. De começo foi muito bem, as pessoas vierem, teve 40 associados pra começar. Aí enquanto o Dr. Borba

vinham nas reuniões mensais, vinha todo mundo. Mas aí depois quando já não teve mais, porque não tinha mais recurso pra vim, aí já foram se apocando, e se apocando... bom, esse ano passado acho que nós fizemo duas reuniões lá na Associação, com uns tema específico; um foi coleta d'água e outro nem lembro. E este ano vamo ter essa do dia 29, que eu tô fazendo um empenho medonho pra juntar um bando de gente, né. Agora mesmo na última missa eu tava mobilizando um monte de gente. Tenho medo de chagar num dia aqui e ter mais gente de fora que de casa, né! Disse, por favor, vocês convide as pessoa e compareçam, se não fica chato! Mas é uma luta, a gente não desmonta porque é persistente (informação verbal)⁵⁸.

Vera Colares também exerceu importante papel na criação da Agrupa – Associação para Grandeza e União de Palmas, fundada em agosto de 2017. Segundo a Associação, o objetivo é “promover a união e o desenvolvimento sustentável”⁵⁹. Ambas as Associações, assim como diversas outras, fazem parte de uma maior: a Associação para o Desenvolvimento Sustentável do Alto Camaquã (ADAC)⁶⁰, fundada em 22 de setembro de 2009, a partir da iniciativa implantada pela Embrapa junto aos produtores. Com o objetivo, justamente, de criar uma estrutura formal capaz de congrega o conjunto das Associações dos oito (08) municípios da região do Alto Camaquã, a ADAC busca servir como instrumento de mobilização social, captar e gerir recursos, criar estratégias de proteção dos produtos e serviços e promover junto aos atores sociais envolvidos o sentimento de pertencimento ao território, buscando a adesão de novos agentes de mudança.

Só a ADAC já congrega cerca de 500 famílias e 25 associações, sendo que outras centenas ainda não fazem parte dela, mas integram o projeto da Embrapa. “O projeto está baseado em premissas de desenvolvimento sustentável, da transição agroecológica, da conservação e uso eficiente dos recursos naturais, do reconhecimento dos aspectos históricos e culturais das comunidades e produtores locais, buscando a valorização e a diferenciação dos produtos da pecuária familiar” (RESPONSÁVEL, 2016)

Em 2017, diante dos avanços e novos interesses dos produtores e demais atores envolvidos na região, é criada a Cooperativa Agropecuária dos Produtores dos municípios que compõem o Território Alto Camaquã, a CooperAlto Camaquã. Para Júlio Fernandes Moreira, presidente da Cooperativa Cofrusa/Alto Camaquã, a criação da CooperAlto se deu “para termos um braço comercial da Associação do Alto Camaquã”, o que significa para os produtores da

⁵⁸ Entrevista concedida por TAROUÇO, Vera de Fátima. Entrevista 39. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (1h 34min e 24seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

⁵⁹ Página da Agrupa no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/Agrupa-1954774994562472/about/?ref=page_internal>.

⁶⁰ Fundada em 22 de setembro de 2009, visando criar uma estrutura formal capaz de congrega o conjunto das Associações dos oito (08) municípios da região do Alto Camaquã. A ADAC tem por finalidades servir como instrumento de mobilização social, captar e gerir recursos, criar estratégias de proteção dos produtos e serviços e promover junto aos atores sociais envolvidos o sentimento de pertencimento ao território, buscando a adesão de novos agentes de mudança.

região ter domínio da cadeia, administrando desde a produção até a comercialização, etapa que sempre tivemos mais dificuldade (PLANTA, 2017).

A Cooperalto são oito municípios, né. A ADAC é a Associação do Alto Camaquã. Pelo estatuto das OSCIPS, das Associações sem fins lucrativos, uma associação não pode comercializar. O objetivo dela é congregar, pedir apoio, até pedir financiamento e tudo mais, pode até organizar os produtores pra comercializar coletivamente, mas eu não posso comprar lã dos meus associados ou receber a lã dos meus Associados pra vender pra uma outra empresa de forma coletiva com o CNPJ da Associação, que as vezes seria interessante do ponto de vista comercial: todos os produtores de Palmas entregam em nome da Associação e a gente com CNPJ, pode até ter uma regalia por ser CNPJ e não Pessoa Física, pode negociar com outra empresa, mas Associação não pode fazer negociação, então por isso que a gente criou a cooperativa, que a cooperativa é justamente o braço comercial, né. Porque a cooperativa pode juntar lã de todo mundo e vender coletivamente, inclusive ela tem desconto por ser operações de cooperativadas, tem melhor tributação, entendeu. Então as cooperativas são pra isso mesmo, pra fazer a parte comercial nessas comunidades (informação verbal).

Os processos de ação do território têm criado estratégias de desenvolvimento que visam vincular seus produtos e serviços à imagem e atributos sociais, econômicos, culturais, ecológicos, locais. As primeiras iniciativas para acessar mercados com os produtos do Alto Camaquã iniciaram em 2011, definidos coletivamente os produtos para iniciar a comercialização, por meio do uso da marca territorial coletiva. Dessa forma, os atores sociais passaram a definir uma imagem dos produtos do território como naturalmente único, pois são produtos integrados a processos produtivos em que a cultura pecuária desenvolveu formas específicas de relação com a natureza, mantendo preservado ao longo do tempo, a paisagem e os recursos naturais. Para Carlos Nabinger⁶¹,

A identificação garante que todos os produtos e serviços ali gerados tenham uma identidade e qualidades associadas à origem territorial e à forma de fazer, apoiadas no uso adequado dos recursos naturais. Atualmente, cerca de 30 produtos carregam a marca, distribuídos em cinco linhas: carnes, turismo, artesanato, produtos transformados e produtos primários. Além do tradicional artesanato em lã, ressaltam-se o mel e as carnes, principalmente ovina, cujas qualidades diferenciadas derivam da rica diversidade florística regional (ALTO, 2017).

⁶¹ Mestre em Fitotecnia e doutor em Zootecnia, professor da Faculdade de Agronomia da UFRGS.

Figura 15 – Produtos com o selo da marca do Alto Camaquã



Fonte: Página da ADAC no Facebook⁶²

Dos produtos com o selo do Alto Camaquã, observou-se que a carne de cordeiro, produzida principalmente em pequenas propriedades de terras, foi o produto que obteve um processo mais acelerado e fortalecido de comercialização. Isso ocorreu devido ao fato de que a produção ovina é praticada em quase 100% das propriedades familiares que participam do Projeto Alto Camaquã, o que amplia a possibilidade de inserção nos mercados por boa parte dos pecuaristas, segundo Alessandra Matte⁶³. A carne de cordeiro do Alto Camaquã possui aspectos que a tornam diferente das demais carnes de ovinos comercializadas no Brasil. A qualidade da carne está relacionada às qualidades presentes em ativos culturais, sociais, econômicos, produtivos, institucionais e ambientais presentes no local, os quais estão sendo mobilizados para a diferenciação dos produtos e dos processos de comercialização. O campo nativo e o modo de criação dos animais, o que alguns chamam de “sabe-fazer” dos pecuaristas, representam importantes elementos de qualidade da carne de cordeiro.

Para Alessandra,

O diferencial desse mercado é a coletividade de seu funcionamento, em que os diferentes atores definiram estratégias de industrialização e comercialização da carne de cordeiro com a marca coletiva do território Alto Camaquã. Esse mercado funciona da seguinte maneira: a cada semana uma associação é responsável pela comercialização dos animais, os quais são reunidos, pesados e levados diretamente para o frigorífico. O transporte dos animais até o frigorífico é realizado por caminhão próprio da associação, e o preço praticado foi estipulado de maneira que o produtor possa receber um valor maior que o do mercado convencional (CARNE, 2019).

⁶² Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/territorioaltocamaqua/photos/?ref=page_internal>.

⁶³ Professora Adjunta na Universidade Tecnológica Federal do Paraná –UTFPR, Santa Helena, Paraná, Brasil.

Figura 16 – Caminhão com a marca do Alto Camaquã utilizado para transporte dos animais



Fonte: Página da ADAC no Facebook

Morador do Distrito das Palmas, veterinário, produtor rural e agente de saúde, Regis Luis Marques Colares, mais conhecido como Reginho, explica que como os projetos do governo são voltados para grupos de produtores, fica muito difícil para o produtor individual conseguir recursos para melhorias da produção. No entanto, a operacionalização das ações coletivas de produção e comercialização dos produtos facilita esse processo. Segundo ele, “o que impede o crescimento dos produtores não é a falta de mercado, mas justamente um dos problemas gerados pela falta de organização: a dificuldade para se unirem para entregar uma produção com regularidade”, pois não há interesse dos grandes frigoríficos em enviar um caminhão para buscar somente 20 cabeças de cordeiro por vez. No entanto, “se vários produtores se juntassem e vendessem, por exemplo, 200 cordeiros, já se tornaria mais interessante” (EM PARAÍSO, 2017).

Atualmente, os pecuaristas familiares vendem o gado “pra alguém que vai engordar pra carrear e vender nos frigoríficos. Do nosso rebanho a gente vende todos os filhotinhos do sexo masculino e as vacas deixa pra reprodução, as fêmeas” (informação verbal)⁶⁴. No intuito de gerar ganhos não só na produção, mas também na etapa de distribuição, essas organizações dedicam esforços em torno do projeto de implantação de um frigorífico para o abate de carne na região do Alto Camaquã. Trata-se de um projeto de frigorífico modular, voltado

⁶⁴ Entrevista concedida por COLARES, Vera. Entrevista 8. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (1h 09min e 47seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

principalmente para o abate de ovinos, com capacidade para abater cerca de 190 unidades por dia, ou 30 bovinos por dia.

A planta do frigorífico foi aprovada pela Secretaria da Agricultura, Pecuária e Irrigação do Rio Grande do Sul (Seapi) no final de 2017. O empreendimento é fruto de uma parceria entre a Adac, a Arco⁶⁵ e a Pecuária Sul de Bagé, área onde deverá ser instalado o frigorífico. Para o secretário Ernani Polo, o projeto significa o começo da concretização do trabalho do setor para que a ovinocultura cresça e se desenvolva na região: "O Alto Camaquã vai contar com um modelo de frigorífico de ponta, moderno e que vai centralizar o setor, abrangendo a produção e a comercialização dos ovinos e impulsionando o crescimento da região" (PLANTA, 2017).

Segundo Marcos Borba, líder do projeto de ecologização da pecuária familiar como estratégia de desenvolvimento territorial do Alto Camaquã, os processos produtivos da região do Alto Camaquã utilizam o potencial natural do Bioma Pampa, buscando "redescobrir e revalorizar o 'local' como portador de elementos ambientais e experiências com potencial para suportar uma estratégia própria de desenvolvimento" (ECOLOGIZAÇÃO, 2007). O projeto aposta na transformação das diferenças em potenciais, e não em motivos de inferiorização da região. Foi por este caminho que a marca do Alto Camaquã tornou-se sinônimo de qualidade e sustentabilidade:

O Pampa tem uma matriz produtiva com grande grau de sustentabilidade, que é a pecuária em campo nativo. Essa pecuária é praticada em um campo que nunca foi plantado, onde as espécies estão adaptadas aquele ambiente e crescem independente de fertilização e semeadura. É um ativo que a natureza oferta de graça. Esse é um modelo de pecuária totalmente diferente daquela praticada no Centro Oeste e Norte do Brasil, onde é preciso derrubar florestas e plantar uma gramínea para ter comida para o gado. No Pampa, o gado come um pasto que já estava disponível antes da própria introdução do gado. Do ponto de vista ecológico, essa é uma forma de uso sustentável de vegetação nativa (SOJA, 2016).

Esta transformação dos diferenciais da região – capital humano, de tradição, de cultura, de elementos históricos, econômicos, naturais – tem o objetivo de gerar ativos tangíveis que possam reverter em ganhos econômicos para os produtores (REFÚGIO, 2017).

De uma forma geral, o projeto de atuação da Embrapa na região está baseado em premissas de "desenvolvimento sustentável, da transição agroecológica, da conservação e uso eficiente dos recursos naturais, do reconhecimento dos aspectos históricos e culturais das comunidades e produtores locais" (REPRESENTANTE, 2016):

⁶⁵ Associação Brasileira de Criadores de Ovinos.

Trata-se de uma proposta de desenvolvimento endógeno que, para sua consecução, no entanto, requer conhecimentos acerca das transformações ecológicas, técnicas, sociais e econômicas, geradas por relações socioecológicas históricas do território em questão, a construção de práticas apropriadas ao ambiente e em sintonia com o paradigma do desenvolvimento sustentável e um novo espaço institucional para exercitar os conflitos de interesses e avançar na construção da noção do território do Alto Camaquã (ECOLOGIZAÇÃO, 2007).

O conceito de sustentabilidade, que já foi internalizado pelos pecuaristas, é muito presente em suas falas. Como explica Lefebvre (2014), o social é sempre incorporado em palavras ou expressões particulares, que são cheias de significado e, ao mesmo tempo, relativamente insignificantes em si mesmas. Essas expressões estão disfarçadas sob o manto da “insignificância”, mas que, no fundo, estão cheias de significado (LEFEBVRE, 2014, n.p 68). Segundo Misoczky e Böhm (2012), o termo “sustentável” é impreciso e apresenta diferentes e contraditórios significados. Esta obscuridade leva pessoas a falar e escrever sobre o termo sem uma clara definição do que se considera “sustentável”. Desse modo, a expressão pode ser usada para significar muitas coisas. Em relação à natureza, sustentabilidade se refere a processos regenerativos e de subserviência às leis da natureza em combinação com o sustento e sobrevivência de populações nativas. Do ponto de vista do mercado, o termo se refere a assegurar o suprimento de matéria-prima, o fluxo de mercadorias, a acumulação de riqueza e o retorno do investimento. Para os autores, o significado de sustentabilidade institucionalizado ao longo das décadas pós-Eco-92⁶⁶ foi o do mercado. Dessa forma, a ambiguidade que acompanha a expressão tem sido funcional à legitimação e ao encobrimento da investida do capital sobre a natureza. Ou seja, a falta de precisão no uso do termo faz parte do seu apelo.

Como já foi abordado anteriormente, as tradições e os saberes dos pecuaristas familiares, de fato, valorizam práticas harmoniosas entre o homem e a natureza, respeitando os ciclos naturais das estações do ano e os limites do campo como definidor do limite da produção: os animais são criados em meio à vegetação nativa, com sombra, água fresca, dedicação da família e, principalmente, pasto para o engorde.

tu vê o tamanho do pasto, por exemplo, tu bota ali 40 res num campo ali, aí quando é verão, um verão chuvoso como esse, tu pode ter um monte de gado ali que tá um pastizal tremendo, né. Se tu for olhar um campo nessa época do ano tu vai dizer: “ah, mas tá sobrando espaço!”, vou comprar mais 100 res e vou botar aqui dentro, mas daqui a pouquinho vem o inverno e o pasto todo morre e tu não pode ter campo só pra uma estação, né, tu tem que ter um campo pra todas as estações do ano. Então pode tá sobrando pasto no verão, tu não pode botar mais gado ali. Tu pode quando muito é fazer

⁶⁶ Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro em 1992, cujo objetivo foi a celebração das diretrizes dominantes sobre a questão ambiental sob o manto da ideologia do Desenvolvimento Sustentável.

o manejo: ah, eu vou criar mais gado agora, depois eu vendo porque no inverno eu não vou poder ter (informação verbal)⁶⁷.

Ao conversar com os moradores da região, entende-se que o emprego do termo sustentável está relacionado ao ponto de vista da natureza, justamente pelo fato de que a maneira como está organizada a cadeia produtiva da qual fazem parte consegue conciliar e integrar os interesses dos moradores, preservar a história, cultura e meio ambiente, e ainda gerar renda. Como explica Eduardo Vélez⁶⁸,

O Pampa tem uma matriz produtiva com grande grau de sustentabilidade, que é a pecuária em campo nativo. Essa pecuária é praticada em um campo que nunca foi plantado, onde as espécies estão adaptadas aquele ambiente e crescem independente de fertilização e semeadura. É um ativo que a natureza oferta de graça. Esse é um modelo de pecuária totalmente diferente daquela praticada no Centro Oeste e Norte do Brasil, onde é preciso derrubar florestas e plantar uma gramínea para ter comida para o gado. No Pampa, o gado come um pasto que já estava disponível antes da própria introdução do gado. Do ponto de vista ecológico, essa é uma forma de uso sustentável de vegetação nativa (SOJA, 2016).

No entanto, o significado de sustentabilidade atribuído pelo mercado também perpassa essa realidade através do trabalho desempenhado em parceria com organizações que lidam diretamente com o pecuarista familiar. A pressão do mercado sobre a produção pecuária local já existe e a tendência é que se fortaleça com o passar do tempo, e o próprio projeto de instalação de um frigorífico em módulos já sinaliza isso. De acordo com o presidente da Arco, Paulo Afonso Schwab, “o diferencial do projeto é que o frigorífico começa com a planta mínima, mas tem a condição de aumentar através de módulos de acordo com a demanda” (APROVADA, 2017).

Quem defende uma perspectiva sustentável para o Pampa entende que, ao invés de ficar investindo na agricultura tradicional, na silvicultura e na mineração, nestas áreas de campo nativo, se deveria qualificar a cadeia produtiva da carne, conseguindo vantagens diferenciadas de mercado (SOJA, 2017). Segundo Chomenko e Bencke (2016, p.169), o clima relativamente ameno aos animais, do relevo suave e do predomínio de vegetação campestre natural, fazem da atividade pastoril a vocação natural do Pampa. Assim como nos países vizinhos que compartilham o bioma, o Pampa gaúcho possui a vocação natural para diversas atividades produtivas, mas especialmente para a pecuária extensiva, possibilitando a convergência de objetivos econômicos e conservacionistas no bioma.

⁶⁷ Entrevista concedida por COLARES, Vera. Entrevista 20. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (4min e 24seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

⁶⁸ Doutor em Ecologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Existe no Pampa um potencial de produtividade e diferenciação de produtos único no Brasil, que permite ao Rio Grande do Sul concorrer diretamente com Uruguai e Argentina na produção de carne e leite de qualidade e com alto valor agregado, produzidos em ambientes de pastagens naturais, atendendo aos mais exigentes mercados do mundo, com volume e oferta constantes ao longo do ano, graças a esse ambiente diferenciado, onde forrageiras de inverno e de verão coexistem nas mesmas áreas de pastagens nativas. O Bioma Pampa é o alicerce que sustenta esse potencial, conferindo ao Rio Grande do Sul uma das melhores condições ambientais naturais do mundo para a produção de leite, carne e lã a pasto, em regimes extensivos de criação (CHOMENKO e BENCKE, 2016, p. 180).

O conceito de vocação guarda relações com a teoria das vantagens comparativas, desenvolvida pelo economista David Ricardo (1982). De acordo com o autor, as nações que entram no mercado internacional ofertando produtos que são eficientemente produzidos em seus países, em função de características geográficas e naturais, possuem vantagens comparativas em relação a outras nações, e por isso importam seus produtos com vantagens para países que não tem condições de produzi-lo, ou produzem a um custo mais alto comparativamente (RICARDO, 1996).

Assim, a produção pecuária não é uma vocação, mas uma escolha feita pelos moradores da região, em relação aos aspectos naturais e geográficos. Essa é mais uma das muitas contradições que permeiam essa realidade das comunidades. Além disso, se considerarmos a reserva mineral da região à luz da teoria das vantagens comparativas, corremos o risco de validar a atividade extrativista mineira como vocação da região, e que hoje é a maior ameaça aos modos de vida dessas comunidades.

No entanto, quando olhamos para este fenômeno através da Teoria dos Momentos, é preciso ter em mente que o momento tem sua forma, as regras do jogo, seus ritos e cerimônias, e, por sua vez, esta forma se impõe sobre o seu conteúdo (LEFEBVRE, 2014, Vol.II, n.p). Ou seja, quando se trata de empregar o conceito de vocação para o desenvolvimento da pecuária, trata-se de um momento em que as “regras do jogo” permitem tal associação. No entanto, quando o assunto é a mineração, o emprego do conceito de vocação infringe as regras desse momento.

Tanto o discurso da Produção “sustentável” quanto da Pecuária Familiar como “vocação” do Pampa, carregam contradições. Essas contradições, como sustenta Lefebvre, são frutíferas e a vida cotidiana “não pode ser expressa fora das contradições que a enlaçaram, dividindo-a e tornando-a problemática, instável, destinada a ser superada” (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p). A consciência nasce de problemas, contradições e conflitos, de opções e escolhas que são necessárias e livres:

Se o objetivo fosse ter máximo lucro, a gente poderia fazer coisas diferentes, né, mas por outro lado a gente perderia em modos de vida, perderia, digamos assim, em alegria, em formas, em preservação do meio ambiente, a gente perderia em vários outros aspectos, né. Essa forma que a gente trabalha não dá tanto lucro, mas permite uma vida mais, assim, mais duradoura, permite que esses recursos vão se mantendo.[...] E como assim, as coisas são, embora nós não percebêssemos isso, né, na verdade as coisas se organizam de forma melhor de se viver eu acho (informação verbal)⁶⁹.

Neste caso, a escolha dos moradores da região é a escolha pela preservação do cotidiano, das tradições, da cultura, dos recursos naturais, não só como fonte de insumos para a atividade da pecuária, mas para a conservação do Pampa como um legado para as próximas gerações. Entre as possibilidades, a escolha é pelo o que é “necessário”. Visto pela ótica da Teoria dos Momentos, essa escolha reflete a negação de “outros modos de vida cotidiana, outras necessidades, outras exigências” (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p) típicas da estrutura capitalista e que entram em conflito com as formas de reprodução da vida dessas comunidades. Isso pressupõe a existência de uma conscientização, de escolhas que destacam este momento da situação “trivialidade/tragédia”, pois, vistos como uma totalidade parcial, ele carrega um potencial de transformação da realidade em algo novo e genuinamente total: a escolha pela primazia da preservação dos modos de vida frente às investidas do capital nas formas de organização da atividade produtiva local.

Portanto, são os indivíduos que refletem, formulam opiniões e definem atitudes. Seu Lalinho, que há 47 anos mora e trabalha no campo, afirma que “se Deus quiser, eu vou morrer aqui. Não é esse tipo de negócio que vai mudar a minha maneira de pensar” (EM PARAÍSO, 2017).

Os conceitos de sustentabilidade e de vocação refletem representações simbólicas e ideológicas. Mesmo com a resistência dos modos de vida às investidas do mercado, não podemos desconsiderar jamais que o “alargamento das possibilidades é acompanhado por fenômenos contraditórios: pressões e restrições, modelos e normas, verificações, lacunas e desequilíbrios” (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p). Pressões e restrições morais ou ideológicas mantêm uma espécie de equilíbrio estático dentro de consciências individuais ou coletivas que correm o risco de serem inundadas por possibilidades. Hoje, o que está presente no discurso das organizações de mercado quando falam em numa forma de produção sustentável é que o potencial diferenciado da produção local deve ser valorizado, bem utilizado e transformado em

⁶⁹ Entrevista concedida por COLARES, Vera. Entrevista 20. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (4min e 24seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

ganhos econômicos para os produtores. Até agora, nota-se que esse modelo tem trilhado um caminho que permite a produção e reprodução dos modos de vida das comunidades da bacia do rio Camaquã.

Esse tipo de invenção de palavras, símbolos e imagens - em suma, de ideologias e representações - tem sua cota de eficácia, e não puramente e simplesmente "reflete" os fatos realizados com o objetivo de justificá-los. Cria algo: uma unidade dentro do todo. Como as contradições entre as ideias podem ser resolvidas em e através de um esforço de consciência, esse esforço é em si uma ação. Assim que resolve conflitos entre representações em uma obra, cria uma unidade. Nesse sentido, qualquer trabalho cultural, filosófico ou estético é um produto social altamente complexo e bastante distinto dos produtos materiais. Não reflete simplesmente ou expressa contradições; substitui-os e resolve-os "através de ideias" ou através de uma proposição, isto é, uma hipótese unificadora. Se essa proposição gera novos conflitos, só percebemos isso mais tarde, durante um processo histórico (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p).

Como uma hipótese unificadora, o conceito de sustentabilidade está presente na realidade dessas comunidades tanto pela ótica da natureza quanto do mercado. Porém, o que garante que, no futuro, em resposta às pressões de organizações de mercado ou do aumento da demanda, a pecuária extensiva não ceda lugar aos métodos não tradicionais e "sustentáveis"? O que garante que a pressão pelo aumento da produção não esteja interessada em preservar o Pampa apenas para assegurar o suprimento de matéria-prima, o fluxo de mercadorias, e, assim os ganhos econômicos? Essas são questões que só o tempo poderá responder. No entanto, a história já nos mostra o que podemos esperar:

até agora o "progresso" só afetou secundariamente as realidades sociais existentes, modificando-as o mínimo possível, de acordo com os rígidos ditames de rentabilidade capitalista. O importante é que os seres humanos sejam lucrativos, não que suas vidas sejam mudadas. Tanto quanto possível, o capitalismo respeita a forma e os contornos preexistentes da vida das pessoas. Apenas a contragosto, por assim dizer, isso traz alguma mudança. A crítica do capitalismo como um "modo de produção" contraditório que está morrendo como resultado de suas contradições é fortalecida pela crítica do capitalismo como o distribuidor da riqueza e do "progresso" que produziu (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p).

Assim, temos uma forma de capitalismo, que sob o manto da sustentabilidade, alcança uma integração, uma conciliação entre os interesses do capital e os interesses dos moradores da região. Até o presente momento essa integração tem se mostrado possível, mas é previsível que com o tempo ela venha a ser alterada e que muito provavelmente os interesses do capital tentem se sobrepor ao das comunidades de pequenos produtores familiares.

3.3. A LUTA CONTRA O PROJETO DE MINERAÇÃO CAÇAPAVA DO SUL

Apesar da articulação da Votorantim Metais ter iniciado em 2008, a comunidade local só passou a tomar conhecimento do Projeto no ano de 2016, quando os moradores da região das Palmas ouviram rumores de que as atividades de mineração seriam retomadas na cidade de Caçapava do Sul. Num primeiro momento, pensavam que a atividade seria retomada na antiga mina de extração de cobre desativada na década de 90, mas após algumas pesquisas, a comunidade deparou-se com um projeto novo, elaborado pela *Joint Venture*⁷⁰ *Nexa Resources*⁷¹, formada pela Votorantim Metais e *Iamgold* Brasil.

A luta contra o Projeto Caçapava do Sul começou com a mobilização dos moradores do distrito das Palmas, em Bagé/RS, e de outros municípios também banhados pelo Rio Camaquã, onde as populações se preocuparam com os possíveis impactos ambientais e sociais do empreendimento que ameaçam seus modos de vida, saúde das pessoas que lá vivem e a produção local, principalmente pecuária e ovinocultura. Ao discutir esses riscos, muitos moradores retomam o panorama de 1996, quando ocorreu o encerramento das atividades da mineração de cobre na região, deixando para trás um passivo de impactos ambientais até hoje presentes, abandono social e declínio econômico individual e coletivo na região⁷² (PROJETO, 2016).

Essa mobilização social começou como conversas informais entre os moradores, que compartilhavam suas preocupações com a qualidade da produção local, saúde da população e danos ambientais. Inicialmente, os moradores não sabiam como agir e por onde começar a divulgar a informação.

Nossa! A gente agia assim meio sem pensar, sabe? Nós temos que fazer, vamos fazer! E aí a gente saía. “E Vamo pra Santana da Boa Vista”, pra falar com eles sobre a audiência; “E vamo pra Pinheiro Machado”! E assim eu juntava a comunidade, juntava umas vinte pessoas e a gente “bora”, ficava panfleteando na rua, e assim, e colava cartaz, e assim,

⁷⁰ Na Teoria da Economia das Organizações, as firmas examinam os incentivos econômicos que elas obtêm para cooperar umas com as outras. No caso da *Joint Venture*, trata-se de uma forma de cooperação quando duas firmas do mercado se unem criando uma nova. BARNEY, Jay B.; HESTERLY, William. Economia das organizações: entendendo a relação entre as organizações e a análise econômica. HANDBOOK de estudos organizacionais. São Paulo: Atlas, v. 3, p. 131-179, 2004.

⁷¹ A marca surgiu da união da Votorantim Metais, empresa líder de mineração de zinco no Brasil, e a Milpo, líder no Peru.

⁷² A jazida de cobre, chamada Minas do Camaquã, foi explorada por mais de 100 anos, de 1865 a 1996, passando por várias etapas de pesquisa e extração mineral intercaladas por períodos de paralisação total ou parcial de suas atividades. A mina foi controlada durante a maior parte do tempo pela Companhia Brasileira de Cobre (CBC). Após seu fechamento, em 1996, a população local que chegou a 3.878 habitantes caiu para cerca de 200 famílias, a maioria de trabalhadores aposentados. Além da evasão de moradores, as atividades de mineração também danificaram a paisagem local e colocaram a saúde da população em risco porque a CBC só se preocupou com o destino dos rejeitos a partir de 1981, quando entrou em vigor a legislação ambiental brasileira (Exploração, 2012).

a gente não refletia! “Vamo fazê? vamo fazê!”. No impulso e “ia embora” (informação verbal)⁷³.

Os primeiros embates entre os moradores e os técnicos da mineradora foram durante as audiências públicas, necessárias para a concessão das licenças pela FEPAM⁷⁴. As duas primeiras ocorreram em julho de 2016, pouco depois dos moradores da região terem tomado conhecimento do Projeto. A primeira, no distrito de Minas de Camaquã, reuniu cerca de 700 pessoas, e em Caçapava no Sul, mais de 900 participantes (PROJETO, 2016).

Figura 17 – Primeira audiência sobre o Projeto Caçapava do Sul, em Minas do Camaquã



Fonte: AUDIÊNCIA, 2016.

As outras três só ocorreram por recomendação do Ministério Público Federal sob a justificativa de que o estudo havia subdimensionado e/ou excluído indevidamente o impacto ambiental nos municípios de Santana da Boa Vista, Bagé e Pinheiro Machado (QUANTO, 2016). Essas audiências foram realizadas nos dias 22, 23 e 24 de novembro, respectivamente, e foram alvo de polêmica por terem as sedes alteradas sem mudança nos cartazes espalhados pela cidade, pouca divulgação e descumprimento da ordem de inscrição para intervenções dos participantes, conforme regulamenta a Portaria nº 66/11 da FEPAM. Com isso, muitos moradores, professores e pesquisadores só conseguiram falar ao final do evento, quando o local

⁷³ Entrevista concedida por COLARES, Vera. Entrevista 1. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (3min e 12seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

⁷⁴ Fundação de Proteção Ambiental Henrique Luiz Roessler, órgão regulador e fiscalizador das questões ambientais do Rio Grande do Sul, responsável por conceder as licenças ambientais do Projeto.

estava quase esvaziado (AUDIÊNCIA, 2016). Em Bagé, com um público de 640 participantes, maioria contrária ao projeto, os manifestantes cantaram o hino rio-grandense no início da audiência e gritavam em coro: "Aqui, não!", "Mineradora, aqui não!" e "Chumbo, aqui não!" (MORADORES, 2016).

Figura 18 – Audiência Pública em Bagé/RS



Fonte: AUDIÊNCIA, 2016.

Conforme as notícias sobre o projeto de mineração iam se espalhando na região, o movimento também ganhava apoio e visibilidade. Além da comunidade local, pesquisadores, ambientalistas, representantes políticos, artistas, atletas e amantes da natureza, passaram a aderir à causa. Dessa articulação de forças que era chamada de Frente de Autodefesa do Camaquã, criou-se a União Pela Preservação do rio Camaquã (UPP) ao final de 2016, quando cerca de 400 pessoas se reuniram na localidade de Palmas no evento denominado de Parlamento de Bagé. Durante o evento, foi escrito o Manifesto de Palmas⁷⁵, que declara

resistência total e absoluta ao projeto de instalação de uma mineradora de chumbo, cobre e zinco na região. Declaram os aqui constantes que utilizarão de todas as suas forças e meios para impedir a agressão à natureza, às pessoas e aos animais que, nessa região, compõem a porção mais preservada do Bioma Pampa. Não será negociado nenhum tipo de compensação. Não claudicaremos. Até a vitória, sempre (MANIFESTO DE PALMAS, 2016).

⁷⁵ Vide Anexo 2.

Figura 19 - Ato em defesa do rio Camaquã no Distrito de Palmas, às margens do rio



Fonte: PROJETO, 2016.

Ao contrário do que é dito por defensores do Projeto Caçapava do Sul, a luta que se organiza vai muito além de um discurso ambientalista. Não se trata da defesa "apenas" da paisagem, natureza e saúde, e sim de uma dimensão muito maior que está ligada aos modos de vida históricos da população da região, da relação da comunidade com as terras e com o Rio Camaquã. Para Vera Colares, deixar o local significa a morte: "Isso aqui é a nossa vida" (A LUTA, 2017).

No entanto, conforme afirma Lefebvre (2014), o homem vive em ambiguidade, age em contradição, embriagado por ideologias que dão a falsa impressão de encaixe entre as diversas esferas da consciência e da prática. Confundidos pelas mistificações, também existem grupos de moradores que defendem o empreendimento baseado nas promessas de geração de emprego, aumento da arrecadação tributária, melhorias de infraestrutura e no desenvolvimento que o empreendimento trará para a região. Esse trabalho de convencimento que vem sendo realizado pela Mineradora ludibria as comunidades e põe em risco os modos de vida da região para que sejam substituídos por modos de vida que representam o "progresso".

Nossa defesa ampla, irrestrita, respeitosa, mas contundente de um projeto mineral que com toda a certeza é sustentável e irá mudar em definitivo a caótica condição socioeconômica de toda a nossa região. Iremos defender o direito de termos direitos, de podermos legar aos nossos filhos e netos oportunidades de trabalho e de renda e que, atingida determinada idade, eles não tenham de abandonar sua terra natal e engrossar as fileiras das grandes metrópoles em busca de trabalho e de subsistência (MINAS, 2018).

Além dessa manipulação, a empresa também busca influenciar a população apresentando números relacionados ao investimento inicial, arrecadação de impostos, aumento do PIB, empregos que poderão ser gerados e projetos de obras de melhoria nas escolas e nas praças da cidade. Sem compreender o que está verdadeiramente por trás dos discursos e das ações da mineradora, moradores e representantes políticos apoiam o projeto:

O chumbo já está lá, assim como o cobre, assim como o zinco e vários outros minérios que o município de Caçapava do Sul foi agraciado pela natureza em que se encontra no seu solo. O que nós queremos simplesmente, o que a empresa quer, é extrair esse minério. Tirar ele do solo, colocar num caminhão e levar”, diz o prefeito Giovani Amestoy (EXPLORAÇÃO, 2017).

Segundo pesquisa realizada por Misoczky e Böhm (2013) sobre a luta em Andalgalá (Argentina) contra projetos megamineiros, as corporações mineiras utilizam duas ferramentas gerencialistas “de controle social, econômico, jurídico e cultural” que impactam diretamente na luta do povo: a ‘Responsabilidade Social Corporativa (RSC)’ e os ‘Pactos de Governança’. Para os autores, “a RSC não é utilizada apenas para elevar as expectativas das comunidades”, ela é também um aparato estratégico “para moldar o contexto político e econômico da região” e “uma arma para combater o movimento de resistência” (MISOCZKY e BÖHM, 2013). Processo semelhante é realizado pelos programas do Instituto Votorantim, através dos quais a empresa influencia a tomada de decisões na gestão do município.

A Votorantim Metais realiza ações de marketing e relações públicas no município de Caçapava do Sul desde 2008, por meio do Instituto Votorantim. Dois instrumentos são utilizados para conquistar a comunidade local: o Programa Parceria Votorantim pela Educação (PVE), realizado em parceria com a Secretaria de Educação de Caçapava do Sul, com o objetivo de “ocupar espaços públicos e incentivar a aprendizagem nestes locais”, envolvendo “gestores escolares, técnicos das secretarias de Educação, diretores e coordenadores pedagógicos, alunos, professores e a comunidade” (CONHEÇA, 2017); e o programa de Apoio à Gestão Pública (AGP), que atua na “modernização da gestão e tem como foco a criação de projetos para equilíbrio das contas, captação de recursos, atração de investimentos” (UMA CIDADE, 2017).

A vida cotidiana é o terreno das mistificações, ideologias e representações. Ela consiste em estudar a margem que separa o que os homens são daquilo que eles pensam que são, reexaminando a noção de mistificação mais profundamente. Para Lefebvre (2014, n.p), a maioria das ideologias tem sido mistificações na medida em que conseguiram, em certos períodos, fazer com que os homens aceitassem certas ilusões e introduzissem essas aparências na vida real. E é isso que essas duas frentes tem feito: apostar num discurso de geração de renda

para uma população carente de empregos, investir em pequenas melhorias de infraestrutura para sustentar a ideia de que a mineração trará o “progresso” para a região. Essas ideologias e mistificações, como aponta o autor, se baseiam na vida real, mas ao mesmo tempo, disfarçam ou transpõem a vida real.

A ameaça aos modos de vida da região é um desses períodos de tensão social ao qual o autor se refere. Confundidos pelas mistificações, muitos moradores da região acreditam que a atividade de mineração em Caçapava do Sul trará benefícios individuais e coletivos. Neste contexto, a luta em defesa dos modos de vida locais é uma escolha que rompe com a ambiguidade, pois revela a tomada de consciência em relação aos reais impactos de uma mina a céu aberto às margens do rio Camaquã. Nesse sentido, o rompimento com a ambiguidade significa o conflito entre os modos de vida históricos da região e as modalidades da vida cotidiana impostas pela estrutura capitalista da sociedade e da vida, manifestadas em práticas extrativistas. Em entrevista, Reginho diz que:

O que nós valorizamos aqui é qualidade de vida. A gente não quer enriquecer. Isso é um estilo de vida diferenciado. Imagina a poluição que uma mina de chumbo a céu aberto vai causar. Quem é que vai querer o que é produzido aqui? É terrível. Essa mina não pode sair (A LUTA, 2017).

A luta contra o projeto de mineração é uma expressão concreta de uma contradição que não se pode resolver usando apenas o pensamento, representações. Ela é um período de tensão social que transforma a vida dessas comunidades; ela é o máximo da decadência, pois representa uma ameaça as formas de produção e reprodução da vida; ela é o rompimento com uma situação de ambiguidade, uma escolha que se destaca em meio à confusão do cotidiano causada pelas mistificações.

A práxis revolucionária parcial exerce pressão sobre as contradições do cotidiano, visando uma transformação, uma transposição do real para o possível. Ainda que carregue junto alguns elementos que reproduzem o modo de produção capitalista, dado que a defesa dos modos de vida dessas comunidades está diretamente relacionada à preservação dos modos de produção da pecuária familiar, a luta causa uma mudança concreta no cotidiano dessas pessoas. Ela transforma a realidade dessas comunidades, ainda que se trate da mineração em nível de projeto, mas com o risco de que se concretize no futuro.

Embora reproduzam o sistema capitalista na forma de produção e distribuição dos produtos, a análise dos modos de vida das comunidades de luta da bacia do rio Camaquã revela uma ação que critica os modos de vida típicos da ordem do capital. Essa luta social busca alcançar os objetivos que se revelam possíveis em meio a ela, e simboliza a busca de um

caminho, a exploração de possibilidades. Portanto, segundo a Teoria dos Momentos, é uma tentativa total da realização de uma possibilidade.

A vida cotidiana é o solo nativo em que o momento germina e cria suas raízes. Mas o momento não é harmônico em relação ao cotidiano. Pelo contrário, os momentos fazem sua crítica ao cotidiano através de suas ações; em contrapartida, o cotidiano faz sua crítica aos momentos pela sua factualidade. Como explica Lefebvre (2014, Vol. II, n.p), “o momento tem uma duração específica”; ele tem “um começo, um cumprimento e um fim”. No entanto, os momentos têm sua própria história, mas são iluminados por uma trajetória que foi inundada por outros momentos, aqueles que já chegaram ao seu fim e outros que ainda estão sendo cumpridos. Assim, um momento significa uma “síntese de todas as analogias e diferenças envolvidas” em relação aos demais.

A luta contra a mineração reflete momentos do passado, do legado de gerações dessas comunidades, já que o momento tem suas memórias. Na fala dos moradores, eles recordam a época em que seus antepassados “lutaram pra trazer tudo isso pra região, né. Nossos pais conseguiram que os governos olhassem por eles e trouxessem luz, trouxessem estrada, trouxessem tudo” (informação verbal)⁷⁶. Nesse sentido, Lefebvre (2014) afirma que o momento é uma forma mais elevada de repetição, renovação e reaparecimento, onde essas memórias ganham ressignificações com o surgimento de novos momentos.

E o que um momento significa? Ele é um festival individual e livremente celebrado; um festival genuíno, que se difere da vida cotidiana apenas na explosão de forças que foram sendo lentamente acumuladas na própria vida cotidiana. Para o autor, o objetivo não é deixar os festivais morrerem ou desaparecerem sob tudo o que é prosaico no mundo, mas sim unir o festival com a vida cotidiana. No entanto, a massa dos momentos cotidianos é compreendida, em linhas gerais, como algo que está apenas indiretamente envolvido nesses lampejos de inspiração, nessas visões totais (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p).

A metáfora que liga o pensamento aos topos das montanhas e às nuvens não é completamente vazia. Podemos tomá-lo como provado que esta metáfora não expressa uma verdade eterna. Mas o problema permanece: como podem as "massas" - sejam massas de momentos ou massas de seres humanos - "participar" de uma visão total? Místicos e metafísicos costumavam reconhecer que tudo na vida girava em torno de momentos excepcionais. Na sua opinião, a vida encontrou expressão e concentrou-se neles. Esses momentos eram festivais: festivais da mente ou do coração, festivais públicos ou íntimos. Para atacar e ferir mortalmente o misticismo, era necessário

⁷⁶ Entrevista concedida por COLARES, Vera. Entrevista 35. [fev. 2019]. Entrevistador: Fernanda de Almeida Pinto. Bagé, 2019. 1 arquivo.mp3 (23min e 42seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

mostrar que, de fato, os festivais haviam perdido seu significado, o poder que tinham nos dias em que toda a magnificência vinha da vida e quando a vida extraía sua magnificência dos festivais. Até agora, o princípio do Festival representou o divórcio da vida. Quer seja um festival para o homem interior ou para o exterior, envolveu uma proporção crescente de encenação. O destino desta vida? E somos nós - as massas humanas, um mero acúmulo de momentos no tempo, planícies pantanosas encobertas por nevoeiro, 'multidões enormes, estúpidas' - estamos destinados a contemplar e adorar os pináculos acima de nós (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p).

O homem verdadeiramente humano, de acordo com o autor, não será um homem de poucos momentos deslumbrantes, “um homem bêbado, um homem que se alimenta de si mesmo”; esse homem se apropriará da natureza e fará do mundo "a alegria que o homem dá a si mesmo, pelos dias, pelos séculos ainda por vir” (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p). Assim, a crítica da vida cotidiana envolve uma investigação das relações exatas entre vida cotidiana e festival, momentos de massa e momentos excepcionais, trivialidade e esplendor, realidade e sonhos, etc.

Por essa razão, os dois momentos identificados nesta pesquisa são importantes para a compreensão da crítica da vida cotidiana pelas comunidades da bacia do rio Camaquã. Esses momentos expressam um conflito com as modalidades da vida cotidiana impostas pela estrutura capitalista da sociedade e da vida, que representam uma ameaça de supressão daquilo que é mais importante para essas comunidades: seus modos de viver.

Figura 20 – Grupo União Pela Preservação do rio Camaquã protestando às margens do rio



Fonte: RINCÃO, 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa foi orientada pelo projeto de Lefebvre, buscando atribuir ao cotidiano uma significação mais relevante e, com isso, revelar a riqueza nos fatos mais humildes da vida. O contato com o cotidiano do campo, da vida em comunidade, das relações entre os moradores, com os animais, com a natureza, revelam o que Lefebvre chamou de “outras formas de vida”, orientada por “outras necessidades”.

Para Lefebvre (2014), estudar a vida cotidiana e usar esse estudo como diretriz para adquirir conhecimento da modernidade é buscar aquilo que tem potencial para ser metamorfoseado. Para isso, é preciso acompanhar os estágios ou momentos decisivos desse potencial de mudança, através da compreensão do real orientando-se pelo que é possível.

As possibilidades são descobertas e inventadas. Observadas sob a luz da Teoria dos Momentos, as possibilidades rasgam o tecido do cotidiano, emergem dele e o transformam. Segundo Lefebvre (2014, Vol. II, n.p.), “não há limites exatos e predeterminados que permitam uma decisão sobre o que é possível e o que é impossível”. As contradições dentro do real são elas mesmas aumentadas ou evitadas, mas uma vez que a escolha foi feita, ela provoca uma ruptura na situação de ambiguidade. Apenas o fato de tomar uma decisão já altera o que era uma impossibilidade distante para uma possibilidade iminente, pois esse é um ato de transformação, um momento.

A crítica da vida cotidiana nesse caso é expressa a partir de dois momentos, que buscam a realização total de uma possibilidade: a preservação da produção e reprodução dos modos de vida históricos das comunidades de luta da bacia do rio Camaquã. O primeiro momento identificado foi a investida do capital na produção pecuária local através de organizações que utilizam o discurso da produção sustentável e da pecuária familiar como vocação do Pampa. Verificou-se que os conceitos de sustentabilidade e vocação são orientados para o desenvolvimento do capital e fortalecimento do mercado. Até o presente instante, a ação dessas organizações vem conciliando a preservação dos modos de vida das comunidades e o desenvolvimento da produção da pecuária familiar. No entanto, “indivíduos ou grupos têm um futuro relativamente incerto a enfrentar, problemas nos quais nossa existência está mais ou menos envolvida” (LEFEBVRE, 2014, Vol. II, n.p). Logo, as escolhas do presente não asseguram a preservação dessa atividade

O segundo momento é um rompimento com a ambiguidade quando os moradores escolhem lutar contra o projeto Caçapava do Sul. A transformação na vida cotidiana, segundo

Lefebvre (2014), pode ocorrer em um movimento de regressão ou progressão. Segundo ele, quanto maior a decadência, mais evidente se tornam as possibilidades. O projeto de mineração representa a ameaça concreta do cotidiano, das tradições, da vida em comunidade, da atividade produtiva da região, da vida no campo, das relações entre o homem e a natureza. Ela representa a “decadência” e, por isso, revela-se como uma possibilidade: a luta em defesa dos modos de vidas.

De acordo com o autor, “a verdadeira crítica da vida cotidiana terá como objetivo primordial a separação entre a decadência humana (real e possível) e burguesa, e implicará uma reabilitação da vida cotidiana” (LEFEBVRE, 2014, Vol. I, n.p). A crítica da vida cotidiana dessas comunidades é ainda mais profunda quando revelada como uma confrontação, desmistificação e desalienação dos modos de vida típicos da ordem do capital, que não só modificam ou substituem esses modos de vida históricos, mas o exterminam. Ou seja, é a representação máxima da decadência.

O desconforto causado pelas contradições frente a essa ameaça fez com que os moradores realizassem escolhas. Essas escolhas rompem com a situação de ambiguidade em que o avanço do capital se desenvolve e, nesse sentido, indo de encontro ao cumprimento do objetivo dessa pesquisa, são vistas como possibilidades de uma realidade capaz de confrontar, desmistificar e até mesmo de desalienar as modalidades de vida cotidiana imposta pela estrutura capitalista da sociedade e da vida.

Quando os moradores dizem que não querem ser ricos, que preferem manter os campos nativos para o engorde dos animais, que possuem um ritmo guiado pelo ritmo da natureza e das estações climáticas, tudo isso representa uma escolha. Essa escolha significa o rompimento com a ambiguidade, mas não extermina todas as contradições do cotidiano. Dessa forma, é uma escolha que ainda não arranca o véu que encobre os discursos simbólicos e ideológicos que, neste caso, operam através dos conceitos de sustentabilidade, vocação, progresso e desenvolvimento, já que as mesmas pessoas que defendem a produção “sustentável”, permeada pela lógica do capital, são as que rejeitam a mineração.

Portanto, visto dessa ótica, não se trata de uma luta por emancipação das estruturas e do modo de produção capitalista, mas uma luta entre o capitalismo extrativista, que substituirá o saber local por um conhecimento técnico e especializado, e o capitalismo sustentável, no âmbito do desenvolvimento local e que permite uma integração entre os interesses do mercado, da natureza e da preservação do modo de vida tradicional da região.

No entanto, mesmo que não se rompam as barreiras do regime capitalista, as escolhas feitas por esses moradores levaram à compreensão da existência de uma consciência em relação aos caminhos possíveis, de uma ação como um meio de acesso ao que é possível: a defesa dos modos de vida das comunidades da bacia do rio Camaquã. E é assim que essas comunidades fazem sua crítica da vida cotidiana, através de contradições, mistificações e alienações, como um “lampejo” de uma visão total.

REFERÊNCIAS

A luta de Palmas contra a mineração: ‘Para nós, sair daqui é um atestado de morte’. **Sul21**, Porto Alegre, 13 out. 2017. Disponível em: < <https://www.sul21.com.br/areazero/2017/10/luta-de-palmas-contra-mineracao-para-nos-sair-daqui-e-um-atestado-de-morte/>>. Acesso em 21/10/2017.

Aprovada planta para construção de frigorífico para abate de ovinos no Alto Camaquã. ADAC, 22 dez. 2017. Disponível em: < <http://www.altocamaqua.com.br/aprovada-planta-para-construcao-de-frigorifico-para-abate-de-ovinos-no-alto-camaqua/>>. Acesso em 12/06/2018.

ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO ALTO CAMAQUÃ. Rio Grande do Sul,. Facebook: Alto Camaquã @territorioaltocamaqua. Disponível em: <<https://www.facebook.com/territorioaltocamaqua/>>. Acesso em: 31 ago. 2019.

Audiência pública debate projeto de mineração às margens do rio Camaquã. **Sul21**, Porto Alegre, 23 nov. de 2016. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/audiencia-publica-debate-projeto-de-mineracao-as-margens-do-rio-camaqua/>>. Acesso em 21/10/2017.

Audiência pública da Votorantim reúne 700 pessoas nas Minas do Camaquã. **Farrapo**, Caçapava do Sul, 28 jul. de 2016. Disponível em: <<http://farrapo.rs/noticias/2/15105/Audiencia-publica-da-Votorantim-reune-700-pessoas-nas-Minas-do-Camaqua.html>>. Acesso em: 28/07/19.

BRAGA, Gustavo Bastos; FIUZA, Ana Louise Carvalho; REMOALDO, Paula Cristina Almeida. O conceito de modo de vida: entre traduções, definições e discussões. **Sociologias** [online]. 2017, vol.19, n.45, pp.370-396. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-45222017000200370&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 09/06/2018.

CHOMENKO, Luiza; BENCKE, Glayson Ariel. **Nosso Pampa Desconhecido**. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <http://www.fzb.rs.gov.br/upload/20160429181829nosso_pampa_desconhecido.pdf>. Acesso em 03/07/2019.

Conheça o documento aprovado no seminário do ANDES-SN sobre mineração. 12 jun. de 2017. Disponível em: <http://www.sedufsm.org.br/index.php?secao=noticias&id=4560>. Acesso em 21.10.2017.

Ecologização da pecuária familiar como estratégia de desenvolvimento territorial do Alto Camaquã. Embrapa Pecuária Sul. 2007. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/pecuaria-sul/busca-de-projetos/-/projeto/7679/ecologizacao-da-pecuaria-familiar-como-estrategia-de-desenvolvimento-territorial-do-alto-camaqua>>. Acesso em: 01.08.2019.

Em ‘paraíso na Campanha’, pecuaristas lutam para preservar terras da chegada de mineradora. **Sul 21**, Porto Alegre, 19 fev. de 2017. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/em-paraiso-na-campanha-pecuaristas-lutam-para-preservar-terras-da-chegada-de-mineradora/>>. Acesso em 21.10.2017.

Empreendimento de mineração em Minas do Camaquã (RS) está em fase de licenciamento ambiental. 14 jun. de 2016. Disponível em: <<http://website.comunicasul.com.br/post.php?s=2016-06-14-diretor-presidente-da-votorantim-metais-apresenta-projeto-cacapava-do-sul-ao-governador-sartori>>. Acesso em: 21/10/2017.

Exploração de cobre em Minas do Camaquã (RS) provocou alterações na paisagem. 21 set. de 2012. Disponível em: <<http://verbetes.cetem.gov.br/verbetes/ExibeVerbete.aspx?verid=19>>. Acesso em: 21/10/2017.

Exploração de minérios perto do Rio Camaquã provoca polêmica no RS. **G1**, Rio Grande do Sul, 07 abr. de 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/exploracao-de-minerios-perto-do-rio-camaqua-provoca-polemica-no-rs.ghtml>>. Acesso em: 21/10/2017.

FLORES, Rafael Kruter. **Dos antagonismos na apropriação capitalista da água à sua concepção como bem comum**. 2013. Tese (Doutorado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FLORES, Rafael Kruter; MISOCZKY, Maria Ceci. Hacia una crítica ontológica de la ecología política en América Latina. **Actuel Marx Intervenciones**, N° 19, p. 61-86, 2015.

GUDYNAS, Eduardo. Extractivismos: ecología, economía y política de un modo de entender el desarrollo y la naturaleza. CEDIB, Centro de Documentación e Información Bolivia, 2015.

GUDYNAS, Eduardo. Extractivismos en América del Sur: conceptos y sus efectos derrame. *Mineração na América do Sul: neoextrativismo e lutas territoriais*. São Paulo: **AnnaBlume**, p. 23-44, 2016.

GUERRA, Isabel et al. **Modos de vida: novos percursos e novos conceitos**. 1993. Disponível em: <<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/932>>. Acesso em 09 jun. 2018.

HESS, Rénil. *La méthode d'Henri Lefebvre*. 1991. Disponível em: <<http://www.multitudes.net/La-methode-d-Henri-Lefebvre/>>. Acesso em: 19/06/2018.

LEFEBVRE, Henri. **Critique of Everyday life**. London: Verso, 2014. Versão digital. Não paginado.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. 4ª. reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. **O capital**: Livro I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MATTE, Alessandra. Carne a pasto: serviço ambiental da pecuária no Pampa brasileiro. **UFRGS**, Porto Alegre, 14 jun. de 2019. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/obema/carne-a-pasto-servico-ambiental-da-pecuaria-no-pampa-brasileiro/>>. Acesso em 20/06/2019.

MAZURANA, Juliana; DIAS, Jaqueline Evangelista; LAUREANO, Lourdes Cardozo. **Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa**. Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia, 2016. Disponível em: <<http://comitepampa.com.br/page/livro-para-download/>>. Acesso em 18/05/2018.

Minas do Camaquã reúne autoridades em Fórum de defesa da Mineração. 17 abr. 2018. Disponível em: <<http://prefeitura.cacapava.net/portal/?i=28&num=4426>>. Acesso em: 14/06/2018.

MISOCZKY, Maria Ceci; BÖHM, Steffen. Do desenvolvimento sustentável à economia verde: a constante e acelerada investida do capital sobre a natureza. **Cadernos Ebape.br**, v. 10, n. 3, 2012

MISOCZKY, Maria Ceci; BÖHM, Steffen. Resistindo ao desenvolvimento neocolonial: a luta do povo de Andalgalá contra projetos megamineiros. **Cadernos Ebape.br**, v. 11, n. 2, p. 311-339, 2013.

Moradores de Bagé se manifestam contra mineradora: ‘Resistiremos até o fim’. **Sul21**, Porto alegre, 24 nov. 2016. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/moradores-de-bage-se-manifestam-contra-mineradora-resistiremos-ate-o-fim/>>. Acesso em: 22/02/2016.

NABINGER, Carlos. Carlos Nabinger:Alto Camaquã, um modelo de desenvolvimento sustentável do território. **Gaúcha ZH**, 27 mai. de 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/campo-e-lavoura/noticia/2017/05/carlos-nabinger-alto-camaqua-um-modelo-de-desenvolvimento-sustentavel-do-territorio-9801133.html>>. Acesso em: 03/07/2019.

Passeio encerra atividades de evento contrário à mineração. **Jornal Folha do Sul**, 21 nov. 2017. Disponível em: <<http://www.jornalfolhadosul.com.br/noticia/2017/11/21/passeio-encerra-atividades-de-evento-contrario-a-mineracao>>. Acesso em: 16/06/2018.

PINTO, Fernanda de Almeida; FLORES, Rafael Kruter; MELZ, Rodrigo Luís. Mineração no rio Camaquã: uma análise de atores. Montevideo, XXXI Congresso ALAS. Disponível em: <http://alas2017.easyplanners.info/opc/tl/6956_fernanda_de_almeida_pinto.pdf>. Acesso em: 10/06/2018.

PIRES, Antonio Candido Silveira. Palmas da gente, guardados da memória. URCAMP, 1992.

Planta para construção de frigorífico do Alto Camaquã é aprovada. **Jornal Folha do Sul**, Bagé/RS, 23 dez. de 2017. Disponível em: <<http://www.jornalfolhadosul.com.br/noticia/2017/12/23/planta-para-construcao-de-frigorifico-do-alto-camaqua-e-aprovada>>. Acesso em: 03/04/2018.

Projeto de mineração ameaça uma das últimas áreas preservadas do Pampa, advertem entidades. **Sul21**, 12 nov. de 2016. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/jornal/projeto-de-mineracao-ameaca-uma-das-ultimas-areas-preservadas-do-pampa-advertem-entidades/>>. Acesso em: 21/10/2017.

Projeto de mineração é debatido entre frente de proteção do Rio Camaquã e Ministério Público. **Jornal Minuano**, 26 de out. de 2017. Disponível em: <<http://www.jornalminuano.com.br/noticia/2017/10/26/projeto-de-mineracao-e-debatido-entre-frente-de-protecao-do-rio-camaqua-e-ministerio-publico>>. Acesso em: 19.05.2018.

Quanto vale o ouro não declarado?. **Espaço Vital Notícias Jurídicas**, 05 ago. de 2016. Disponível em: <<http://www.marcoadvogado.com.br/publicacao-34149-quanto-vale-o-ouro-nao-declarado>>. Acesso em: 03/07/2019.

RECUERO, Raquel. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla. **Etnografia e consumo midiático**: novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.).

Refúgio do Bioma Pampa, Palmas luta contra êxodo rural e projeto de mineradora. **Sul21**, Porto Alegre, 19 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/jornal/refugio-do-bioma-pampa-palmas-luta-contr-exodo-rural-e-projeto-de-mineradora/>>. Acesso em: 16/06/2018.

Responsável por projeto no Alto Camaquã, Embrapa defende debate sobre instalação de mineradora. **Sul 21**, Porto Alegre, 09 dez. de 2016. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/areazero/2016/12/responsavel-por-projeto-no-alto-camaqua-embrapa-defende-debate-sobre-instalacao-de-mineradora/>>. Acesso em: 21/10/2017.

RICARDO, David. **Princípios de economia política e tributação**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

Rincão do Inferno resiste contra mineração para preservar paraíso do Pampa Gaúcho. **Teia Popular**, 30 jan. de 2019. Disponível em: <<https://teiapopular.org/rincao-do-inferno-resiste-contr-mineracao-para-preservar-paraiso-do-pampa-gaucha/>>. Acesso em: 04/08/2019.

Rio Grande do Sul. Portaria FEPAM nº 66, de 12 de julho de 2011. Disponível em: <<http://www.fepam.rs.gov.br/LEGISLACAO/ARQ/PORTARIA066-2017.PDF>>. Acesso em: 03/07/2019.

Soja, silvicultura e mineração pressionam biodiversidade e economia do Pampa gaúcho. **Sul 21**, Porto Alegre, 18 dez. de 2016. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/jornal/soja-silvicultura-e-mineracao-pressionam-biodiversidade-e-economia-do-pampa-gaucha/>>. Acesso em: 21/10/2017.

TREBITACH, Michel. Prefácio. In: LEFEBVRE, Henri. **Critique of Everyday life**. London: Verso, 2014.

Uma cidade melhor pra todos. Projeto Caçapava do Sul, 18 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.projetocacapavadosul.com.br/noticias/uma-cidade-melhor-para-todos>>. Acesso em 22 set. 2017.

Anexo 2 – Manifesto de Palmas

Palmas, Bogé, AS, 06 de novembro de 16
MANIFESTO DE PALMAS

Eu, Ingrid, Pery Bimfeld, acadêmica, estudante,
C. I. BRUSSONARD, nesta ato designada como acadêmica
na "ad hoc" pelas ubaixas assinados bem como
pelas cidadãs contantes do documento em
anexo, tem publicamente dizer que, às margens
do Rio Ionguá, nesta localidade, às 14h
do dia corrente, foi declarada existência
total e absoluta ao projeto de instalação
de uma mineradora de chumbo, cobre e
zinco na zona região de Lavagem os aqui
contantes que utilização de todos os seus
forças e meios para impedir a ocorrência
a natureza, os povos e aos recursos
que, nessa região, compõem a porção
mais preservada do Bioma Cerrado. Não
sua negociação nenhum tipo de compensação
nem claudicações. Até a vitória, sempre
Que Viva o Povo Goiano, Que Viva os Palmas,

Que Viva o Rio Grande do Sul.

* Casa de Pedra

[Handwritten signatures and names]
Marta Vitor Campos, Tânia G. Campos,
Celia Wilton Vitor,
MARCOS PALMA, Maria Beatriz de Souza,
Igor Maria H. Quintana,
Maurice de Souza Martin,
Agna Farias,
Renata B. Silveira, Patricia Cavalli da Silva

Apêndice 1 – Transcrição das entrevistas

DIA 23/02

Áudio 1: Vera Colares (duração 3min e 12seg)

Vera Colares - A prospectiva da nossa associação de moradores, quanta coisa a gente fez no ano passado, só no ano passado. E pela própria UPP também, né. Nossa! A gente agia assim meio sem pensar, sabe? Nós temos que fazer, vamos, fazer. E aí a gente saía e: Vamo pra Santana da Boa Vista e pra falar com eles sobre a audiência; E vamo pra Pinheiro Machado e, assim, eu juntava a comunidade, juntava umas vinte pessoas e a gente “bora”, ficava panfleteando na rua, e assim, e colava cartaz, e assim, a gente não refletia, “vamo fazer, vamo fazer”, no impulso e “ia embora”. Foi legal assim.

Entrevistadora - Como foi a recepção das pessoas?

Vera Colares - Boa, tranquila. Eu me lembro que numa audiência em algum lugar o pessoal falou, alguns mentirosos que a gente tinha sido corrido de Santana da Boa Vista, mas é completamente absurdo. Nunca ninguém nos tratou mal em lugar nenhum. Claro, há o debate as vezes. A pessoa diz “ah, porque vocês estão errados, vocês são contra o progresso”, então, uma coisa assim”. Mas ninguém nunca nos agrediu, nunca nos correu de lugar nenhum, muito pelo contrário, lá em Santana, mesmo, nós ficamos na praça, né, nós ficamos no, como a gente trabalhava, eu trabalhava também, agora já tô aposentada, na época eu ainda trabalhava, a Márcia trabalhava, meus sobrinhos também, e a gente ia geralmente no sábado. A gente foi sábado, acho que no Pinheiro e em Santana a gente foi num feriado, uma coisa assim. Porque a gente tinha que ir antes da audiência que era pra convocar o pessoal pra audiência e explicar o que que tava acontecendo. Os cartazes da audiência foram colados, né, e ninguém nem sabia o que que era, nem dizia... dizia: Audiência sobre o projeto Santa Maria. E ninguém sabia o que que era, né, na cidade. Então a gente foi pra fazer esse chamamento daí. E ficamos na praça, as pessoas chegavam pra conversar e a gente conversava, entregava o panfleto. Fomos no comércio, né, colamos cartazes nas lojas. Lá em Santana da Boa Vista, um conhecido nosso, que era muito amigo nosso até; um rapaz que trabalhava no cartório e o pai dele era, ele trabalhava na rádio. Então, quando nós fomos ele já tinha agendado uma entrevista na rádio. Então, assim, tudo muito bom.

Áudio 2: Dona Clair Schneider (duração 33min e 50seg)

Entrevistadora - E esses rolos de lã aqui é a sra que faz?

Dona Clair - Sim, isso aqui é lã grossa pra tricot, no caso. Aqui é mais fina pra tear.

Entrevistadora - E como é que ela chega pra sra?

Dona Clair - Das minhas ovelhas mesmo que eu processo.

[...] Aqui ela já tá lavadinha. Essa é uma lã Corredali, de uma ovelhinha Corredali. Ela já tá pronta, tá limpinha. Pode olhar que ela não tem cheiro. O sabão eu mesma que faço do sebo da ovelha que eu aproveito quando abate ou quando... carne frita, essas coisa que a gente tira.

Ela chega aqui pra mim assim, deixa eu te mostrar aqui, suja. Essa lã aqui no caso não é minha. Essa lã aqui eu tô processando pra uma sra que é de SP, ela tá suja, tá com cheiro; é da raça Merino. Ela tá um pouco meio queimada. Ela é bem fininha, mas pra tricot é muito fina. Eu, sinceramente, não gosto muito de trabalhar; ela é muito trabalhosa, ela não rende, o tempo que tu vai fazer uma peça com a Merino tu faz duas ou três com outra lã.

Aqui eu tenho da raça “Romer”, que é uma ovelha que eu gosto muito de trabalhar. Olha que solta que ela é; ela é solta, ela é compridinha, muito boa de trabalhar a “Rome”. Ela é mais grossinha.

Entrevistadora - E a sra que faz tudo?

Dona Clair - TUDO. Depois de processada ela vai ficar assim, um cinza. Natural, isso que é o importante.

Vera Colares: e como é que a sra vai mandar, por transportadora?

Dona Clair - Vou mandar pelo sedex, de novo. A Mercúrio eles precisam de nota fiscal e eu não tenho como emitir nota fiscal pra fora do estado, só pra dentro. Tenho que ir lá me cadastrar... aí eu não posso mandar pela transportadora. Aí agora eu vou mandar de novo por sedex, porque agora vai ser, 8, 10kg, é pouco.

Essa é uma lã que foi lavada (chegou pra ela já lavada); ficou muito mal cardada⁷⁷, feia. Mas eu tô fazendo o fio dela assim mesmo. Mas não é boa essa lã. Ela ficou mal feita, e ela tem muita lã misturada, eles não tiraram a garra, no caso aquela parte do pé, da barriga, aquela parte que a gente não processa, né.

{máquina} Isso aqui eu peguei um carretel daquela máquina lá, peguei um motorzinho velho de máquina de lavar roupa e adaptei aqui porque a pedala é muito demorada e a de motor aqui é mais leve; faço um dois quilos de fio por dia dele. Sendo que na máquina à pedal é bem menos.

Aqui tem os tear, tem esse pequeno, tem esse maior aqui que eu faço uma colcha, um cobertor bem grande pra cama; e tem também aquele outro lá que é de usar, aquele lá eu não uso muito porque ele precisa de lã bem fina.

Entrevistadora - E a sra faz isso desde...:

Dona Clair -Sempre!

Dona Clair - Esse aqui é um tapetinho, tingido com chá de macela, amarelinho. Pra um quilo de lã tu precisa de meio quilo de matéria orgânica. Eu tenho tudo anotadinho ali. Aí tu tem que botar um fixador. Tu vai fazer o chá pra molhar a lã, antes de tu colocar aqui e aqui, ou depois também, tanto faz, tu vai molhar a lã num chá de... ou tu vai comprar um fixador, ou tu vai molhar a lã num chá de goiabeira ou num de língua de vaca, faz um chá bem concentrado! É um fixador muito bom. Aí não sai pro resto da vida.

Entrevistadora - E a sra aprendeu com quem?

Dona Clair - Eu aprendi, a minha família é tudo da campanha, tudo de fora. A gente aproveitada as lãs e sempre fazia. Coberta pra cama a gente não comprava. Edredom nem existia naquela época. Tudo a gente fazia em casa. Eu fui aprendendo. Eu gostava. Desde pequena eu comecei a pedalar a máquina, gostei de pedalar.

{feltro} isso aqui tu põe um modelo que tu quer em cima da mesa, aí tu põe a lã, molha com água morna e sabão e vai batendo até tu formar. Aí quando tu vê que tá bem armadinho, tu enrola num rolo e vai passando.

Áudio 3: Vera Colares (duração 43min e 59seg)

⁷⁷ A Cardação é um processo mecânico que desembaraça, limpa e mistura fibras de modo a produzir um véu ou fita de fibras adequada aos passos seguintes do processo têxtil. Ao mesmo tempo remove impurezas contidas nas fibras, sobretudo através das ações do chapéu da carda.

Vera: É impressionante o quanto as pessoas precisam de apoio e eu tenho trabalhado bastante, mesmo assim, parece que não faço nada porque é tanta coisa pra fazer. Depois que eu me aposentei e comecei a me envolver mais com a comunidade e a visitar as pessoas e apoiar as atividades, é muita coisa assim...Me viro em mil! Tem as artesãs, as doceiras, os criadores de ovinos, tem os criadores de gado. O pessoal me procura bastante e eles vão se envolvendo, e pedem apoio pra venda, e pedem apoio pra promoção e pedem apoio pra...tudo. É comprador me ligando, é produtor me ligando [...] uns precisam de estradas, outros querem que... ano passado mesmo nós fizemos um mutirão pra concertar o cemitério. Tens uns lá que o sonho da vida deles era ver o cemitério bem arrumado porque tem os familiares enterrados lá, outros querem estrada, outro o problema é a escola que tá mal atendida. Então, assim, é uma gama muito grande de atividades, de necessidades. Mas o importante é a gente tá fazendo alguma coisa, isso que eu acho. Tu não vai fazer tudo, mas um pouco que tu faça, já ajuda.

Esse espírito de ajuda, digamos, é bem fluente na nossa comunidade. O pessoal é bem unido. Claro, tem pessoas que são mais desagregadoras, como todo lugar, mas isso é normal. Uns que são meio, mesquinhos. Mas, em geral, o pessoal é bacana. Tem um espírito bem solidário, até é um espírito que vem até da... surgiu da necessidade. Um pouco é genético mesmo, mas tem vários fatores. A necessidade ajuda porque, hoje nós estamos com muitas facilidades na zona rural, mas antigamente a gente não tinha estradas, a gente não tinha veículo, ninguém tinha. Então era tudo difícil. Tu precisava de algum remédio, tinha que pedir pros vizinhos; pra levar na cidade, tu tinha que pedir e, as vezes, só tinha um que tinha carro; as vezes não conseguia chegar, tinha que sair com o doente no colo. Enfim, tínhamos muitas necessidades e as pessoas precisavam ajudar umas às outras.

[...] Se tinha uma pessoa só que tinha carro aquele ali era o premiado. Tinham pessoas que eram boas, que tu podia chegar e que te ajudavam e tinham outras que nem adiantava tu chegar que não ia te ajudar. Mas tu já conhece, né. Sabe que “ah, fulano não adianta pedir porque tu sabe que ele não vai levar”. Mas sempre tem o beltrano que, de vez em quando, tá um pouquinho mais longe mas que tu sabe que não vai te ajudar.

E eu acho que a nossa família tem um temperamento, assim...de se envolver com as pessoas. Os colares. Sempre teve, assim. Há muitos anos que a nossa família é envolvida assim, com as pessoas. O pai era. Tinha uma época que o pai tinha um caminhão, ele vendia lenha, essas coisas na cidade, aí depois que o pai comprou aquele caminhão era... tinha épocas que o pai não podia ouvir um cachorro acoar perto de casa que ele já ficava nervoso, de tanta gente que chegava pedindo pra ele trazer da cidade. E o pai, como eu te disse, era muito nervoso. Chegava a pedir pra ele trazer, ou que tinha uma pessoa doente, se ele tava almoçando ele já não conseguia mais comer, ele largava o prato e saia correndo. Depois disso a gente comprou um trator também. Aí o pessoal atolava na estrada e ia lá pedir pro pai puxar. As vezes era temporal, caindo água e o pai saía pra salvar os vizinhos que tavam empenhados na estrada com caminhão, com carro, com tudo. E aí tudo isso assim foi criando, desde antes, o pai, nós tínhamos lá em casa um time de futebol e, antes ainda, quando nós eramos crianças – eu nem nascida era – tinha uma escola rural lá nas Palmas, e era na casa do vizinho. Aí depois o filho do vizinho que já era mais da idade escolar, daí o pai pediu pra transferir a escola lá pra casa, que daí tinham nós três na época e a maioria das crianças era lá perto de casa e aí tinham que caminhar longe sem precisar porque já não tinha mais criança daquele lado de lá. Aí o pai falou com o prefeito e o prefeito transferiu pro pai: “não, se o Sr. Doar um pedacinho de terra pra prefeitura aí, no caso, a gente transfere”. Aí o pai doou, cedeu, um pedaço de terra pra prefeitura e aí a prefeitura construiu a escolinha lá perto de casa. Aí as professoras foram morar lá com a gente. Elas moravam lá porque naquela época não tinham estradas tipo essa BR que nós andamos. Ela foi construída quando eu tinha uns 11 anos, por aí. Aí não tinha nada. As professoras iam pra lá pra dar aula nas escolinhas rurais e ficavam hospedadas lá em casa. E lá vinham em casa de dois

em dois meses, ou, sei lá. Aí as professoras, algumas que eram mais dedicadas, assim né, faziam festas pra tirar verba pra dar presente pras crianças nas festinhas de Natal. Então sempre teve movimento lá em casa. Aí tinha o time de futebol que era o São José. O pai tinha um barzinho desses de campanha, uma venda pra ajudar no sustento, né. Porque a gente era muito pobre, tinha um monte de filho, cinco filhos. Naquela época já não se tinha mais tanto filho, na época que o pai e a mãe se casaram. O pai e a mãe tiveram cinco filhos, mas, no caso, o meu pai tinha sete irmãos, mas é que a minha vó tinha um problema de incompatibilidade sanguínea, aquela doença que tem, e naquela época nem se sabia disso, 1900, 1915, por aí. Aí ela teve vários filhos, mas conseguiu criar sete. Já a mãe tinha 11 irmãos. Já na geração da mãe e do pai já caiu pela metade, tiveram cinco filhos. Agora meus irmão já tem um ou dois. Três gerações e já diminuiu um monte.

Então naquela época tinha o time de futebol e a gurizada ia todo o final de semana lá pra casa pra treinar o time. Então sempre foi um lugar onde as pessoas viviam com a gente. Crescemos nomeio de união, solidariedade, envolvimento com a comunidade. E a gente, o que a gente consegue, que, na verdade, o que é que a gente tem de útil na nossa comunidades... o que a comunidade mais usa nosso é o nosso conhecimento, que eu trabalhei um bom tempo num escritório de contabilidade, sou formada em ciências contábeis e administração de empresas e a Márcia é formada em Direito. Então a gente aprendeu toda essa questão de papelada e, geralmente, o pessoal de campanha não entende muito dessas coisas, da burocracia. E aí nós que fazemos quase tudo quanto é tipo de papelada; é transferência de um imóvel, documento do campo... ali no nosso corredor não tem ninguém que não vá pedir pra gente. Agora que a gente tem associação aí sim que o pessoal pede. É pra aposentar, é pra gente encaminhar documentação, inventário, tudo que é coisa. E a gente trabalha pagando porque tudo o que a gente faz, documento que a gente pede, gasolina que a gente usa pra ir nos órgãos, tudo isso a gente não cobra nada. Só pela amizade, uma questão de amizade. O que a gente tem pra doar, a gente doa e eles igualmente. Se a gente precisa de, o Neco, muitas vezes que a gente precisa do campo dele pra fazer algum evento, a gente usa. Aí a gente entra no campo dele quando agente quer, a hora que a gente quer, a gente tem liberdade. A Márcia diz que, nossos vizinhos a gente diz pra eles assina aqui isso aqui. Eu preciso fazer o papel pra ti mas eu não tô com o computador nem nada, tu assina esse papel em branco que depois lá em Bagé eu preencho e assino. E eles assinam! Assinam o papel em branco. Aí o pessoal diz assim, o sogro da Márcia: mas eles conhecem vocês, eles sabem com quem eles estão lidando. Sabem que nós não somos capaz de fazer uma sujeira, muito pelo contrário, a gente faz tudo pra ajudar todo mundo. Mas é muito legal, é uma coisa recompensadora, ter amizade assim, ter um lugar onde tu te sente bem, te sente acolhida é muito bom.

Até uns 10, 15 anos atrás não tinha soja aqui em Bagé.

A Emater tem um projeto chamado caminho da lã. Que eles mostrar desde o início. As vezes eles levam uma ovelhinha, fazem a tosquia, mostram como é que lava a lã, como é que faz o fio, como é que tinge, tudo, tudo.

Muita gente aqui ainda faz a tosquia com a tesoura martelo, tem gente que gosta de fazer a martelo, prefere. Tem outros que prefere talihay, com a máquina. Eu até fiz curso de talihay, sei esquilar com talihay, mas eu não esquilo, deixo pros meninos.

Eu tenho um funcionário que trabalha comigo. Pra lidar com ovelha até que dá uma mulher, mas com o gado é mais complicado, difícil de lidar. Qualquer terneirinho pequeno aí tu já não consegue derrubar sozinha, de jeito nenhum. A ovelha pode ser de qualquer tamanho. É, de qualquer tamanho, não, porque tem o carneiro, tem uns carneiro grandão que tu não consegue derrubar, mas as ovelhas tu aprende as práticas de derrubar ela e tu derruba tranquilo, mas a

cava, qualquer terneirinho tu não consegue derrubar. Eles são muito mais fortes, robustos, aí tu já não consegue e precisa de alguém mais forte pra te ajudar.

A mulher do campo tem mais dificuldade de ter renda porque a atividade rural, essa de criar gado, ovelha, essa coisa, que é a nossa tradição ali na região, embora a mulher ajude, o homem é que administra o dinheiro. Então, normalmente na pecuária a mulher não tem uma renda dela, assim. Então, elas vão pros artesanatos, vão pros doces.

E esse trabalho da mulher no campo é um trabalho mais leve? Não. Pegamos junto em tudo o que é coisa. Claro, por exemplo, se tiver que derrubar um animal, laçar... Claro, eu sou um pouco diferente, eu passei muito tempo fora estudando e trabalhando, mas tem mulher que nunca saiu do campo. Então, certas coisas eu não sei fazer. Mas tem muita mulher lá que esquilam, que laçam, que fazem um montão de coisas. Todo mundo pega meio junto. Por exemplo, a dona Rosângela, o marido dela ajuda ela no artesanato e o filho também. Se não é necessário, em geral o homem vai pro campo camperear e a mulher fica mais em casa, cuidando das crianças, da horta, cozinha, essas coisa de serviço de casa, os homens não gostam muito aqui desse serviço de casa, acho que em lugar nenhum. Mas as mulheres, em geral, são totalmente bem preparadas pra esse tipo de serviço, andam a cavalo, essa coisa toda. Quando necessário, digamos, que tem que fazer uma lida maior, ou quando tem um animal que ficou doente, ou quando tem que dar banho pra tirar o carrapato, aí a mulher pra ajudar vai tranquilamente, ela é bastante apta a esse serviço, ela sabe fazer tanto quanto o homem. Mas se ela tem outra atividade, se dedicam mais.

O pessoal planta muito milho, pra dar pras galinhas, pras ovelhas, pra produção. E horta muita gente tem também. E outras coisas a gente compra. Mas a nossa plantação, assim, é de subsistência, mesmo. Só pra subsistência. Não vendemos nada de coisa plantada. As vezes a gente tem excesso aí a gente troca com o vizinho ou a gente vende uns pros outros, quando é essas coisas de maior valor agregado, tipo milho, assim. Mas quando é fruta, abóbora, melancia, isso daí ninguém troca, a gente dá uns aos outros. É tradição presentearmos uns aos outros. Então, se tu tem fruta na tua casa, por exemplo, pêssego, laranja, uva, tu não troca isso com o vizinho. O vizinho chega lá e se tá sobrando ele leva. Isso é norma, assim. Se tá sobrando tu divide com a vizinhança, numa boa. Essas coisas pequenas de horta todo mundo dá uns pros outros.

Vou pedir para o secretário da agricultura uma bolsa apoio pros jovens rurais, porque tem uma bolsa que eles dão pro jovem tipo aprendiz rural, assim. Eu faço esse pedido num ofício pra que ele dedique essa bolsa pros jovens da cadeia da ovinocultura, pros jovens que tão na escola ainda. Aí eu vejo duas cadeias que podem muito se ajudar e que a gente não tá juntando, que é os idosos e os jovens. Porque os jovens estão precisando trabalhar e os idosos estão precisando de ajuda. Se nós tivesse um projeto de governo que fizesse uma bolsa rural pros jovens poderem ajudar os idosos, ajudar com a horta, ajudar a fazer cerca, nós conseguiríamos juntar duas pontas da cadeia que tem extremamente a ganhar uma com a outra. Porque o idoso tem muito conhecimento pra ajudar o jovem e o jovem precisa de conhecimento e precisa de renda. Então assim, eu queria muito que um projeto desse do governo, pra ajudar essas duas cadeias, unir uma com a outra. Nós temos muitos idosos aqui na campanha que tão muito abandonados, muito solitários, e foi daí que o meu sobrinho Régis, que é agente de saúde aqui na região e aí a gente começou a conversar sobre isso aqui, falando sobre os idosos, o abandono que eles vivem, sobre solidão, e aí nós começamos a fazer um trabalho com a Emater há quase dois anos. [o prefeito da época apoiou] e trouxe até um módulo da universidade sênior, que é uma universidade especial assim, onde transmite conhecimento, tu aprende com as vivências.

A gente é muito satisfeito, assim, porque quando nós precisamos do nosso povo e quando nós precisamos dos nossos apoiadores, das universidades, né, a gente tá sempre junto. A minha esperança é que a gente mande a mineração embora e que fique só as coisas boas.

A dona Ruth, que é uma idosa aqui das Palmas, o sonho dela era ver o cemitério concertado. O piso do cemitério era de chão de terra e daí sujava muito, ficava um matagal dentro do cemitério. Quando chovia ficava uma vegetação alta. Aí o sonho dela era concertar o cemitério, daí eu disse pra ela que ia ajudar. Aí fui falar com o secretário do desenvolvimento rural aí ele “eu cedo um pedreiro da minha equipe pra vocês, vocês compram o material aqui de Bagé e eu carrego pra vocês”. Aí passou um tempo até que um dia eles vieram arrumar. Aí a gente foi pedir dinheiro pra comunidade pra nos ajudar a pagar o material e a aí a dona Ruth queria que eu pegasse o dinheiro; deixou 1mil reais aqui na dona Olga.

[quando morre alguma pessoa] aqui o pessoal é bastante solidário nessa questão de morte. O pessoal se solidariza bastante. Então, quando a pessoa morre o pessoal bota um aviso no rádio, mas hoje em dia com whatsapp e com celular todo mundo fica sabendo. O pessoal costuma vir bastante, aí geralmente fazem a parte de ficar velando na cidade e, se a pessoa é de Palmas, vem ser enterrado no cemitério das Palmas. Aí tem uma capelinha que velam um pouquinho tempo. Aí trazem aqui pra fora, vem o cortejo, aí a comunidade daqui vem aqui pro cemitério. Pessoal chega muito nesses momentos de dor. Vem dar apoio pra família. Então, as pessoas pedem para serem enterradas, inclusive algumas escolhem o lugar para serem enterradas, porque aqui o cemitério é diferente da cidade onde tem que pagar pra enterrar uma pessoa. Aqui tu não paga nada, tu faz o teu túmulo, do teu familiar e fica enterrado ali. Tu toma conta. Cada família faz o seu. Teu gente que já deixa prontinho antes de morrer.

Áudio 4: Dona Olga, Arminda e Giovana (duração 31min e 08seg)

Entrevistadora – A Sra. nem parece que tem 91 anos!

Dona Olga - “Acho que aqui eu sou a mais velha”.

A minha irmã, nós éramos quatro, mas uma faleceu com 62 anos. Tem uma com 89, outra com 90 e eu com 91. Tudo pertinho. Nós somos 6 filhos, éramos 6 irmãos. Já faleceu os 3 mais velhos. Ficou os 3 mais moços, que é eu, a Eni e depois a Catita. A mamãe nasceu em 1902 e faleceu em 2002. Pra ti ver, 100 anos; faltando um mês e uns dias pra fazer. A mamãe tinha muita saúde. A mamãe nunca ficou mal da cabeça, só quando ficou pra adoecer, ela se gastou. Mas agora a gente é diferente, que a gente vê as pessoas as vezes até bem moça tão tudo esquecida.

Entrevistadora - E como que faz pra ter a vida longa assim?

Dona Olga - Então, o Sidnei - o Dr. Paiva – ele vinha muito aqui e ele dizia assim: pessoal, os que moram na campanha tão vivo e os que moram na cidade já morreram, e os da campanha não! Eu acho graça! É porque aqui a gente tem horta, tem tanta coisa, e fruta e nada...

Eu tenho pouca visão então comida já tenho que fica mais deitada, mas eu adoro uma horta, faço tudo sozinha.

Eu agora tô com pouca visão, sabe. Fiz tratamento 5 cinco anos com um médico, aquele lá de Dom Pedrito. Já fez até transplante no sobrinho da Vera, num primo irmão. É um médico bom, mas não tinha solução. Pra mim não tinha! Eu disse um dia “ai, Dr., fiquei triste que eu acho que por nada eu vou ficar sem enxergar” Ele disse “não, Sra., dona Olga”. Mas eu operei 3 vezes, não, duas vezes, e aí tô com menos visão. Eu nunca melhorei. Eu tô cansada com esses calor e andava e voltava e depois ia de novo e voltava de novo, tudo, assim, questão de dois dias. E no inverno. Mas não é por isso. Eu vi que não tinha solução. Eu senti que não tinha.

Entrevistadora – Há quantos anos a Sra. mora aqui?

Dona Olga - A casa tem 90 anos, foi reformada. Essas janelas são grandes e tem um açude aqui pra tu ver.

Sabe que eu viuei e fiquei aqui e todo mundo dizia “tem que ir, tem que ir pra cidade” e eu disse assim” mas eu nasci e me criei aqui, a minha casa tava arrumada e tudo. Mas eu vou embora e vai cair! Não, eu vou ficar aqui. E outra que tem a faixa aí passa três ônibus.

Áudio 5 – Vera Colares (duração 14min e 25seg)

Vera Colares - nós temos um grupo de whatsapp aqui do pessoal das Palmas. Tem mais ou menos umas 70 pessoas, mas também a gente se fala pelo Face, assim, pra avisar de eventos, essas coisas, né. Mas quando a gente precisa de alguma coisa assim mais apropriada, mais específica, aí a gente liga. Eu chego na casa das pessoas, a gente dá um jeito. Agora todo mundo tem celular, praticamente. Nem todos tem plano de internet aqui. O sinal é bastante ruim e o pessoal não tem muita renda pra tá gastando com plano de internet. Aí você liga, vai na casa, as vezes não consegue ligar e deixa recado, manda mensagem, manda carta. Quando não tinha celular, a rádio difusora era uma boa duma fonte porque a gente botava aviso pras pessoas pelo rádio. Todos os dias a 1h da tarde dava os avisos: fulano, precisa vir a Bagé, ciclano, nasceu o filho..

Aqui ainda se vive o verdadeiro espírito de comunidade. Pessoal se conhece e aqui todo mundo, apesar das distâncias, todo mundo se conhece, conhece os pais, é uma coisa que vem de geração por geração porque as famílias não mudam muito.

Entrevistadora - E os jovens que saem do campo e vão pra cidade estudar retornam?

A questão aqui é de capacidade da propriedade. Se a propriedade tiver capacidade de absorver o jovem, ele volta. Mas é que muitas propriedade daqui não tem capacidade absorver o jovem, porque como as pessoas tão durando muito, tá havendo muita sobreposição de pessoas. Muitas vezes mora a vó, o pai, e aí não tem espaço pra um filho. Tem muitas pessoas vivendo daquela propriedade. Daí acaba que o jovem, que é o mais novo, acaba tendo que sair, porque não tem espaço pra ele. Então, esse, pra mim, é o pior problema do jovem estar indo embora, é isso. Porque dá pra ver claramente que as propriedades maiores conseguem sobreviver o avô, o pai e o filho, porque daí o filho casa e vai precisar ter uma renda, então ele vai precisar viver na propriedade. Se a propriedade comportas todas as gerações, o jovem fica. Mas, em geral, muitas propriedades são pequenas e não conseguem comportar, aí o jovem acaba tendo que ir embora. E é por isso que eu gostaria muito que o governo fizesse um projeto de incentivo, de dar dinheiro pro jovem comprar terra. Não dado, mas financiado, né. O banco fundiário, o banco da terra...tem um projetos lá, mas são muito ruins. Tu leva três anos pra conseguir um financiamento, aí o dono da terra tem que se comprometer e ficar esperando três anos pra receber. Aí ninguém espera. E o dinheiro que vem é muito pouco, dá pra comprar muito pouquinho terra. É muito triste isso porque as vezes as pessoas querem vender, as vezes tem até as pessoas que já tão idosas, que já não podem mais cuidar da terra e querem vender, e tem os jovens querendo comprar e não conseguem, porque terra é um troço muito caro, né.

O marido da dona Olga, seu Terci, eles eram da equipe, do grupo, que cuida do cemitério das Palmas, que mandava limpar, mandava pintar, essas coisa assim que meio que a gente cuidava, assim. Então ele, quando ele tava já mais velho, o esposo da dona Olga, ele disse assim, que ali, em frente ao cemitério, tinha um local de arremate de gado, assim, de leilão, né, então quando ele já tava idoso ele disse: vou construir pra mim, bem na parte de cima do cemitério que é pra eu poder ficar assistindo os arremate quando eu morrer. Então construiu o túmulo dele, dois túmulos, por sinal. Aí, tá, mas não morreu. Ficou lá o túmulo dele vazio. Um dia, morreu uma senhora, uma outra senhora, e aí não tinha túmulo pra enterrar ela porque não tinha

túmulo pronto, né. Aí ele teve que emprestar o túmulo dele pra ela. Mas tu sabe que um ano depois que ela tinha falecido, ele faleceu, e tu não pode tirar a pessoa antes do três anos, né. Bah, botaram ele no túmulo de baixo, daí. E ele acabou ficando e não consegue mais olhar o arremate. Ficou lá até hoje.

Áudio 6: Vera Colares (duração 45min e 04seg)

Vera Colares - Tu vê que muitas casas, assim, há sucessão de jovens. Onde tá o maior problema é justamente nas propriedades menores. Mas, em geral, tem jovens que vão dar continuidade. Pra mi, são dois problemas que estão causando o vazio dos campos. Um deles é o número de filhos que estão nascendo, que são bem menos que os de antigamente, né. Antigamente um pai e uma mãe tinham 11 filhos. Na época era uma pilha de gente na campanha, né. Hoje eles têm dois filhos, tem uns que não tem nenhum. E a outra questão é essa, que as pessoas tão durando bem mais. Antes as pessoas morriam com 30, 40 anos. Aí desocupava o espaço pra próxima geração, né. Agora uma pessoa dura 100 anos! Coitado do filho, né, quando ele vai ocupar a propriedade ele já tá com 80. Sim, porque se ele nasce quando o pai tem 20 anos, eles envelhecem os dois juntos, o pai e o filho.

Esse senhor aí não é daqui da região. Ele veio pra cá, ele comprou essa terra e veio pra cá, mas ele é...eu me dou bem com ele, mas ele deu umas encrenada com a vizinhança por causa de estrada. O pessoal que vem de fora eles não tem o mesmo ritmo da gente aqui, né. Não tem aqueles vínculos que a gente tem. Com o tempo eles acabam se domando, como diz o ditado! Mas no início eles criam umas encrenca. O seu Dalmázio mora ali, meu tio Sérgio mora aqui. O que que aconteceu, o seu Dalmázio não queria estrada por dentro do campo dele, só que é obrigatório tu dar passagem pros teus vizinhos por dentro do campo. Ninguém pode ficar trancado, né, a não ter acesso à rua, à estrada pra cidades. Só que a estrada passava por dentro do campo do seu Dalmázio, porque ele comprou essas terras aqui. E aí ele fechou essa estrada aqui, aí começou a dar conflito com o meu tio que é o primeiro que morava ali, que era o maior usuário, e lá pra trás também tem muitos vizinhos. Aí entraram na justiça, começaram a brigar, ficaram inimigos, e são até hoje inimigos. Aí o tio Sérgio, como ele tinha esse campinho que vai até ali, ele disse: “eu não vou mais brigar, porque eu não gosto de briga”, desistiu da briga e da questão judicial e abriu uma estrada pra ele. Só que os demais vizinhos continuaram brigando porque eles também precisavam e aí a justiça mandou o seu Dalmázio abrir e deixar aberta a estrada. E tá aberta. Mas houve essa briga inicial. E tu vê que é um trechinho bem pequenininho, só daqui até ali, e ele, mesmo assim, criou esse atrito e não deu em nada. Essa estrada aqui tem mais de 200 anos! Tu vê que ela não é patrolada, né, mas ele não pode cortar o acesso. O direito de passagem é um direito público, legal, constitucional. Não tem como! Como é que pode fechar se o único jeito do vizinho chegar à cidade é passando por dentro do teu campo, tu tem que dar. Ninguém pode ficar preso, né. Mas, assim, pessoas que chegam na comunidade, as vezes chegam e causam atrito. Não é todos, mas dos atritos que há aqui é porque geralmente as pessoas não querem que passem por dentro do campo. Aí ele criam atrito com a comunidade, mas é com um ou outro, assim. Eu sempre me dei com o seu Dalmázio, meu dou, ele é meu amigo, até, mas ele não se dá com o tio Sérgio. Mas agora tá calmo. Teve uma época que a gente achou que podiam até se dar tiro, assim. Mas depois as coisas se acalmaram. Agora o rapaizinho que tá morando ali com o seu Dalmázio, que é o enteado dele, é outra cabeça, né. Ah, foi na casa das pessoa, se oferecer, veio aqui no tio Sérgio, ajuda o tio Sérgio. Então, assim, seu Dalmázio já velho, daqui a um pouquinho ele tá adoentado e morre, e aí a paz vai virar. Que o guri já foi criado por aqui, já tem outra experiência.

O Tio Sérgio cria ovelha, cria gado, mas ele já tá bem velho. Tu vê que aqui é o tio Sérgio e ali é o Seu Dalmázio, eles são vizinhos de porta. Então na campanha é diferente de lá da cidade.

Se tu não tiver uma dose de paciência, tu acaba brigando, porque os animais são danados! As vezes entra um porco no teu cercado, uma cabrita na tua horta, e se tu não tiver uma boa dose de paciência, tu vai brigar. Tu tem que exercitar a paciência porque tu cria os animais e os animais não respeitam muito as regras. É diferente da cidade que cada um tem sua portinha e ninguém invade. Aqui tu tem uma vida meio coletiva e tu tem que saber viver de forma coletiva. E as vezes chega umas pessoa que foram criada na cidade, que tem dinheiro, que compra uma propriedade e que não sabe, mas com o tempo se ajusta.

A tia vera é tesoureira da nossa associação, então agora eu já vou deixar umas notinhas pra ela preparar a relação que a nossa Assembleia é dia 23 de março e a gente já tá meio atrasada pra ela fazer, mas é pouca notinha. Nossa Associação é pobre. Ela foi criada no sentido de unir a comunidade. Ela não tem dinheiro.

Áudio 7: Sérgio Scholante (duração 23min e 03seg)

Sérgio Scholante - Os cachorros são de uma raça mais ou menos padronizada. Essa raça é um ovelheiro mais rústico, né. E eles ajudam no campo, sendo bem orientado. Eu mesmo, se é rebanho de ovelha eles entram na mangueira, trabalham. O gado as vezes sai do campo e é só largar que lá vão eles vê onde. Eles ajudam a achar e ajudam a tocar o animal. Tu bota na estrada aqui e se entra uma tropa pro mato eles vão lá e tiram. Quando eu vou pro campo vão todos juntos, não fica ninguém, só o atado. As vezes eu saio pro campo e deixo ele atado porque ele tá muito veinho, tá surdo. Eu vou a cavalo. Os cachorros são bem ajudantes. Tu leva mais vantagem saindo sozinho com os cachorros do que sair sem os cachorros com dois ou três

A ovelha mesmo, no mínimo de 2, 3 dias tu tem que reunir elas e revisar pra não... as vezes já tá com uma ferinha, com um machucado, aí se deixa dois dias quando tu vê já tá com berne. A ovelha se tu deixa ruim 2, 3 dias ela já fica toda ganzenga, caindo aos pedaços.

Entrevistadora - E esse conhecimento o sr aprendeu com quem?

Sérgio Scholante - A gente aprende com os mais antigos, com os pais, com as coisas, com a lida.

Entrevistadora - E o sr. Já fez a tosquia nelas?

Sérgio Scholante - Sim, em outubro, novembro, por aí. Uma vez no ano, as vezes duas. Faz com a tesoura. Aquela máquina andaram tentando, mas não deu muito certo. Ela tem tipo um pente, de cabelo, mas o cara tosa 10, 20, 30 ovelhas e não presta mais. Aí joga fora porque não tem quem afie. Só com a máquina é mais ligeiro, com a tesoura demora mais. Por exemplo, se tu esquila com a tesoura 15, 20 no dia, com a máquina tu esquila 30, 40, porque é mais rápido. E aqui a gente não lida só com ovelha, a gente tem cabrito também.

Isso aqui já passou por...foi o Armindo Teixeira Brasil que construiu, lá por 1779, virando pra 1800. Aí passou gerações. Em 1925 moravam meus avós aqui e depois vendeu pro meu cunhado isso aqui, Miguel Alves de Oliveira. Aí ficou pro filho dele, meu cunhado. Aí meu cunhado faleceu e minha irmã tinha só um filho que foi embora pra Porto Alegre. Eu me criei aqui com eles. Minha irmã morou aqui um pouquinho. Terminou fazendo outra casa. Isso aqui na volta desse muro era cheio de casa, de peças. Tinha um forno grande de fazer pão.

Mas eu também e 77 fui pra cidade, fiquei 28 anos fora daqui, mas meu chão é aqui. Isso aqui era uma povoação no meu tempo de rapaz. Tinha vida própria. Só ia à Bagé por necessidade. Tinha tudo aqui. O cara plantava, o cara comia, tinha gente aqui. Tinha carreira que durava 4, 5 dia. A gente fazia até serenata. Eu sai daqui com 30 e poucos anos. Eu era musico de campanha, fui pra cidade e virei músico na cidade. Viajei pelo Rio Grande todo, quase. Andei por São Paulo, Rio de Janeiro, Uruguai, Argentina. Mas São Paulo eu fui só em Barretos numa festa. E no Rio de Janeiro eu fui só uma temporada lá. Agora em 2005 que eu vim me embora. Vim me embora, deixei todos meus convidados, nunca mais peguei instrumento nem coisa

nenhuma. Deixei de tudo! Quando tem meu irmão que mora em Porto Alegre, tem meus sobrinhos, em Rio Grande, também são tudo músico, quando vem pra cá a gente faz uma rodinha, mas sozinha aí eu nunca pego.

Áudio 8: Vera Colares Dona Eni Colares (duração 1h 09min e 47seg)

Vera Colares - O tio Sérgio é um tremendo de um gaiteiro. Ele era músico do CTG 93 aqui de Bagé. Muito alegrou nossas festas. Quando os professores faziam festa pra arrecadar verba, o tio Sérgio era o nosso músico. Ele tocava de graça sempre, era muito bom gaiteiro. Isso rendeu pra ele alguns inimigos, assim. Como ele era bom gaiteiro, e ele era todo metido, sempre foi muito caprichoso, assim, num vestir bem elegante, sobrava menina pra ele. Que o cara músico, assim, artista, as garota gostava dele e queria namorar. Aí gerava ciúmes nos outros homens. Uma vez quase mataram ele. Ele tava numa reunião, numa festa, e os cara fizeram uma armadilha pra ele. Chegou um e chamou ele, disse que queria conversar com ele e aí saiu, mas se dava com todo mundo, aí ele saiu caminhando com o cara, assim, aí o cara foi indo com ele, Aí ele disse “tá, mas o que é que tem pra conversar assim em segredo que tem que ir tão longe”, era dia de uma festa, até. E aí quando ele viu, os cara agarraram ele, dois caras. Parece que um agarrou ele e outro conseguiu esfaquear. Cortou toda a barriga dele! Até que ele conseguiu pegar o revólver da cintura e conseguiu dar um tiro, aí outros que tavam passando ali ouviram o barulho e foram socorrer lá. Mas ele ficou todo cortado. A mão dele se cortou toda de segurar a faca enquanto eles tavam tentando esfaquear ele.

[...]

Vera Colares - Faz mais ou menos uns três anos, talvez, que eu estou administrando minha propriedade sozinha. Não sozinha porque tem um Rejão que me ajuda, mas eu digo, as decisões sou eu que tomo. Claro, eu sempre conto com ele, sempre ouço muito, meu pai, sempre. Se tu trabalha com uma pessoa, mas a decisão é minha. Acho que foi no primeiro ano que eu perdi duas vacas minhas no parto. Uma dela nós achamos morta, ela colocou o útero, tudo pra fora pra ganhar, de tanto esforço que fez. O terneiro era grande demais, eu acho, e ela era uma novilha de primeira linha. Aí ela colocou tripa, tudo pra fora. Quando nós achamos ela já tava morta. E outra a gente achou viva ainda, com o terneiro trancado, mas não conseguimos salvar o animalzinho.

Entrevistadora - E elas ficam prenhas por inseminação?

Vera Colares - Não, é monta natural.

Aí depois que eu perdi essas vacas apareceu um cara lá em casa que fazia testes pra analisar o rebanho, aí pensei “tá, vou fazer”, era de graça. Aí ele não encontrou grandes doenças no gado, mas aí me falou dessa vacina que era boa, que ajudava a não haver retenção de placenta. Aí falei com o marido da Márcia que é veterinário, por sinal muito bom, não é por ser meu parente, mas é um dos melhores que eu conheço. Aí falei com o Guilherme e ele disse que não tinha problema nenhum, disse que podia fazer. Agora eu faço todos os anos e, realmente, não tive mais problemas. O único problema que eu tive esse ano foi com a vaca que eu esqueci de vacinar. Funciona mesmo. Eu não gosto de ver meu bichos sofrendo e doente. Se tá doente e eu preciso comprar um remédio caro, não me interessa. Eu não quero que sofra. Mas é caro, é caro pra dar vacina, pra dar remédio, pra banhar. Mas mesmo assim, vale a pena. Porque se tu perder um terneiro tu já não vai ter resultado.

Entrevistadora- Aí vocês criam esse animal e depois carneiam ele?

Vera Colares - O gado a gente vende. Vende o gado e os terneirinhos. Carneamos uma, mais ou menos, por ano pra fins de consumo, né. Mas a maioria a gente vende pra alguém que vai engordar pra carrear e vender nos frigoríficos. Do nosso rebanho a gente vende todos os filhotinhos do sexo masculino e as vacas deixa pra reprodução, as fêmeas.

Vera Colares - A gente ficava aqui sempre até os 11 anos, só. Depois a gente tinha que ir embora estudar em Bagé. Hoje tá muito mais fácil a prefeitura de Bagé manda buscar os que querem ficar no campo, até terminar o Segundo Grau. Só vão morar perto na faculdade, mas até terminar o Segundo Grau mandam buscar todos os dias, levam e trazem quem quiser ficar morando aí. Quando eu nasci nós morava ali embaixo, onde mora minha prima. Mas nós viemos pra cá quando eu tinha 6 anos. Mas sempre aqui na região. O pai veio, morava lá perto do Rincão do Inferno lá. Aí quando foi lá, não me lembro que ano, 1928, 32, veio uma enchente muito grande e o Camaquã encheu, encheu, encheu e tapou d'água a casa onde o pai morava, e o pai e a mãe dele. Aí ele teve que sair com as crianças dentro numa gamela, dessas gamela de cortiça. Fez de barco a gamela e tirou as crianças pequenininhas, pai tinha 2 aninhos. Aí ele veio embora pra cá. Acho que ele já tinha, porque quando ele casou com a minha vó, o meu avô, a bisavó dele deu pra ele morar nesse lugar lá perto do Camaquã onde ela tinha terras lá no Rincão do Inferno, lá tinha terra duns parente nosso, nossa bisavó era dali daquela região. Aí ela deu pro meu pai morar lá, com a esposa e os filhos. Aí quando veio essa enchente, lá por 32, por aí, tapou toda a casa deles, o rio subiu, e ele teve que sair com as crianças, esposa e tudo dentro numa gamela. Claro, meu avô nadava muito. Minha família toda sempre criada dentro do Camaquã. Daí não quiseram mais voltar pra aquele lugar e aí vieram morar pra cá, aqui nessa região. Então o pai, 32, desde lá nós tamo aqui nesse lugar. Sempre estivemos nas Palmas, mas aqui no corredor da Lexiguana desde 32. O pai do pai morava aqui também. Aí o pai, quando eu tinha 6 anos, resolveu fazer essa casa que a gente mora aqui. Faz 50 anos aqui, quase, nesse lugar.

Toda a nossa história tá aqui, desde que os colonizadores vieram de Portugal. Os Colares são muito apegados à essa questão, todos eles. Porque tem diferentes ramos de famílias, né. Falando dos Colares, os dois primeiros que vieram pra cá eram irmãos, né. Eles eram pobres, não tinham nada. Aí quem morava aqui que era dono das Sesmarias eram os Brasil, esses tinham recebido do Príncipe uma Sesmaria, que naquela época esses lugares aqui eram totalmente ermos – hoje ainda são meio ermos -, mas naquela época isso aqui era um deserto qualquer. E aí tinha que cuidar das fronteiras, porque nós estamos quase na fronteira com o Uruguai; o Uruguai tá logo ali. Então o Rei dava essas terras com o compromisso de guardar as fronteiras. O pessoal fala: ah, mas ganharam a Sesmaria! Mas não era assim, né. Isso não era um presente; era um presente de grego, né! Tu ganhava um fim de mundo e tinha que cuidar da fronteira. Era tua responsabilidade impedir que os castelhanos invadissem o país, né. Então aí os Colares vieram pra cá e casaram com as filhas dos Brasil. Dois irmãos Brasil, cada um tinha uma filha na faixa dos 12, 13 anos, por aí, que elas casaram, diz os livros, que uma delas tinha 12 e a outra tinha 13 e eram primas. Aí eles casaram e aí veio a nossa família. Então, nós somos originalmente, por lado de pai, Brasil Colares. Então somos parentes e ficaram por aí, foram indo e a família Brasil o sobrenome foi desaparecendo e o Colares foi se sobrepondo. Acho que até pela forma como os Colares eram, uma gente mais dada. Muita gente adotou o sobrenome de Colares, não sei se é porque gostava ou o que. Tem muita gente aqui da campanha que é Colares, mas não tem sangue de Colares. Então, assim, naquela época mais antiga não tinha regra nenhuma pra ti batizar uma criança. Tu chegava lá e dizia: oh lá o meu filho nasceu, é filho do Joaquim ou do Pedro. Não tinha que provar nada, né. Tu chegava pro juiz e dizia: oh, meu filho nasceu é filho do sicrano e o nome é tal: Fulano da Silva Brasil e ele lá sabe se era Brasil ou não, tu registrava do jeito que tu queria, principalmente na campanha. Esses juizados da campanha era uma desgraça! Eu nasci em casa, mas mais antigamente, assim, as pessoas nasciam aqui e nem conheciam a cidade. Nasciam e morriam aqui na campanha porque não tinha ônibus, a cavalo levava um dia e tanto, né! E as pessoas não sentiam necessidade, viviam aqui. O pai da mãe foi carreteiro de carvão. Eles faziam carvão vegetal desses mataredo que tem por aqui. Eles

derrubavam e queimavam, tinha toda uma técnica pra fazer carvão vegetal que, por sinal, dá um trabalhão desgraçado, de sacrifício mesmo. As pessoas não tinham renda e então tinham que vender o que desse. Então, o que era o carvão vegetal, eles derrubavam a madeira e faziam quase que uma oca de índio, colocavam toda a madeira e fechavam, ficava tipo uma oca de índio mesmo. Aí depois eles botavam fogo em baixo, e aquele fogo não queimava em labareda, ele ia queimando em brasa, e tinha que tá sempre jogando água, sempre acompanhando. Então aquela madeira toda queimava, mas não se desmanchava em cinza, ela virava carvão, tipo pedra de carvão, carvão vegetal. E aquilo era a maior fonte de renda da comunidade naqueles tempos que o meu avô era jovem, 1900 e... aí levava de carroça até a cidade, carroça puxada a boi. Então, as carroças também eram grande. Não era essas carroças abertas, ela era fechada em cima. Eles enchiam ela de carvão e puxavam a boi; ia umas junta de boi, uns bois fortes, mais velhos. Eles chegavam a levar 3, 4 juntas de boi numa carroça ia um eixo bem comprido e várias junta de boi amarrada. As vezes tinha que sair 8 bois puxando uma carroça, até porque era pra ir até a cidade, então era cansativo. Aí eles iam trocando, o que tá nessa ponta vai pra trás e assim eles iam levando. As carroças tinham as rotas pré-estabelecidas porque eles tinham que sair e chegar em alguns lugares pra dar comida pros bois, descansar, beber água. Então saia uma rota e “hoje nós vamos andar 10km”, vamo dizer e “vamos dormir lá no posto tal do seu Fulano de Tal”. Aí chegava lá, descarregava, largava a carroça, prendia os bois num potrero, pagavam a estadia, é claro. E assim eles iam; levava, sei lá, uma semana pra chegar na cidade. Aí entregava o produto e voltava. Mas era um serviço complicado, difícil de fazer.

O vô tinha um pedacinho pequeno de terra, não havia como sustentar os 10 filhos. (Ele foi trabalhar na construção da estrada; empregado do DAER). E naquele tempo era muito complicado porque não se conseguia vender, porque o meu pai, o meu avo, por exemplo, eles trabalhavam muito, plantavam em grande quantidade, né, tinham fartura; tudo o que fosse produzido aqui eles tinham fartura, tinham abóbora, tinham milho, tinham feijão, tinham trigo, tinham tudo! Até arroz o meu avô plantava na época. O arroz se chamava arroz de sequeiro, que é um arroz que precisava de pouca água. Então o meu avo tinha tudo, tinha carne, tinha galinha, essas coisa que ele podia produzir em uma pequena propriedade rural, tudo isso ele tinha em grande quantidade, só que não tinha como vender pra ninguém e o que não comia ia fora, ia pros porcos, pras galinhas. Imagina como é que ia levar pra cidade? Não tinham veículos, não tinha ônibus, não tinha caminhão, era só as carretas que iam carregadas de carvão. Não tinha como levar mais nada. Aí o que não se produzia aqui era trazido pelos próprios carreteiros, tinha os armazéns, tipo ali na casa do João Eduardo, ali era um armazém. Acho que era o único que tinha aqui na época. E aí eles podiam cobrar até um preço bem fora da realidade até, sabe. Porque era o único que tinha né, era uma dificuldade. Hoje se tu olhar aqui, praticamente não tem mais armazém na campanha, porque quem é que vai pagar mais caro se toda a hora a gente vai pra cidade. As pessoas daqui, hoje, vão pra cidade com bastante frequência.

Dona Eni: nós tivemos um bolicho aqui em casa. Era ali no quarto da Marcia. Mas aqui era tudo gente muito pobre, nós vendia muito fiado e depois não pagavam, aí nós tivemos que termina porque se não a gente não comia também. Ficaram sem nos pagar e depois nunca mais pagaram; não tinham como nos pagar e o que que a gente ia fazer, né. E a gente ficava com pena. O pai até que gostava de ter venda porque ele gostava muito da junção; o pai sempre gostava de muita gente em volta dele. O pai gostava de gente, ele tinha adoração, né. O pai tinha a vidinha dele aqui. Mas tinha aqueles gambá que incomodavam né, a gente era menina e tudo, e tinham aqueles que bebiam e ficavam meio abusado, né, e a gente tinha nojo daqueles gambás porque eles bebiam e não iam embora pra casa, ficavam aí dormindo no meio do campo de perto de casa, no galpão. Como eram gente aqui da região, tinha intimidade, né; então eles vinham aqui

pra cozinha, bêbado, né, e ficavam por aqui conversando, enchendo a paciência da gente. Daí nós fizemos o pai prometer que quando ele se aposentasse como trabalhador rural ele ia parar com a venda. Aí ele se aposentou com 60 anos e aí foi que ele parou com a venda.

[...]

Vera Colares - A bonitinha, que é a nossa vaca de leite, como eu tava te falando, nós vacinamos todas, fizemos a injeção aquela do parto em todas elas e tinha a vaca do leite, que mora aqui perto. Mas tu acredita que a vaquinha tava todo dia em volta de nós e nós esquecemo de vacinar ela. E aí a bonitinha tenha problema de parto. Pra tu vê como a vacina funciona. Quando nós achamo ela, o terneirinho já tava morto e ela não tinha posto a placenta, né, aí o terneirinho morreu e nós trouxemos ela do campo pra cuidar dela. Tivemo que fazer um tratamento rigoroso na bonitinha, né, porque ela não conseguia colocar a placenta, sabe. O Guilherme tentou tirar, mas daí tava podre, aí nós tamo tomando esse leite de caixinha que eu odeio, prefiro não tomar, eu não tenho o hábito.

[...]

[Figada] É fácilimo a receita, mas tem que ficar horas mexendo no tacho. No mínimo umas 4h mexendo no tacho. A gente faz o fogo na sombra, no meio do campo; ascende um foguinho e faz. Mas a receita é simplória, não tem mistério nenhum; é só pegar o figo, moer e botar no fogo com açúcar e água, pronto! Aí a água tu bota a quantidade que tu quer; se tu quer que fique mais escuro tu vai botando água que a água não deixa ele dar o ponto, né, não deixa ele chegar no ponto de ficar assim nessa consistência. Aí quanto tu quer dar o ponto tu para de pôr água e deixa ele secar. Tem gente que gosta dele mais escuro, que gosta bem pretinha a figada, aí dá-le fogo, né. Mas eu não sou muito dessa teoria; por cor não se perde, né! Já fico 4h mexendo, vou ficar 5h só pra ficar mais escuro? A gente não vai comer a cor! Mas ela fica mais gostava, vai ficando com mais um gostinho de queimadinho.

Aqui se come figada com leite. Põe o leite no copo e bebe o leite enquanto tu come a figada; é uma tradição daqui, todo mundo faz isso. Porque daí tu tira o enjoativo do doce, né, o açucarado. Então tu bota uma colher de doce na boca e toma um gole de leite. Aí tu come os dois juntos. Dona Eni: é que nem café; tu tá tomando café com pão, a gente como a figada com leite.

[...]

Dona Eni: Aqui não tinha ônibus, não tinha nada, tu tinha que ir a cavalo, ou de carroça, de aranha (uma carroça puxada a cavalo, mas é diferente. Ela é uma carrocinha pequena, puxada a cavalo, com banco pra sentar e duas rodas, só). Só iam na cidade essas pessoa quando tava doentes, mesmo, se não nem iam pra cidade. Então não tinha como estudar, né. Daí a mãe gostava muito de estudar e queria fazer de tudo pra que os filhos estudassem, então eles trabalharam, assim, muito. E a mãe quando era jovem ela era quitandeira também, que faz quitanda; quitandeira é que faz produtos coloniais pra vender; que a gente não chamava de produtos coloniais, até porque era só o que a gente tinha pra comer. A minha mãe fazia rapadura, pastel, fazia os doces todos: figada, doce de leite, marmelada, pessegada. Tudo isso ela fazia... queijo, rapadura de abóbora a mãe era uma das melhores, é ainda né. A melhor rapadureira de abóbora que eu conheço; a abóbora fica crocante por fora e macia por dentro. Então tem toda uma técnica pra deixar do jeito certo. Misturar os ingredientes é tranquilo, o problema de qualquer doce assim, rapadura, é deixar ele na textura ideal. Se dá ponto demais ele fica duro que tu não consegue cortar; se tu der ponto de menos ele fica molengo demais. O ponto é que o problema!

Entrevistadora - E como é que descobre?

Vera Colares - Alguém ensina, a gente vai testando; “oh, assim é que tá no ponto”.

Dona Eni - É mais a gente vai fazendo e vai aprendendo; um dia a gente erra, outro acerta. Aí num dia tu tira e não tão com ponto bom, aí na outra tu sabe que tem que deixar mais tempo.

Vera Colares - O pai tinha o bar, a mãe fazia coisa pra vender no bar, né. Tudo feito a mão. O pastel, a massa era feita a mão; agora tu vai fazer pastel tu compra a massa, tu só pega o guisado daqui. Antigamente, tudo era daqui, a massa tu fazia na mão. Aí o pai, ali em baixo, fez uma cancha de carreira, de cavalo correr. Então tinha uma cancha de carreira e tinha um time de futebol. Então, as vezes o pai fazia jogo, carreira, aí juntava um monte de gente e a mãe fazia produtos pra vender nesses dias, aí tirava uma grana. As vezes alguém trazia alguma coisa, mas o objetivo era justamente esse: tirar renda pra poder pagar o nosso sustento, estudo e coisa... Então cada um fazia na sua própria casa como uma forma de obter renda. Aí o pai fazia e vendia, ele era o dono do campo e aí a renda ia pra nós todas. Aí vendia bebida, vendia pastel, vendia quitanda que era o que mais dava porque tu faz um produto que tu pega tudo de casa; tu só não tinha o açúcar, né, o resto tudo tu tinha leite, tu tinha a abóbora, tu tinha o resto tudo; então tu só misturava a fruta e o resto todo tu tinha, a única coisa que tu pagava era o açúcar, aí tu pegava 10 kg de açúcar que custa R\$10 e fazia 100 rapaduras e vendia a R\$1 ou R\$2 cada uma, aí tu tira uns R\$200 num produto que tu gastou R\$10. Claro que a gente não valorava o preço do que a gente tinha aqui, embora devesse valorar, nem a mão de obra. Assim que nossos pais pagaram nossos estudos, né.

[...]

Vera Colares - tinha carreira aqui que era dois dias de festa, né. Naquela época ninguém tinha carro, aí vinha todo mundo a cavalo. Era sexta-feira o pessoal já começava a chegar e aí traziam barraca e acampavam por aí. Aí como naquela época ninguém tinha carro, ninguém tinha nada, ninguém trazia nada pra comer e aí todo consumo era na festa. Então a bebida que a gente trazia era toda consumida, os pastel, rapadura, doce – e a mãe sempre foi muito boa doceira, então o pessoal gostava muito e sabia que ela era bem caprichosa, então ninguém, assim, tinha a mínima dúvida de que era um produto de qualidade, então todo mundo comprava; comprava pra levar também, rapadura, doce, levava bolo.

[...]

Vera Colares - Quando a escolinha veio aqui pra casa a mãe se empregou de doméstica na escolinha, aí ela já tinha um salário mensal. Aí foi que pagava os estudos. A mãe era empregada da prefeitura.

Dona Eni: mas a gente tinha muita despesa. As criança vinham e ficavam aqui e os pais não mandavam nada.

Vera Colares - Algumas crianças moravam longe e vinham morar aqui pra ficar perto da escola. Aí pediam pro pai pra deixar o filho passando e quem tinha que dar comida era o pai e a mãe; além de dar pra nós ainda tinham que dar pro filho dos outros.

Dona Eni - tinham uns ainda por cima que era muito exibido. Um dia a guria ficou ruim e o pai dela levou num farmacêutico, médico que tinha por aí chegou de lá e disse assim: a minha filha tem que tá muito bem alimentada; aí olhou o quarto que a guria dormia e, eu nunca tive colcha né, pra todas as camas, mas porque pra mim não tinha, nunca tive, era só lençol, coberta, cobertor e eu que dava tudo; aí o homem olhou e disse: a cama da minha filha é acostumada com colcha e aí eu disse: “então o sr que mande os alimento pra ela que eu faço separado e mande a colcha que eu boto na cama dela”. Isso que não pagava nada, nunca mandou nada pra guria. A gente dava o que comia e a roupa que tinha, botava na cama. Olha! Me exigir que cozinhasse separado e botasse colcha, e ele não podia trazer. Será que a casa dele tinha? Não sei, nunca fui lá. Mas era engraçado. É coisa séria pessoa exibida, né!

Vera Colares - Quando essas guria chegavam nas festas, porque nas festa que tinha aqui fora todo mundo ia a cavalo, e quem vinha da cidade fazia tempo, as vezes, que não viam cavalo; aí quando viam se encantavam, as gurizada pediam emprestado pra andar, né. Só que o pessoal que é da cidade, principalmente, assim, essas crianças, não tão acostumadas a andar a cavalo e acham divertido e começam a correr pra baixo e pra cima com os cavalos, né. As pessoas

esquecem que o cavalo é um animal vivo e ficam correndo pra baixo e pra cima e começam a judiar do pobre do animal, né. E o meu pai era fanático pelos animais! Gostava muito de gado; cavalo, então! Ele era domador, se criou no meio dos cavalos e ele tinha um cuidado louco por aqueles bichos. E um dia, uma das filhas de um senhor que era acostumada a andar na campanha, e o pai tava na festa com um cavalo, por sinal muito lindo porque ele era domador e gostava de cuidar e deixar os cavalos bonitos, e chegou lá na festa e a gurua chegou lá e perguntou: “me empresta o seu cavalo pra eu dar uma volta?” E ele disse: “minha filha! Prefiro que tu monte em mim do que no meu cavalo!”.

[...]

Entrevistadora - e quando vocês vão camperear vocês ficam quanto tempo?

Vera Colares - Depende, tudo depende da nossa sorte. Mas geralmente tu fica um curto tempo. Tu sai às 8h da manhã, 7h, tu volta perto do meio-dia, 11h e 30min, 11h. De tarde tu sai 15h, por aí, volta às 18h, 19h. Fica um turno. Porque é longe, né. Quer dizer, longe não é, mas aqui os campos são muito cheios de arbusto, árvore, aí tu tem que procurar o gado, tocar eles pro lugar; o gado tem um... a gente ensina eles a se reunir num determinado lugar. Então tu sai no campo e vai gritando, vai atizando os cães, né, e eles sabem que eles tem que ir pra um determinado lugar; e eles se reúnem tudo ali. Então tu faz toda a volta no campo gritando e olhando no meio das moita, aí quando tu volta pro rodeio, normalmente, estão todos lá te esperando. Mas só que nem sempre! As vezes tu chega lá e falta dois ou três, aí tu tem que sair a procurar, porque aquele que falta deve ser justamente porque tá doente, com bicheira. Então tu não pode dizer: “ah, faltou dois hoje, eu vou deixar! Depois daqui uma semana eu volta e olho esse”.

Entrevistadora- E vocês fazem isso que quanto em quanto tempo?

Vera Colares - Uma vez por semana nós olhamos todo o gado. Depende da época, né. Tudo, tudo, o nosso ritmo é guiado pelo ritmo da natureza, né. Toda a vida no campo ela é guiada pela natureza. No inverno, por exemplo, que não tem quase bicheira e carrapato, então tu pode olhar mais eventualmente os animais. Só que no inverno, normalmente, mais pra agosto, setembro, começa a parição, aí tu tem que olhar todos os dias, porque senão a vaca pode ficar trancada com o terneiro. Então tu tem que olhar praticamente diariamente quando as vaca tão parindo. E aí, claro, quem tem condições de ter um campo e dividir ele ao meio, ou um campo próximo das casas, vai deixar as vaca que tão dando cria ali, né, pra que ele possa mais facilmente olhar. Se tu não tem, se tu só tem um campo longe das casas, se é um campinho pequeno que não dá pra dividir, tu usa as forças que tu tem, né. A medida que tu vai conseguindo, tu vai facilitando a tua vida. Mas é assim, a gente segue o ritmo da natureza.

Eu tenho umas 250, ou mais, nem sei direito porque eu nunca conto. De gado. Ovelha eu tenho umas 80, por aí. E eu tenho umas 30 e poucas cabras, mas as cabrita ainda tão com o Reginho. No ano passado eu ia pegar elas pra administrar, né. Depois que eu me aposentei eu resolvi administrar, só que aí como elas são criadas tudo junto, as do Reginho, as da mãe, as minhas, eu tinha que identificar as minhas pra saber, né, quando elas se juntam. Aí comprei os brinco tudo, o Reginho reuniu tudo as cabrita, aí cheguei lá os brinco não funcionaram, aí desisti. Aí o Reginho teve que soltar e aí eu vou comprar o aprelho. Só que aí já aqueceu e eu não quis mais colocar o brinco porque é perigoso elas bicharem. Aí disse pro Reginho deixar. Aí agora no inverno eu pego elas, já trago elas pra dar cria em casa, já identifico e vou tentando amansar. Eu quero criar poucas cabritas, umas 100, por aí, no máximo, porque eu gosto muito da carne de cabrito, sou apaixonada por carne de cabrito. Pra mim, é a melhor carne que tem pro churrasco. Ela é extremamente sadia porque ela quase não tem gordura, porque a carne de ovelha tu tá comendo e aquela gordura tá ficando na tua boca, se fica um pouco frio aquilo já te gruda. E a cabrita não tem isso. Pra churrasco ela é, assim, uma carne magra, né. Então quando eu vou num churrasco é a minha preferida. Se tem um churrasco aqui em casa eu já

peço pra deixar separada uma cabritinha. Então eu quero ter as minhas, mas no máximo umas 100. E a cabrita é um animal que se tu acostumar ela a vim em casa todo o dia, se tu der uma coisinha pra ela comer, um pouquinho de sal, um farelinho, ela costuma vir todo o dia pra casa. Aí ele vem pra perto da casa, então fica fácil de tu fazer o manejo, né. Tu ensina ela, né, vai dando comida, vai dando comida, e daí todos os dias ela sai do campo pra caminhar, pastar, e depois volta pro dormir em casa. Então eu quero identificar as minha e ensinar elas esse manejo pra ficar fácil pra mim cuidar. Só que eu vou esperar o inverno pra reunir elas pra marcar. Entre o Reginho, a mãe e eu deve ter mais ou menos umas 500 cabras.

Entrevistadora - E como tu sabe quantas tu consegue cuidar?

Vera Colares - É pela minha vontade, mesmo. E eu tenho muitos afazeres. Só com o cuidar o gado, as ovelhas e todo o resto, a briga pelo Camaquã, a mãe, todas as minhas outras atividades, a própria presidência da Associação me toma muito trabalho porque eu tenho que me envolver muito com a comunidade, né. Então, assim, com tudo o que eu tenho que fazer não me sobra muito tempo, né. Tipo, uns dois, três dias por semana eu consigo dar atenção pro meu aqui fora, fora isso não tenho conseguido, né. Claro que o Rejão, mesmo que eu não esteja, ele tá aqui tomando conta, né, mas é que tem muita coisa que as vezes ele não consegue fazer sozinho. Por exemplo, né, uma vaca tá com bicho, tá bichada, daí ele pode até laçar, mas acontece que pra ele puxar ela, amarrar, pra fazer o remédio ou coisa assim, ele precisa da ajuda de outra pessoa. Então é difícil, né. Aí eu sempre ando com ele campereando. Então se vai fazer banho, se vai fazer vacina, até pra encerrar na mangueira. Todo esse trabalho, um sozinho é bem difícil. Então sempre ando com ele assim.

Vera Colares - Esse meu pequenininho [cachorro] eu quero criar pra lidar com as ovelhas. Porque quando nó começamo a cuidar das ovelhas, eu peguei elas ano passado, as minhas, né, pra cuidar, e daí nós não tinha nenhum cachorro daqui que fosse acostumado a lidar com as ovelhas. Até tu pode usar o mesmo, mas é que se ele já se criou só lidando com o gado, depois ele não gosta de lidar com as ovelha, porque ele não aprendeu. Então os daqui não gostam, eles nem acoam nas ovelhas. Agente anda no campo correndo o gado, eles correm, tudo mais. Mas quando chega nas ovelhas eles vão pra trás do cavalo e nem se mechem; não acoam nas ovelhas, não entram no mato pra procurar as ovelhas, não fazem nada. E aí a gente passa trabalho porque fica difícil de achar. Aí eu tô criando o pequenininho pra ensinar desde bebê a trabalhar com as ovelhas. Eu tô louca pra pegar ele e já levar pras ovelhas. Geralmente o dono da propriedade ensina os seus, né, seu método. Esse é meu, então quero ensinar.

O Guilherme da Marcia ele nos consegue, quando nós precisamos de uns cachorros. Ai o Guilherme vai lá e fala com os conhecido dele, parentada, e consegue uns cachorro pra gente. Aí esses tempo ele trouxe pra nós uma cadelinha, que não é bem ovelheira. Mas que arrependimento aquele bicho! Impossível, burra, burra, burra. Se eu não fosse uma pessoa de bom coração já tinha matado. O que ela atrapalha...ela vai pelo lado contrário que ela tem que tocar o animal. Então, se tu quer tocar o animal pra cá, ela tem que entrar aqui, acoando aqui. Mas não, ela pega o animal e bota campo afora. Ai, eu fico louca com aquela cachorrinha! Digo: nunca mais vamo pegar cachorro que não seja ovelheiro! Mas tá aí, a tormenta. Eu me estresso direto com ela. Mas eu sou chata com essa coisa de cachorro. E o pai era que nem eu, assim. O pai não gostava desse negócio de sair a camperear o gado e botar os cachorro e os cachorro tá o tempo todo acoando no gado, e corre aqui, e corre ali, não era com o pai! E eu sou assim também, se o gado tá quietinho na estrada eu não admito que os cachorro fiquem latindo neles; faço ir lá pra trás. Eles abrem a boca e eu já grito com eles: “já pra trás, fulano! Que que tu tá gritando se o gado tá quieto na estrada”. Tem gente que vai o tempo todo com o animal acoando na tropa.

Áudio 09 – “Joãozinho”, vice presidente da Associação (duração 4min e 32seg)

Vera Colares - Esse aqui é o João Batista, vice-presidente da AGRUPA, meu primo. O Joãozinho é o vice-presidente da Associação, gente boa!

João Batista- quando tá dormindo!

Vera Colares - É de paz. Aguenta todos os loco aqui de Palmas. E olha que se dar bem com todo mundo não é uma coisa tão fácil assim!

Vera Colares - ... mas esses dias mesmo eu tava por lá (Caçapava) falando com Seu Décinho e ele disse que tem muita gente que não dá bola, né. Que só se lembra de morcego quando tão comendo o gado deles já. Mas como o bicho é de asa, acho que é arriscado, capaz de aparecer. Eu vou vacinar porque não custa, só uns 120 pila, é barato, porque é um bicho que morra tu já tem um prejuízo loco!

E tu viu minha vacina pré-parto? A única vaca que eu vacinei deu problema! Foi a bonitinha. Eu acho até que a vacina dá resultado! Eu vacinei toda as vaca, mas a bonitinha nós esquecemo de vacinar. Foi a única que morreu o terneiro e nós tivemos que cuidar.

João Batista - Ah, mas aí foi uma coincidência também! Que, tá certo tu não ter vacinado, mas é a bonitinha. Não, daqui a pouco se tivesse vacinado não tinha dado problema.

Vera Colares - eu nem sei se ela já melhorou.

João Batista - não vacinei as minha e não tão com problema nenhum.

Vera Colares - Mas a única que não vacinei me deu problema. Me deu raiva! É que os bicho de perto de casa pegam mais praga de volta da casa. Se mistura muita peste de um bicho com o outro. É porco, é galinha, tudo em volta de casa e vai misturando os germes uns dos outros, né. Acaba que os bicho de perto de casa morrem mais cedo.

João Batista- e as vezes são mais fraqueirão. A gente dá muita boia!

Áudio 10 – Dona Eni (duração 10min e 42seg)

Dona Eni - família grande né, e não tinha emprego, aí era ele, os filhos, era só queirmar carvão e levar de carreta. Não lembro se queimava uma noite ou mais. Eles passavam o dia cuidando, porque se deixa ele vai desmanchando, vira brasa daí. Quando terminava levava de carreta pra cidade. Depois quando meu tio já tava velho quem fazia isso era o filho dele, e tinha uma namorada. Porque o carvão é perigoso, né. Ele carregou a carreta, apagou o carvão, tinha apagado com água, e carregou a carreta pra sair no outro dia e foi pra casa da namorada. Quando voltou da namorada tinha queimado a carreta com lenha e tudo! Tava quente, de certo tinha uma faísca, alguma coisa que pegou. O meu tio que ficou apavorado, porque era o meio de transporte, de viver, de comer, tudo deles. Eram uns quantos filhos, uns quantos netos. Ele ficou apavorado! Mas depois meu tio também esquilava, trabalhava nas estâncias assim. Esquilava pro patrão. Ele não tinha muito boi também, mas é que naquele tempo todo mundo lavrava e plantavam com arado, as plantas, todo mundo tinham bastante boi e emprestavam pra ele amansar os terneiro, os boizinho já grande e ele amansava na carreta que é melhor. Porque a carreta tem aquele pau grande que vai doo cabeçario como chamam. Aí tem o jugo, une os boi e aí eles puxam a carreta. Mas essas carreta grande tem que ser uns 3, 4 carreiro de boi. Umas carreta grande de tora, fechada, parece um carro, assim. Aí eles vão pra cidade, vão acampando aqui, descansando os boi, dormindo, até que chegam lá.

O meu pai trabalhava também com carvão, tinha carreta. Mas depois saiu essa estrada que tem lá em cima, na pedra grande, começaram lá de Bagé e veio até aqui. Ai meu pai começou a trabalhar, meu tio também. Aí melhorou um pouco a vida. E naquele tempo todo mundo tinha bastante filho, meu pai mesmo tinha 10. Vida na campanha não é fácil, mas a gente gosta.

Áudio 11 – Régis Medeiros, mais conhecido como Rejão (duração 13min e 36seg)

Rejão – Moro em outra casa. Leva 1:30 à cavalo até lá. De a pé é mais perto. Saio cortando o campo e levo 1h. É mais ou menos daqui até a entrada da faixa lá, de distância.

Rejão - Eu do boia só de tardezinha pros cachorros, mas do bastante. Aí faz o resto das coisa aqui por casa, as galinha, e amanhã segue na lida de novo, todo dia, sábado e domingo; Não tem feriado. Pobre não pode ter feriado senão morre de fome!!!

Vera Colares - Não dá pra dar moleza, Fernanda.

Rejão – Que moleza o que! Tamo em casa sempre tem, galinha, cachorro, é porco é vaca, sempre tem!

Entrevistadora - E as galinha ficam sota agora de noite?

Rejão - Elas posam ali naquela árvore. E os pinto posam preso ali naqueles quartinho. Todo dia tem botar eles lá pra dentro, mas eles vão sozinho. Tem uns aí, galinha de choro deles, bem pequenininho. Qualquer chuvinha que vem mata eles, por isso tem que deixar ali. As galinha grande não precisam. Esse aí é guaxo, desde pequenininho foi criado guaxo. Nem sei o que aconteceu com esse pinto aí. Passavam enrolando com esse pinto aí, posando em casa. Se descuida ele entra pra dentro da cozinha.

Aqui trabalho tem todos os dias. – o resto não tem muita coisa.

Áudio 12 – Vera, Dona Eni e Rejão (duração 23min e 00seg)

[Fotos antigas das pescarias no rio Camaquã]

Vera Colares - tem mais de 10 anos; pescaria dourado. Foi quando deu uma seca bárbara no Camaquã e aí ficou bem baixinho e o pessoal pegou dourado. Acho que tem mais de 10 anos já. Dourado é um peixe muito grande. Quando o rio tá mais baixo é mais fácil de pegar, né. Porque o dourado não é um peixe fácil de pegar. Esse aí tem que pegar com rede, não foi com linha, porque dourado no Camaquã tu não pega de linha. Eu até tava torcendo pro Camaquã encher porque tavam pegando um monte com rede. Baixa o rio e aí o pessoal ia lá e pegava.

A gente ia em turma pro Camaquã!

[...]

Rejão - Eu janto e me deito. A Vera e a dona Eni ficam aí até mais tarde. Eu janto e me deito. 6h, 6h e pouco eu já levanto. Tomo um mate. Se tiver que levantar mais cedo eu levanto. No verão é mais fácil fazer as coisa cedo.

Dona Eni - A escola era longe quando eram criança. E eu vivia na estrada porque tinha gado brabo. Aí tinha que sair pra trazer as crianças, na hora de levar também.

Rejão - Antes tinha várias escolas. Agora tem pouquinho. Uma lá na pedra grande e outra na coxilha das flores. Aí tem transporte. Vem um dia sim outro não. As combi véia passam se estragando!!! Começou quarta... teve quarta e quinta. Sexta não teve, aqui nessa linha. Lá na toca teve um dia só. Desses três dia. Tudo estragada. As kombi veia, sucata, nessas estrada aí... quando não tem transporte ficam sem aula.

Dona Eni - Quando era aqui em casa era mais fácil porque as crianças eram tudo aqui de volta, a professora parava aqui na minha casa.

Rejão - Tinham vários coleginho, mas as professoras ficavam na casa de algum pai de aluno. Professor andava aí todo dia, era difícil não ter aula. Problema é que essas estrada são muito ruim, as kombi véia são muito ruim também e eles não podem andar devagarzinho porque eles tem hora marcada ora começar a aula. Esse aqui vai lá no Camaquã, lá embaixo. Passa 7h e 30min, 8h. Vai lá em baixo lá pegar umas professora, pega o gurizinho da Cristina ali, pega o Natã aqui, vai lá pro lado da casa de pedra, quase lá no Camaquã pegar mais dois, aí depois vai pro colégio, chega lá umas 9h. Aí lá pelas 3h, 3h e pouca vem embora. Almoçam lá.

Dona Eni - houve um tempo que as professoras paravam aqui, as crianças eram daqui de volta tudo, e a metade que era de longe paravam aqui na minha casa, aí era mais fácil! Umas quantas criança paravam aqui.

Áudio 13 – Vera, Dona Eni e Rejão (duração 36min e 35seg)

Vera Colares - Come carne né, Fernanda?

Entrevistadora – Sim! Como, sim!

Vera Colares - Aí nós andamo recebendo umas visita aqui que não comem carne. Aí é mais difícil pra nós porque a gente é muito carnívoro. Esses tempo, quando tava um pessoal aqui, a Cristina fazia umas verduras. Essas linguiça é de vaca e porco. Nós que fazemos. Nós matamos uma vaca por ano, mais ou menos, Aí aproveita tudo. A gente sempre faz linguiça; pega vaca e o porco e desmancha até deixar tudo desmanchadinho. Faz guisado de uma parte, outra parte a gente faz linguiça, outra parte a gente deixa em polpa pra daí fazer bife, essas coisa assim. E os ossos a gente pica bem picadinho pra já ir ficar pronto pra ir panela. Já deixa as porçãozinha guardada. Aí a gente deixa a carne pronta, aí antes do almoço tu descongela e aí fica pronto rapidinho.

O que não come carne a gente acaba fazendo alguma verdura, alguma coisa. Um ovo. Mas tem uns que não come nem ovo! Teve um dia que a Cristina fez couve, outro dia fez polenta, sei lá. É estranho uma pessoa daqui não comer carne.

Entrevistadora – vocês carneiam aqui os animais?

Vera Colares - A maior parte dos terneiro tudo, a gente vende vivo. Daí vão se engordar, crescer. Vende depois de uns 2 anos, as vezes. Aí já viraram boi.

[...]

Vera Colares - O pessoal daqui de fora gostava muito de baile. Iam muito À baile. Minha vó, minhas tia, irmã do pai, adoravam baile! Hoje tem uma turma que ainda sabe dançar bem, mas tem outra turma que é muito plasta! A minha geração, eu por exemplo, não sei dançar. Mas a mãe não gostava, então ia muito com a gente pros baile. A mãe nunca gostou muito! O pai gostava mais.

Dona Eni - por causa que a gente era obrigada a dançar com qualquer um, sabe. Não podia dizer que não. Aí porque que a moça não tinha direito de escolher eles tudo podia escolher? Eu não gostava de dançar. Depois de casada não, mas eles também tiravam a agente: me empresta o par pra dançar? Eles pediam pros marido, não pras mulher!

Vera Colares - Só tinha uma música que as moça tinha direito de tirar o rapaz. Sempre eram os rapaz que tiravam as moças, que convidavam, né, pra dançar. Ficava de num lado do salão os rapaz e do outro lado do salão as moças. E os rapaz convidavam as moça pra dançar e as moça tinham que dançar, era falta de educação dizer que não. Mas claro que era todo mundo conhecido, também, né. Todo mundo da mesma comunidade.

Uma vez o pai conta que ele foi num baile lá do lado do outro lado do Camaquã, lá pelas minas. Aí, naquela época, como eu te falei, né, eram um monte de irmãos. Aí num baile desse um rapaz tirou uma moça pra dançar e ela não quis dançar com ele. Aí ele falou que ela não era a primeira égua que tinha negado estribo pra ele. Mas aí sentou a paulera!! Chamou a moça de égua, tu imagina! Que falta de educação. Aí os irmão dela sentaram-lhe o cacete nele! Aí virou uma confusão, né... pessoal gostava de um bochinchozinho.

A moça só podia escolher com quem dançar na polca de versos⁷⁸. Tocava uma música e era tipo pra cantar assim. Aí a moça que escolhia o rapaz com quem ela queria dançar, nessa música.

78 A polca da relação era dançada nos famosos Bailes de Campanha, também conhecido como Baile de Rancho. A polca era como um divertimento para os moradores da campanha já que estes encontravam-se distantes do povo

Ela que convidava o rapaz pra dançar. Aí quando tava lá pelo meio da dança, parava a música e aí cada um tinha que cantar um verso pro outro. Aí tu cantava um verso de acordo com o que tu tava sentindo, se tu gostava da moça tu podia cantar um verso apaixonado, se tu achava ela feia, horrorosa, ele cantava um verso desaforado! Aí era muito legal. Eu adorava ver a polca de verso por causa dos verso. Ai se tu era ruim de cantar tu pedia pra alguém te desempenhar, era cantar por ti o verso inteiro. Tu podia até combinar previamente o verso que tu quisesse. Tinha um assim: “nunca vi um pinheiro tão alto, com fios de ouro na ponta, os olhos dessa morena já corre por minha conta”. Tinha uns que podre de desaforado! Tinha outros que cantavam só por farra, né. Até pra esposa. O pessoal aqui das Palmas gosta muito de fazer, agora até não é tanto, mas tinha uma turma aqui de mais velhos que adoravam fazer judiaria, fazer pegadinha, tipo piadinha, né. A gente não chamava de pegadinha aqui. A gente chamava de judiaria. As vezes eles cantavam uns verso desaforado pras esposa pra fazer gracejo com os amigos. Bah! A gente se divertia, dava risada. Eu também. Eu era criança, né. Os baile, normalmente quando eu era criança e tinha escolinha aqui, era bem no encostado do arame aqui. Era a escolinha de Palmas que veio aqui pra casa. E aí os baile eram geralmente na escola. As professora faziam pra tirar a renda, pra dar presente de Natal pra gente... essas coisas assim, né. Tio Sérgio tocava pra nós. Aí dependendo da professora, se era uma professora mais ativa, no dia do baile ela fazia diversas coisas, fazia uma espécie de quermesse, fazia na festa de Natal, manjedoura, Jesus, os reis magos, todas essas coisas né. Fazia casamento caipira. Aí toda a comunidade se envolvia, né. E a gente declamava poesia. As vezes o tio Sérgio vinha dias e dias pra gente ensaiar. Ele encilhava o cavalito dele não sei quantas vezes por semana e aí vinha pra cá pra tocar pra gente ensaiar as poesias. Ele era muito participativo! Ai no dia a gente cantava as poesia, o casamento caipira era uma coisa fantástica. Tinha um dos senhores daqui, que ele era muito legal. Ele era impossível! Era sempre um dos apresentador, que era tipo um teatro assim que a gente fazia. Aí tinha a noiva, noivo, os padrinhos, e a gente decorava, ensaiava durante a semana pra fazer uma espécie de jogral. Tudo era ensaiado: as palavras, os nomes, tudo... o nome das pessoas já fazia a gente rir de tão ridículo! E tudo era encenado. Na hora tinha que saber de cor as falas; uns era o pai da noiva, outros pai do noivo, outro eram tio, eram padrinho, e tudo falando bem caipira, assim: “Quando que a fulana nasceu? Ah, não sei! Depois da colheita do mio verde!”. Os seu Antônio uma vez fez um violão pra ele, de uns negócio de litro de azeite, fez uns sapatos de couro, e fazia assim, se fantasia todo a caráter. A roupa dele toda de saco de estopa. Ele era preparado, todo a caráter. As vezes o noivo chegavam montado num burro-choro, né. E a noiva sentada em cima de uma rama puxada a cavalo. Era tudo assim, bem característico pra fazer uma coisa bem divertida. A gente se divertia bastante! Claro, naquele tempo tinha bem mais gente, porque eram mais filhos. Nessa época eu tinha uns 7 anos, tinha a escolinha aqui perto e tinha umas professoras que eram muito boas.

Aí é que tá, né! Hoje eu me sinto muito decepcionada com essa nossa escolinha que tem lá na coxilha das flores, é uma escola totalmente afastada da comunidade! Nunca participa e quando a gente quer fazer alguma na escola eles nunca querem! Já a outra professora da outra escola, que é casada com um rapaz aqui das Palmas mesmo, é muito mais participativa, tem feito várias coisas. Agora nós temos um evento pra fazer lá na escola. As outras professoras que vem de Bagé, que são da cidade, elas não tem o mínimo vínculo, elas não dão a mínima bola, nem se importam com as crianças, sabe. É uma coisa triste porque podia fazer um monte de coisa. Nessa escolinha aqui, que eu acho que o máximo que a gente teve foi uns 30 alunos, não sei se chegou a isso, talvez 15, 20... a gente chegava a fazer um monte de coisa legal. Quando as professoras são dedicadas elas fazem muito! Porque o pessoal daqui sempre respeitou muito as

(cidade). Esta dança era executada em pares, como na valsa, porém tinha um grande diferencial. Ao final dança os pares, um de cada vez, deslocavam-se até o centro onde diziam alguns versos um para o outro.

professoras, então quando elas pediam uma colaboração as pessoas vinham participar e ajudavam e se divertiam, e era umas coisa assim muito legal!

A escola pra mim é o lugar mias importante assim, né. Porque aqui nós não temo igreja, né, na nossa comunidade. Nunca tivemos. Normalmente as pessoas daqui só vão a igreja quando tem uma homenagem pra alguém: missa de formatura, de 7º dia pelo falecimento de algum. Porque o pessoal daqui não é muito ligado. É variado, assim, cada um tem a sua religião, a sua fé, não temos nenhuma tendência, assim...não temos nada orientado. Pessoal não é muito firme na questão religiosa. Tinha um tempo que vinha padre aqui fora, vinha fazer batizado, vinha fazer crisma, mas nunca foi... claro que o pessoal respeitava! Eu lembro que uma vez veio o Bispo aqui fora. Nossa, que festa que foi! Naquela época não tinha estrada pra chegar aqui, ele veio pelas estradas de campo. Num determinado lugar quando ele chegou, o pessoal fez uma comitiva pro Bispo. Todo mundo de camisa branca, lenço vermelho, pilchado. Forma encontrar o Bispo a cavalo e vieram acompanhando o Bispo até aqui em casa. Acho que o Bispo veio até num fusca. Foi uma festança, uma churrascada muito linda pra receber o Bispo. O pessoal, assim, reverencia as autoridades, mas não tem muito o hábito religioso.

Os campos aqui são tudo interligados. As pessoas daqui trabalham de a cavalo. Nosso meio de transporte pra ir trabalhar é o cavalo, né. Então, assim, eu saio aqui de casa, vou no campo ali, o tio Sérgio anda no campo dele, o Neco anda no campo dele, o Joãozinho, todo mundo anda de a cavalo né, Então nós nos encontramos pelas estradas e os cavalos tão sempre em contato uns com os outros. Aí num evento tu não pode ir se não tiver vacinado porque não pode um entrar em contato com o outro, porque podem se misturar e um ter doença e pegar doença nos outros.

Vera Colares - A gente é muito apegado as nossas raízes. Cultua muito nosso passado.

Vera Colares – Quer figada, Fernanda?

Entrevistadora – Aquela do Almoço? Eu quero!

Vera Colares - Sobremesa a gente faz ambrosia, sobremesa assim pra comer em casa, faz pudim de leite moça, pudim de queijo, arroz de leite, esse a gente gosta bastante de fazer, mistura gemada no arroz de leite é bem bom. Só cozinhar o arroz no leite e aí adoça com a gemada. A gente faz também arroz de pêssego, pêssego seco, que é arigonha. Ambrosia é o doce que a gente faz mais porque a gente sempre tem. Os de fruta depende da época. Mas aqui sempre tem doce porque o Rejão é doido por doce. Ele pode tá mal do estômago e não comer a janta, mas a sobremesa ele come.

Áudio 14 – Vera, Dona Eni e Rejão (duração 9min e 38seg)

Rejão - Arrancar figo não é fácil porque te dá uma coceira a folha da figueira e o figo larga um leite e que gruda e pega tudo nos dedo. Até pra descascar te fura tudo os dedo. É brabo! Tu não aguenta a coceira! Esses dia o Joãozinho queria arrancar uns ali ao meio-dia, tá loco!!

É bom o de marmelo. Marmelada é bom. Mas tá escasso o marmelo, quase ninguém tem esse ano.

DIA 24/02

Áudio 15 – Vera Colares e Rejão (duração 31min e 55seg)

Vera Colares - A comida dos cachorros faz no mínimo de dois em dois dias. Um dia sim um dia não.

Entrevistadora - A rotina de vocês muda, por ser final de semana, dia de semana?

Vera Colares - Não, tudo igual, sempre a mesma coisa. Só muda em dia de chuva. Por que se tá chovendo assim a gente não faz serviço de campo, porque é ruim, molha os arreio, a gente se molha. Aí ficamos em casa, fazendo coisa de casa, limpando ao redor, capinando, juntando sujeira, essas coisa. Os guris quando tem madeira pra arrumar, tem que fazer o arames, aproveitam pra furar as tramas, fazer um furinho pra passar o arame. Aí eles aproveitam esses dias pra fazer, porque dá pra fazer no galpão.

A gente acorda de manhã, o pessoal toma mate, eu só tomo se tem alguém tomando, aí a gente dá comida pros animais domésticos. Mate todos os dias! O pessoal daqui tem muitos que ficam doente se não tomar mate, literalmente, ficam com dor de cabeça, tal o hábito que eles têm.

Entrevistadora - Como sabem qual animal é de vocês e qual é do vizinho?

Rejão - eles tem um sinal na oreia. Cada dono tem um sinal. Nos nascer a gente já sabe. Cabrito a gente põe sinal, gado a gente põe o sinal e marca com o fogo na picanha. Ovelha também vai só o sinal. Cavalo a gente marca, mas não é costume.

Aqui se chove no meio desse mata não sente quase tanto frio, porque é campo sujo. Eles são criado solto. Todo o inverno aqui no campo sujo o bicho nem sente frio. No verão, aí sim, eles não tem onde parar. Tem muita mutuca. No verão eles tão tudo amontoado loco com as mutucas. Quando a gente sai pra camperear já trata o animal. Eu não gosto de deixar bichado, porque deixar bichado depois é serviço dobrado. Prefiro olhar quase todos os dias que correr depois de bichar.

Aí o terneirinho a gente deixa por aqui mais perto que são muito adoecedor, né. Agora mesmo eu trouxe um lote. Tavam num desarranjo, num enchume. Perdemos dois. Aí se descuida, quando vê dois três dias já deu. Tem uns que se escondem, que tu não acha. Aí tem que ir bem cedo, ou bem de tardezinha que é quando a mãe vai dar mamar. Aí tu vai de atrás até achar.

Banheiro é na bomba lá em casa. Cansa. Bota o gado na mangueira e vai. Nesse solação que tu fica, mais o fedor do veneno. Fica mal.

Áudio 16 – Vera Colares (duração 17min e 53seg)

Vera Colares - As ovelhas é um animal que tu tem que tá juntando toda a hora, senão eles bicham e morrem. Já as cabritas, apesar de serem semelhantes, já são bem mais resistentes. Praticamente tu não dá remédio pra cabrita. Pra ovelha tem que dar toda a hora.

Tudo o que fica perto de casa se contamina mais. São muitos animais no convívio, né. Maiores as chances de pegar doença, uns fazem coco no pátio e outra vai lá e come o cocô infestado. Se eu puder não criar um bicho guaxo em casa eu não crio. As vezes a mãe dele tá magra e tem que pegar pra criar, mas seu eu vejo que dá, faço o possível pra não criar guaxo. Só em último caso, se a mãe morreu, pra criar na mamadeira. Mas eu evito o máximo porque vem pra perto de casa e já começam a se contaminar, os cachorros são fonte muito grande de contaminação. Teve uma época que a mãe criava guaxinho aqui, dava um tempo e morriam. Os cachorros são muito fonte de verne. Dava aquela doença que a gente chama de “bicho da cabeça”.

[...]

Vera Colares - Depois eu quero ir lá pra baixo pra gente ir na casa dos vizinhos porque talvez não dê tempo. Vai no seu Mano, Beto, o Neco tá pro rodeio. O pessoal gosta bastante. O rodeio é uma coisa meio nova aqui nessa região, não tinha antigamente, na época da minha infância. Mas depois quando veio, pegou bastante. Pessoal gosta de dar laçada. Ginetiada não fazem muito porque é bem perigoso. Abandonaram. Algumas pessoas acabaram se machucando. Aí eles fazem laço, soltam o gado correndo e o laço tem que pegar nas guampas. A prova técnica é assim. Eles gostam de gado que tem as guampa bem grande, aberta. Fica mais fácil de laçar. E alguns gados que vão se acostumando a ir pra rodeio, tipo os do Neco, assim, que aluga pros rodeio. O gado vai ficando tão acostumado que quando vê o laço já abaixa a cabeça. Os laçador

não gostam, né, quando o gado é muito rebelde e já sabe escapar do laço, né. Prejudica o laçador, eles perdem pontos.

[...]

Vera Colares - O Rejão vai lá em cima. Elas têm lugar que elas costumam parar. Ele vai lá em cima, toca elas e elas vem aqui pra mangueirinha que tem aqui pertinho do arame. Os cachorros bastou ensinar a lida que a gente pega os cavalos e vão atrás. Eles gostam bastante. Claro que se tu fica muito tempo, manhã e tarde, eles cansam. Mas eles gostam, gostam de acoar no gado. Tem que tá ralhando com eles, senão eles ficam acoando, mordendo o gado. Morder até que não, os ovelheiros não são raça de ataque, são raça de juntas, não são de morder e machucar. Claro que as vezes acontece e depois de se viciar a matar ovelha, como eles andam em grupo, os cachorros, se eles começam a matar tu pode matar o teu cachorro porque não tem solução. O pai já tentou salvar o cachorro, deixava preso, separava, mas largava ele e corria pro lote e ia direto. E eles matam tudo, não matam uma pra comer. Eles mordem uma e vão pra outra e vão indo. Um que mata ensina os outros. E é tudo assim. Os do Joãozinho, meu primo, matam as galinhas. Quando tão junto da gente não fazem, mas se sai de casa tem que prender os cachorros. Tem muitos que não querem matar porque não adianta matar um, tem que matar todos. E aí não querem porque vão ficar sem cachorro pra ir pro campo. Aí é um problema porque invadem o campo dos vizinho, e eles não querem admitir. Tem muita gente que não enxerga que o seu cachorro tá judiando. Aí come as ovelhas dos vizinhos. É terrível. Parece que dá uma loucura no animal! Tu tem que saber lidar com eles. Por exemplo, se tu tá juntando as ovelhas e começa a aticar a ovelha, começa a fazer lauz, estimular ele a pegar e diz: pega, pega! Aí daqui a um pouquinho ele pega. E aí é perigoso. Quando tu tá lidando com a ovelha os comando tem que ser mais tranquilos, não pode ser os mesmos comandos que tu dá pro gado, tem que saber lidar. E tem a raça específica, alguns cachorros tu não pode levar quando tá lidando com as ovelhas. Porque depois que eles se viciam, não tem solução. Aí eles matam as tuas ovelhas, as dos vizinhos e assim vão. Aí tem que resolver, dar pra alguém, matar... tu não vai criar o animal pro resto da vida preso.

Áudio 17 – Vera Colares (duração 14min e 37seg)

Vera Colares - Pra ovelha é melhor o cachorro que late porque elas disparam. Se eles não chegam nela, se eles não latem, elas ficam bem quietas no canto delas escondidas. Quando late elas saem do mato e vem embora.

Entrevistadora - E aí revisa uma por uma?

Vera Colares - Não. Elas ficam mancando, ou tão sujas de sangue, né. Tu viu que elas tão pintadinha igual as do tio Sérgio, né? Essa aqui tava com um machucado na cabeça. No meio da lã com esses calorões a lã fica úmida.

Esses que tem a cola comprida são os capões castrados pra comer, ou pra venda, no caso. Os capões são os machos castrados. As ovelhas tem a cola curtinha que até pra facilitar o carneramento. Tá vendo esse bem grandão aqui? Esse é o carneiro, esse é o reprodutor.

A gente não deve, não é aconselhado jamais tu pegar animal da tua própria criação pra usar como reprodutor, né. Porque ele não tem qualidade. Geralmente, a não ser que tu seja cabanheiro, tu não vai ter ovelha pura.

E aí tu vai tá pegando uma inferior e botando elas pra reproduzir, aí cada vez fica pior tua qualidade. Então é sempre aconselhado comprar carneiro de cabanha especializada em produzir carneiro com a melhor qualidade de lã, melhor qualidade de carne, tamanho...

Vera Colares - A bagunça [cachorra] não quer saber. Ela começou a trabalhar com o gado e eles preferem trabalhar com o gado. Eles podem morder mais e acoar, é maior, é mais rebelde. Aí eles se divertem mais correndo atrás.

As vezes elas cravam espinho no pé também, aí elas ficam rengueando e nem é bicheira, é só um espinho que tá cravado no pé. aí tem que tirar, senão acaba as vezes inflamando. E quando os casco tão sensíveis tem que ir tratando, cortar. Rejão corta com a faca, mas tem uns aparelhinho.

A gente começou recente aqui e ainda tá muito desorganizado em termos de estrutura, assim. Teria que ter mangueira, brete, outras coisas. Mas eu vou fazer ainda. Ao longo do tempo eu vou fazer.

As vezes elas vão limpar, elas ficam se mordendo, sentindo coceira onde tem o machucado, o bicho, né, e aí elas vem com a boca pra tirar e pegam o bicho na boca também. Então quando elas tão abichada assim, tem que sempre revisar a boca também pra ver se não tá bichada. Ela começa a se coçar e os bicho já vem pra boca arrodar por ali. Esses bicho de bicheira come o animal vivo, né. Vão comendo a carne do animal, vão comendo, e tomam conta.

Essa raça aqui predomina, é corredali. É uma ovelha mista, ela tanto serve pra ti vender a carne, quanto a lã dela serve razoavelmente boa pra vender e ganhar um dinheiro com a lã. Então ela tem de duas finalidades, tem de carne e tem de lã. Porque a Texel, por exemplo, ela é grande pra carne, mas a lã dela não vende por nada, dá uns 2, 3 reais o quilo. Já uma corredali boa tu pode vender por 10, 12 reais o quilo. Mas também tem que cuidar né, pra lã ficar de boa qualidade. Por isso que eu digo que tem que comprar um carneiro de boa qualidade, de boa cabana, se não vai estragando. E o gado é a mesma coisa. Tem que comprar um bom reprodutor pros terneiro terem um bom tamanho, terem peso. Que o comprador quando ele vem olhar o gado, principalmente, né, porque a ovelha a gente vende pouco. Mas o gado ele vai olhar a qualidade, a raça, pra ver se tem futuro ele te comprar aqueles terneiro. Se ele vê que vai ter um terneiro meio sem futuro, que não vai crescer muito, aí ele já te paga pouco. E nem tem muito como forçar a barra porque se o animal é de baixa qualidade o comprador não vai querer e tu acaba tendo que vender mal. Por outro lado, se tu tiver um terneiro de qualidade, as vezes ele nem é grande, tá pequeno ainda, e tu encontra negócio. Tu chega e diz: só vendo por tanto. E o cara diz: não, não, mas tá muito caro! “Então não compra! Eu deixo ele no campo e amanhã ou depois tu vai me pagar mais”. Aí os cara acabam comprando, pagando, as vezes, até mais do que vale. Mas eles sabem que o animal vai desenvolver. Se ele tem qualidade, ele vai desenvolver. Se ele tem qualidade, tu que dá o preço, né.

Mas tem umas ovelhas aqui que são ruim de qualidade, que eu comprei do vizinho.

Áudio 18 – Vera Colares (duração 55seg)

Vera Colares - O bom é isso, Fernanda, Apesar de ser sujo o campo, elas saem pro limpo. Tá vendo aquela árvore ali, oh, lá tem um limpinho com as ovelhinha, tá enxergando? A gente que tem olho acostumado, eu não sou muito boa, mas o Rejão enxerga de longe. A gente trás essas e fica cuidando. Tá faltando, tantas. Daqui um pouquinho elas aparecem no limpo pra pastar, elas saem do mato e vem. Ainda mais nessas horas de sol quente, por isso que a gente sai com sol quente, porque nas horas de sol quente elas vão pro limpinho pra pastar. O gado também.

Áudio 19 – Vera Colares (duração 28min e 17seg)

Vera Colares - Uma das características do campeiro daqui é conhecer os animais. Gado principalmente, as ovelhas não é tanto. Algumas assim, mais mansas, mais rebeldes, a gente já conhece. Mas o gado, em geral, o pessoal daqui eles conhecem um por um. Até porque tem pelagem diferente. Aí eles contam no rodeio, assim: ah, são 51 res, tá faltando uma. Aí eles começam a olha: ah, tá faltando aquela pretinha, assim, assim, assado, e ela fica lá naquele coqueirinho. Aí ele vai lá e busca ela. Por isso que eu digo assim, que esse tipo de campo, com

essa quantidade de vegetação, não é pra qualquer campeiro. No campo limpo, assim, tu sai e tu enxerga todos os animal, só vai ali, pega e olha, nem precisa levar na mangueira. Tu olha, ah não tem nenhum bichado, não tem nenhum doente, tu pega e vai te embora. Aqui, aqui é mais difícil porque é tudo muito sujo. Tem que levar os cachorro junto pra fazer barulho no mato, eles vão acoando, vão fazendo barulho e aí o animal vai pro limpo. Mas se não vão, aí tu tem que procurar, e as vezes leva um dia, leva dois dias e tu não acha. A vaca com cria, principalmente, é complicado. A vaca em geral, em geral não, mas algumas vacas, muitas delas, tem o costume de se esconder pra dar cria. Esconder o filhotinho. É do extinto de sobrevivência do animal, né. Só que se elas derem cria, por exemplo, dois, três dias e não curar o umbigo onde fica sanguezinho daquela parte que tá grudado na mãe, se tu não curar ele abicha e aí se tu não acha ele morre bichado. Então as vezes a vaca esconde e tu procura, procura, procura ... a maioria das vezes tu acaba achando, ou passa um ou dois dias que o terneirinho já tá caminhando mais firme e ela já leva ele pro rodeio com as demais vacas, né. O mais normal é isso, né. Mas as vezes é comum também morrer o bichinho e tu não encontrar nunca porque ela escondeu no meio do mato. Então a característica desse tipo de trabalho aqui é mais difícil, assim. Não é pra qualquer campeiro. Chega um campeirinho de campo limpo aqui, bah!

Outubro em diante a gente faz a tosquia. Mas antes tem que descolar elas. Descolar é limpar a carinha e a bunda. Elas começam a fazer xixi e aí ali atrás, quando o pelo tá maior, vai criando uma lã suja, assim. Aí esquila toda essa parte de trás, a barriga, a parte da carinha e as patinhas. Então tu limpa toda ela nessa região antes da tosquia, antes de dar cria, isso é o descoli que chamam. Deve ser porque limpa a cola. O ideal é que tu sempre faça a tosquia na mesma época porque a lã pra valer mais ela também tem que ter um determinado comprimento do fio. Pra fazer o fio, ele tem que ter um determinado tamanho pra completar a mecha. Então, geralmente, tu esquila de ano em ano pra completar o ciclo e a lã vai tá num tamanho bom pra fazer o fio. Outra coisa que tu não deve fazer, e agora a gente tá tendo mais cuidado, é não colocar a lã em saco plástico porque isso estraga a lã. Aquele plasticozinho que solta da sacola de plástico, solta uma fibra, que depois na hora que tu vai tingir a lã ela não pega porque aquilo é fibra, não é plástico. E aí desvaloriza a lã também. Agora esse ano passado a cooperativa nos mandou saco de plástico, tipo saco de guardar carne, esses saco lisinhos, individual, um pra cada ovelha, aí depois eles vieram plastificar. Pra cooperativa de Jaguarão, a Mauá, nós vendemo pra de Jaguarão esse ano. Nós temos a cooperativa nossa, do Alto Camaquã, né, a Cooperalto. Aí a gente criou comissões. Eu sou a presidente da comissão da lã, tu vê só, e eu quase não entendo... eu sou da comissão da lã e da comissão do artesanato, das duas. A gente conversou com a cooperativa pra fazer a venda coletiva, né, aí a gente juntou um grupo de produtores de cada associação pra fazer uma venda como experimental. Aí na quarta-feira que vem nós vamos nos reunir pra discutir pra ver como é que foi, como é que não foi, porque sempre tem gente reclamando; tem uns lá que reclamam de tudo!! Como tem gente que é assim, que só quer achar defeito no que tu faz. Esses tempo tinha um que tava reclamando que ele não tinha conseguido vender a lã dele pra cooperativa, que só os privilegiados conseguiam, aí a Janine, que tava trabalhando naquela área dele, explicou que a cooperativa só tava comprando lã, lã pura, não lã tipo carne, de ovelha texel que é a dele. Tem pessoas que não adianta, só querem bater boca.

A Cooperalto são oito municípios, né. A ADAC é a Associação do Alto Camaquã. Pelo estatuto das Oscips, das Associações sem fins lucrativos, uma associação não pode comercializar. O objetivo dela é congregar, pedir apoio, até pedir financiamento e tudo mais, pode até organizar os produtores pra comercializar coletivamente, mas eu não posso comprar lã dos meus associados ou receber a lã dos meus Associados pra vender pra uma outra empresa de forma coletiva com o CNPJ da Associação, que as vezes seria interessante do ponto de vista comercial: todos os produtores de Palmas entregam em nome da Associação e a gente com CNPJ, pode até ter uma regalia por ser CNPJ e não Pessoa Física, pode negociar com outra empresa, mas

Associação não pode fazer negociação, então por isso que a gente criou a cooperativa, que a cooperativa é justamente o braço comercial, né. Porque a cooperativa pode juntar lã de todo mundo e vender coletivamente, inclusive ela tem desconto por ser operações de cooperativadas, tem melhor tributação, entendeu. Então as cooperativas são pra isso mesmo, pra fazer a parte comercial nessas comunidades.

Rejão - vamo largar então? [as ovelhas da mangueira]

Vera Colares - vamo! Fica ali que tu abre e eu conto.

[...]

Vera Colares - O sal é uma coisa muito boa pra campereada. Eles adoram sal. Tu bota sal num lugar limpo, tipo aqui, isso faz com que elas venham pra cá pra facilitar o manejo. Eles procuram, porque eles sabem que tu costuma pôr. As vacas, como sempre eu vou levar sal de carro pra eles, eles enxergam o meu carro e vem correndo atrás. Eles correm mesmo! Eles adoram, eles amam. A gente grita e eles vem correndo. E é bom que eles acostumam se reunir. E aí a gente vai daqui tocando eles pro sal, aí eles ficam lá; lá é o lugar onde a gente revisa. Se tiver algum que tem um problema que tu tenha que levar na mangueira, pra fazer alguma coisa, já tá no caminho da mangueira, por isso que é lá. Aí a gente só abre a porteira e já toca pra mangueira.

Porque nós não temos uma mangueira em cada canto. Esse é o das ovelhas, mas o gado só tem um lugar que a gente reúne quando precisa que é uma estrutura maior, onde tem os banheiros, a mangueira, onde tem um brete pro gado. Aí é uma estrutura bem melhor. Daí todo o gado, por mais que não seja naquele mesmo campo da mangueira, tu pega eles e leva lá se precisa. Porque é muito caro pra tu ter uma estrutura em cada lugar, né. E ali, nessas minhas mangueiras, a vizinhança costuma, tem vários vizinhos que tem campo ali perto das minhas mangueiras, então eles usam também, comigo, as minhas. Então eles banham o gado ali, eles compram remédio e ajudam a carregar o banheiro: Joãozinho, o Gonzaga, o Tio Sérgio, eu, o mano Lima, algum vizinho, as vezes, como o Neco, por exemplo, que tava levando a tropa de gado dela, ele trouxe lá da casa dele, lá na beira do Camaquã, e pediu licença pra deixar o gado dele ali no meu campo que é cercada, tem uma área pequena, pra o gado descansar e daí no outro dia seguir com a tropa. Então, assim, os vizinhos vão se ajudando, né.

[...]

Vera Colares - Pera aí que eu queria te mostrar que as galinhas fazem ninhos nos matos. Elas costumam pôr ovo no mato. Elas, as vezes, até descascam e tiram o pintinho no mato também. Só que é mais difícil porque aí ela tem que ficar 21 dias chocando pra descascar e elas ficam o dia inteirinho deitada em cima dos ovos. Olha aqui, tem 3 ovos. Eu pego 2 e deixo 1 pra ela continuar pondo nesse lugar porque se eu tiro todos ela abandona. OS cães, os lagartos, até os ovos gostam de comer os ovos das galinhas. Se eles descobrirem esse ninho aqui eu perdi meus ovinhos. Elas põem um 12 ovo, as vezes chega a 20. Aí elas ficam o dia inteirinho em cima dos ovos chocando. Elas ficam tanto tempo ali que chega a ser perigoso porque pode vir outro animal e comer elas, gato do mato, zorrilho. Então a gente não gosta que elas façam ninho no meio do mato. A maioria das vezes elas não obtém sucesso porque os bichos quando vem comem os ovos e a galinha junto. Mas as vezes elas obtém sucesso. Quando a gente vê vem chegando uma galinha cheia de pintinhos e ela vem pra casa quando eles crescem um pouquinho que já conseguem caminhar, né. Aí quando a gente vê vem uma galinha com os pintinho piando de atrás, aí a gente leva ela lá pra cuidar. E as porca também costumam dar cria no mato. Elas fazem um ninho bem bacana, de carqueja, e ali elas fazem uma cama bem bacana e ali elas se deitam. Aí a gente tem que procurar também, mas a gente sabe. O Rejão sabe até o dia que elas vão dar cria quando vê elas envolvida com o porco: “a porca véia pegou cria hoje, vai dar cria tal dia”! Aí quando chega naquele período ela se some um pouco, aí a gente sai a procurar; sai

atrás dela quando ela vem pra casa se alimentar, porque tem que curar o umbiguinho do porquinho porque se não tbm morre. Todos os animais. Os cabrito e as ovelhas é menos, porque ele dão cria no inverno, aí não tem mosca. Por isso que é muito importante o período da cobertura, tu entendeu. Porque se tu largar o reprodutor na época errada e elas derem cria no verão, aí tu não cura o umbiguinho e morre tudo. E como as cabritas e as ovelhas moram mais no meio dos mato, as vezes tu não consegue.

Aquela lá, tá vendo como ela tá caminhando? Ela tá com a pata machuca. Isso aí a gente já vai juntando e já vai observando. Quando chega na mangueira tu já sabe que aquela é uma das que tem que pegar.

A estrutura pra lidar com a ovelha tem que ser bem melhor que essa. Tem que ter brete, que é lugarzinho apertadinho que a gente bota uma por uma e a gente pode fazer os remédios tudo, e tronco se tu quiser pegar alguma. Aqui, quando eu peguei minhas ovelhas, que elas tavam junto com as do Réginho, que quando eu me aposentei eu decidi tomar conta de todas os meus animais, aí eu peguei as ovelhas e aí a gente não tinha nada. Aí o Rejão, em um final de semana fez uma mangueirinha, no fim já passou um ano e ainda tá aí. Tem que melhorar.

Áudio 20 – Vera Colares (duração 4min e 24seg)

Vera Colares - Se a gente substituísse o mato nativo, se a gente derrubasse esses mato todo e deixasse campo limpo, então assim, a gente poderia, digamos assim, se o objetivo fosse ter máximo lucro, a gente poderia fazer coisas diferentes, né, mas por outro lado a gente perderia em modos de vida, perderia, digamos assim, em alegria, em formas, em preservação do meio ambiente, a gente perderia em vários outros aspectos, né. Essa forma que a gente trabalha não dá tanto lucro, mas permite uma vida mais, assim, mais duradoura, permite que esses recursos vão se mantendo. Porque se tu começa a fazer uma exploração muito pesada em cima tu vai acabando, diminuindo muito a biodiversidade; se tu tirar todos esses matos tu vai prejudicar a fauna e a flora, os animais que vivem aqui iam desaparecer. E como assim, as coisas são, embora nós não percebêssemos isso, né, na verdade as coisas se organizam de forma melhor de se viver eu acho. Se começa a prejudicar muito a fauna e a flora, as coisas mudam né, até o regime de chuvas muda, então tem muitos lugares por aí que as chuvas tão sendo muito pouca e estão prejudicando a pecuária, inclusive, mas as pessoas também derrubaram tudo que foi árvore que tinha, né. Então, assim, o que parece a curto prazo que vai te dar muito resultado, a longo prazo pode ser o teu fim.

Não que todos pensem assim, mas em geral, nessa região aqui o pessoal é mais assim mesmo. Pela própria natureza né, não são ambiciosos demais, entente. É mais como um modo de vida mesmo, não tem aquele tanto de preocupações, e muitos, em relação ao veneno, não usam porque não querem usar, porque acham que vai prejudicar a vida deles, que aquele lugar ali é o lugar onde eles vivem, onde eles criam os filhos, criam família, então eles não querem plantar alguma cultura que precise usar veneno porque sabem que isso vai ter consequência na saúde, né. Então não são loucos. Então eles têm esse pensamento “não vou usar veneno porque” é o que eu como, eu nem vendo minhas plantas, né! Vou botar veneno na horta que é pra eu comer? Que tem gente que pensa assim: vou botar veneno na horta porque eu não como, eu vendo.

Entrevistadora - O que determina a quantidade de res no campo é o tamanho da propriedade, o que conseguem cuidar?

Vera Colares - Mais é o tamanho do campo mesmo. É a quantidade de terra que tu tem que determina o tamanho dela.

Entrevistadora - Como é que vocês fazem esse cálculo?

Vera Colares - É pela observação, né. Pela observação, porque tu vê o tamanho do pasto, por exemplo, tu bota ali 40 res num campo ali, aí quando é verão, um verão chuvoso como esse, tu

pode ter um monte de gado ali que tá um pastizal tremendo, né. Se tu for olhar um campo nessa época do ano tu vai dizer: “ah, mas tá sobrando espaço!”, vou comprar mais 100 res e vou botar aqui dentro, mas daqui a pouquinho vem o inverno e o pasto todo morre e tu não pode ter campo só pra uma estação, né, tu tem que ter um campo pra todas as estações do ano. Então pode tá sobrando pasto no verão, tu não pode botar mais gado ali. Tu pode quando muito é fazer o manejo: ah, eu vou criar mais gado agora, depois eu vendo porque no inverno eu não vou poder ter.

Áudio 21 – Vera Colares (duração 28min e 00seg)

Vera Colares - A gente pesa e solta pra cá pra esse campinho bem pequeno aí. Aqui é o banheiro. Essa estrutura bem pequena aqui se chama de pera. Aqui tu tá manejando o gado, bota pequenos lotes aqui e fecha essa Porteirinha, aí tu bota aqui no brete. Tu tem que fazer uma vacina, fecha aqui e fecha ali e aí faz a vacina e solta pra deslizar no banheiro pra banhar. Ele tem um resbalador que é pra ele cair, eles chegam aqui e resvalam os pés e caem e vão ao fundo, aí eles se molham, ficam bem molhado com água e remédio, mais ou menos uns 6 mil litros de água, esse é dos pequenos, aí depois vão pra outra pera de saída que a água do banho escorra pra voltar pro banheiro. Eles ficam presos ali e aí a água escorre. Tem um sistema que escorre a água aqui. Tem que deixar fechado em dia de chuva porque se não estraga o banho, porque aqui tem uma quantidade certa de água e de remédio que é pra tratar o animal. Então tem toda essa estrutura que é pra ti fazer o manejo, então são várias mangueiras ligadas uma nas outras. Dependendo carrapato, o banho normalmente é de 30 em 30 dias, as vezes mais, as vezes menos. No inverno as vezes tu nem precisa, passa 3, 4 meses sem banhar. No verão, em dias muito quentes, muito abafado, tu olha o gado, se vê que tá com muito carrapato tu já pega e já banha. E não adianta, se tu deixa, além de que judia muito com animal e ainda abicha porque o carrapato faz sair sangue e as mosca bota vareja então se deixa o carrapato em seguida tu vai ter muita bicheira, muita ferida pra curar. E fora que quando maior infestação no animal ele cai pro pasto e fica mais no pasto e o ciclo é cada vez pior. Os carrapatos, o remédio toca nele, porque ele tá no couro do animal, aí o que fica no animal fica envenenado e vai caindo morto. Todo nosso manejo, exceto curar bicheira e terneirinho que nasce e que tem que botar remedinho no umbigo, castra e assinala, só a marca que é depois que tem um ano. E isso a gente não faz aqui, porque o terneirinho é pequenininho e aí a gente faz no campo, até porque ele não caminha muito. Mas qualquer outro remédio que a gente vai fazer, as vacinas, tudo a gente trás o gado pra cá, e a vizinhança também usa porque a vizinhança que tem campo aqui próximo usa essas mesmas mangueiras aqui.

Áudio 22 – Vera Colares (duração 19min e 18seg)

Vera Colares - Pra facilitar a nossa vida, a gente pega a água aqui do açude. Cada vez que a gente banha vai um pouco de água fora. Salta quando o animal pula e fica um pouco no corpo do animal então de tempo em tempo a gente tem que carregar o banheiro.

Aqui nós diríamos que é nossa maternidade. Geralmente a gente põe as vacas aqui nesse campo pra dar cria que é pra poder acompanhar. E cada região é diferente, dependendo do clima da região as pessoas vão botar pra dar cria mais cedo ou mais tarde, depende da quantidade de pasto porque no inverno não tem nada de pasto, aí a vaca prenha, sem nada de pasto, com o filhotinho na barriga, a vaca até morre. Então a gente planeja todo o nosso manejo de acordo com o tempo. O tempo é o nosso... quando tu trabalha com campo nativo, que é o nosso caso aqui, tu te regula muito de acordo com o tempo, com as estações do ano. Claro que se tu tiver

um outro manejo que não vai muito na pastagem, aí tu pode desconsiderar o tempo. Mas se a gente trabalha com o nativo tem que seguir o ciclo da natureza.

O campo de pasto artificial é uma reserva. Porque as vezes, por mais que tu faça o manejo correto, tem animais que são mais adoentados e aí tu precisa ter uma reserva, fora que tem invernos que são terríveis que o campo seca e que fica em terra, praticamente. Então tu tem que ter uma reservinha se tu não quiser perder teus animais. É aconselhável. Claro que tudo isso tu tem que tá também com os animais cuidados, dando remédio na hora adequado porque eles ficam com verminose, tu tem que tá sempre observando. Se tu deixa teu animal carrapatar muito, adoentar, não adianta nada. Os animais ficam magros, magros, magros. Aí se eles já entram fracos no inverno, aí fica difícil.

[...]

[redes]

Vera Colares - Na verdade acho que antigamente eram mais do que hoje. Não havia estrutura formal, mas acho que antigamente as pessoas necessitavam mais porque ninguém tinha carro, ninguém tinha isso, ninguém tinha aquilo, então as redes eram ainda mais fortes. Mas elas continuam fortes aqui na nossa comunidade. Mas as pessoas estão mais independentes hoje, tem menos necessidade umas das outras. E hoje a tecnologia ajuda muito. Todo mundo tem carro, tem mais facilidade de se viver, então as pessoas precisam menos umas das outras, mas a gente ainda consegue manter a comunidade unida, mas acho que antes era mais, até porque antes era muito longe da cidade, não havia acesso, não havia estrada. A comunidade era praticamente fechada. Toda vida era em torno da comunidade, aqui fora, o pessoal das palmas. O pessoal daqui era aqui, as crianças estudavam nas escolinhas que era localizadas, os bailes, as festas, tudo o que se produzia muitas vezes não se vendia, não se comprava nada. Então, por necessidade os laços eram até mais fortes.

A gente tinha time de futebol, que eram por localidade, né. Nós tínhamos aqui o São José, no corredor da Lexiguana, lá na Coxilha das Flores tinha o Palmeiras, lá no outro lado perto do Camaquã tinha o Canarinho, na Toca tinha um também. Então os times eram rivais uns com os outros. Nosso principal rival era o Palmeiras, da Coxilha das Flores. E eram rivais mesmo. Quando era jogo regular entre dois times, né, aí acontecia uma hora no campo de um, uma hora no campo de outro. Já quando era campeonato, faziam rotativo, que nem os times grandes pra que cada um ficasse com a renda, porque vendiam bebida, quitanda, doce, pastel, pra sustentar o time, comprar meia, camiseta, calção, porque os jogadores eram todas pessoas pobres da comunidade, então eles não tinham dinheiro pra comprar uniforme. Então o time fazia esses torneios, jogos, e tirava um dinheiro e comprava tudo o que precisava pro funcionamento do time. Pagava gasolina pra levar os jogadores pros jogos quando tinha carro que levasse, se não iam de a cavalo, a pé. Mas era muito bacana esses times de futebol. Mas não tem mais porque diminuiu o número de pessoas e já não se consegue ter muito. Hoje o pessoal tá mais ligado nos rodeios, mudou um pouco, Eles gostam mais do rodeio que do futebol, a turma mais nova gosta mais da lida do rodeio. Quando chegou o rodeio começou a diminuir mais o futebol e as carreiras.

As carreiras hoje tá difícil porque o governo exige um monte de teste pra poder sair a cavalo. Tem uma tal de gripe que dá nos cavalos. Então agora pra tu ir à uma festa de a cavalo tu tem que fazer um monte de exames e são caros, 100 e tantos reais e vale por poucos de dias. Então pra tu ir num aglomerado assim tu tem que fazer exame. Mas o pessoal não tem dinheiro pra tá gastando assim. Então isso aí reduziu um pouco as carreiras. Antes tu ai numa festa, tu ia a cavalo, todo mundo ia a cavalo, e aí começava “meu cavalo é melhor que o teu” e daqui a pouquinho já tava fazendo uma carreira pra ver qual que corria mais. Mas agora com esses negócio de exigência da vigilância sanitárias as pessoas não vão mais de a cavalo pras festa. O rodeio precisa dos exames, mas o que que eles fazem, eles pagam pra fazer e fazem os rodeios

todos concentrados numa determinada época, durante a validade. Eles fazem o exame e vários rodeios naquele período que daí depois quando perde a validade eles fazem no outro ano. E não é muita gente, também. Hoje os rodeios tão bem enfraquecidos. Antes iam mais de 30 equipes, agora vai 20, 25 equipes, né. É muito caro, também. Tu gasta no exame, gasta pra fazer as provas no rodeio, aí pra ti ir numa equipe que são 5 pessoas acho que é 80 reis por participante, 100 pila. Paga 500 reais pra participar duma prova. Aí mais 100 e poucos pra fazer os exames. E muitas pessoas daqui não tem emprego formal, tem a renda das atividades. Então hoje em dia, pra ir nos rodeio, os rodeio eram uma festa de peão, pessoal que laçava competia pra mostrar que era o melhor laçador, o cavalo mais bem domado, essas coisas. Hoje, toda a despesa que tem deixou de ser festa de peão pra ser festa de patrão. Quem pode pagar as despesas do rodeio tem que ter dinheiro pra levar os cavalos de caminhão se é longe, pagar as coisas que tem que pagar, as despesas de comida, pragar pra tirar o laço lá. Antes valia só por 60 dias, agora conseguiram prorrogar e vale por 180 dias o exame.

Entrevistadora – Onde a comunidade se reúne agora?

Vera Colares - A comunidade se reúne normalmente nas assembleias, quando tem um rodeio, uma carreira, se tem um baile. Fora isso, não se reúne pontualmente pra conversar. Quando morre uma pessoa, todo mundo vai no enterro prestar uma ultima homenagem ao falecido e aos familiares. Na época de outubro, por aí, é a época da marcação do gado porque os terneirinhos já nasceram. Então muitos proprietários fazem a marcação do gado e fazem um churrasco e convidam os vizinhos. Fora isso, os que moram próximos, assim, tipo aqui no nosso corredor, as pessoas saem pro campo e passam na frente da casa e param pra conversar um pouquinho. Muitas vezes pra chegar nas propriedades deles passam aqui na frente de casa. A gente se encontra na estrada e conversa, essas coisas assim.

Áudio 23 – Vera Colares (duração 3min e 14seg)

Entrevistadora - Reuniões sobre a mineração ainda tem acontecido com frequência por aqui?

Vera Colares - A gente faz uma por ano aqui, no mínimo. A gente fez aquela primeira em novembro aí depois o deputado Mainardi fez uma aqui em abril, aquela que veio o deputado Preto, veio vários prefeitos também. Aí depois a gente faz uma por ano, pra comemorar a primeira em novembro. Fez dois anos. A primeira foi em 2017 e ano passado a gente fez pro lançamento do filme aqui, em dezembro do ano passado. Aí, claro, quando a gente faz a Assembleia da Agrupa a gente sempre fala sobre, atualiza o pessoal do movimento. E a gente vai muito em escolas, porque nos convidam pra muitos eventos de mineração. Dia 29 de março temos uma reunião na Associação da Capela, depois a Unipampa de Bagé quer fazer uma pra nos convidar. Tem outra no museu de Bagé pra exibição do filme Dossiê Videntes. Tem bastante coisa.

Áudio 24 – Vera Colares (duração 1min e 07seg)

Vera Colares - Jogou uma lona por cima pra nós é casa. Já o pessoal que é mais acostumado com a vida mais assim, né, são muito mais exigentes que a gente. Aí a gente não pode se meter muito que o pessoal pode não gostar, né. Pessoal da cidade tem mais exigências, é mais acostumado com conforto. Tem gente que nunca morou na campanha, nunca viveu, então eles se apavoram com tudo assim, né, com as dificuldades que pra nós são normais, pra eles são mais difícil.

Áudio 25 – Vera Colares (duração 50min e 02seg)

Vera Colares - Ovelha que é criada em pasto nativo, por exemplo, tem um sabor bem diferente da confinada. Tu prova a carne e já vê a diferença. Impressionante a diferença! Porque ela come muito só e ela tem gosto de pasto na carne. E ela comendo ração muda totalmente o sabor da carne.

Entrevistadora – E quando tu morou fora das Palmas, tu conseguia visitar bastante?

Vera Colares - Ah, nunca deixei de vir né, eu sempre vinha bastante pra cá. Quando eu morei com meus parente lá em Porto Alegre eu vinha menos, que aí eu não tinha autonomia financeira. Morei 1 ano e pouco só lá, também não me adaptei com o jeito deles. Tu é criado com amor e aí tu chega num lugar onde as pessoas vivem se xingando e aí tu não consegue ser feliz desse jeito.

Vera Colares - Tava dizendo pra Fernanda o que que as pessoa faz no dia de chuva.

Rejão – dorme!

Vera Colares - tu vai ter que mostrar pra ela que eu não tava mentindo, não vai ficar cestiando! Não quer trabalhar com trama, debulha milho. Capina as horta, essas coisa. Horta é bom capinar, aramar na chuva. Outra coisa que a gente faz bastante com chuva é sair pra arrancar annoni, não pode deixar infestar. Dia de chuva saimo de carro com um saco pra arrancar as annoni.

[...]

Vera Colares - O pessoal aqui é meio violento. No tempo que o porte de arma era mais liberado, pessoal usava muita arma, quase todo mundo tinha. Mal saiam das fraldas, 12, 13 ano, já tavam com revolver na cintura. Aí iam pra festa, bebiam, se emborrachavam e dava morte. Era comum acontecer tiroteio nas festa aqui. Ai depois com a proibição eles tem medo que chegue a polícia e recolha as armas, aí o pessoal não carrega mais. Mas naquela época era muito comum, fazia festa aqui na toca mesmo, que é onde mora o Rejão, fazia festa por ali naquela comunidade dava briga. Aqui não, no corredor da Lexiguana o pessoal é a mais calmo, até porque o pessoal respeitava muito os mais velhos. Então sempre tinham muito respeito pelos nossos anciões. Começavam a bater boca a gurizada e chegava alguém mais velho e falava: “deu fulano, chega pra ti, vai te embora! Respeita a minha casa” A comunidade, todos respeitavam. Começava um discussão, uma coisa, chegava uma pessoa mais velha da comunidade e mandava embora e eles iam. Respeitavam mesmo, como se fosse um pai.

Áudio 26 – Rejão (duração 5min e 28seg)

Rejão - Aqui faz 5, 6 graus de frio. Tem muita geadada. Mas não dá 0 grau. Acho que no verão pro bicho é melhor, mas pra mim prefiro o inverno. Pobre bicho chove um dia, dois, a noite, não é fácil passar o inverno com chuva no lombo. Tem bicho que entra inverno gordo e sai magro. No verão faz uns verão seco é brabo também, fica tudo torrado.

Áudio 27 – Dona Zilma e Carlos Alberto (Mano) (duração 1h 15min e 04seg)

Vera Colares - A Zilma foi professora aqui nas Palmas.

Dona Zilma - Na Santa Catarina, lá na tua casa e depois na dona Ivone. Já tô aqui há 43 anos. Vim pra cá em 1965, 66, por aí. Eu tinha 24 anos. Comecei com 17 alunos, de 1º à 5º série. Era integrado, né, tu tinha que dar aula pra todos. Tudo junto. Tinha que fazer diário, atender todos. Aí era assim, né. Depois sim, depois parei.

... Já era maio e não tinha pessoa pra colocar aí eu deixei de estudar e vim. Mas agora como é que eu vou começar a dar aula, nem tinha terminado meus estudos e vim. Bah, e agora! Como é que vou fazer diário, essas coisas, eu fazia contabilidade, né. Aí me botaram né, porque não

tinha professora. A escola tava sem professora. Bah, mas eu nunca preparei um diário pra dar aula. Aí as gurias me emprestavam as coisas, me ensinavam. Eu me esforçava, me virava!

Mano - e naquela época os professores iam além, né. Hoje tu não pode corrigir o aluno. Antes não, os professores eram respeitados! Os pais tinham adoração era um respeito bárbaro pelo professor. Hoje tá tudo mudado.

Vera Colares - Lá em casa abichou umas três [ovelhas].

Mano - aqui é pior ainda porque a minha é a merina, né. Tem o casco branco, né.

Vera Colares - É a raça que a lã vale mais. A maioria aqui cria corredali, o Lucinho cria Ideal, o mano cria merina e o Jones também. No seu Joarez é texel, que é melhor pra carne, mas a lã não vale nada.

Mano - Darci esquilou com a tesoura e o guri da Adac(?). Reginho ia esquilar com a máquina, mas estragou. Mandou arrumar e aí demorou e tinha muita ovelha. Aqui já esquilamo tudo em novembro. O da Adac esquila bem direitinho. Já é o segundo, terceiro ano que esquila. Tem 16 anos. Ele morava na cidade, nunca tinha pego uma tesoura, né. Aí ele começou a esquilar no Sérgio e aí ele tira 20. Ai os mais velhos vão ensinando. Pessoal daqui gosta mais da tesoura martelo. Agora é que tá aparecendo a máquina. Mas é que antes tinha muita gente que esquilava a martelo, e hoje tu quase já não acha. Aqueles mais velhos já não tão mais esquilando. Não é mole porque tem que ficar abaixado. Mas muitas propriedades que tem um pessoal mais jovem o pessoal esquila. O Darci já tá sentindo.

Vera Colares - Agora qualquer festa pública tem que ter um veterinário da vigilância sanitária que fica exigindo o exame pro cavalo poder entrar ali né. Sai sempre umas carreirinha boa, mas já não faz mais por causa do tal do exame. Ali perto da Vera sai uns bem bom.

Mano - morei, trabalhei, depois estudei em Bagé. Depois vim me embora pra fora. Mas eu nasci aqui. Trabalhei numa farmácia, num banco ali onde era o Meridional. Depois sai do banco e fui trabalhar num escritório no senhor que era gerente do banco e tinha se aposentado. Aí quando eu sai do banco e fui trabalhar com ele. Mas aí depois eu cansei e me vim embora. No início eu gostava da cidade, mas depois já comecei a não gostar, parei de estudar, aí vim embora.

Entrevistadora - Todas essas ovelhas são do Sr.?

Mano - Minha e do meu filho. Trabalhamo junto. Ovelha merina. Gado também. Geralmente todos criam ovelha e gado. Cabrito também.

Mano - No tempo que não tinha luz nem água, ou se tomava banho lá na sanga, ou tinha um chuveirinho de lata e se tomava um banho quente, não tinha luz. Faz 11 anos que a luz veio pra cá.

Vera Colares - “pra nós acho que saiu uns 4 anos antes”. Pra nós a luz veio em 2004.

Mano - Não quiseram puxar a luz até aqui. Saia muito caro, não me lembro se era 8 ou 10 mil naquela época. Depois que saiu essa luz aí tudo facilitou. No inverno aquecia a água no fogão à lenha e de bacia, bacião, de balde, misturava com um pouco de água fria, e era bem boa a água.

Vera - e era tranquilo, a gente vivia bem feliz!

Zilma - Agora é escuro, inventa de faltar luz um dia e a gente já tá reclamando.

Mano - hoje tu tem todo o conforto, tem estrada boa. Todo mundo tem carro, de primeiro aqui ninguém tinha carro.

Vera - nós já vivemo períodos muito pior! Não tinha aquela BR-153 ali. Pra nós ir à Bagé tinha que ir lá na Pedra Grande pegar um ônibus, nós não tinha luz, não tinha estrada dessa aqui também, nós não tinha praticamente nada. Nossos pais, de alguma forma, eles lutaram pra trazer tudo isso pra região, né. Nossos pais conseguiram que os governos olhassem por eles e trouxessem luz, trouxessem estrada, trouxessem tudo! Então tá na hora da gente se virar

também, né, tá na hora de mais festa, entregar pros políticos e brigar por nossas coisas! Nós temo que ir pra cima, chegar nos deputado, senador, governador. Se naquela época que era mais difícil que nossos pais nem sabiam ler, né, eram uns ignorantes, analfabetos, coitados, sem estudos. Como é que conseguiram tanta coisa? Porque de certa forma eles foram atrás, se mostraram, porque se não ninguém ia vim aqui se lembrar de nós se eles não tivessem ido pedir luz, pedir água, estrada, e eles conseguiram tudo isso. Nós tamo muito melhor e agora ficamo reclamando.

Zilma - aqui quando veio a luz nós fomos lá na CEEE. Ele nos fizeram uma boa. Porque o Fausto era da mesma rede. O que ele fez foi antiético. Botaram pro Budica. O Fausto trabalhava na CEEE e botou pra um rapaz conhecido dele, que já tinha trabalhado junto. Aí eu falei pro Fábio: sabia Fábio que tão botando luz aqui pro Budica. Ah não, pera aí.

Mano - O Budica é do mesmo projeto. Nós falamo pro Budica que não era nada contra ele, mas que nós era do mesmo projeto. Diz pro Fausto que nós conhecemo muito bem o caso do Budica! Nós fomos pra cima dele. Eles iam lá pra ver como botar a luz e nós em cima deles. E o Fausto saia de fininho. Aí eu não me lembro quem foi que me disse que eu falasse com um advogado, o Jorge Marques sabia tudo! Ele me disse: não, isso aí que eles fizeram é antiético, que ele não podia bota luz pro empregado dele e deixar os outros de fora, ainda mais do mesmo projeto.

Zilma - Aí nós ia lá na agência e o Mano falava e eu e o Neco de pé lá enchendo o saco, o Beto de braço cruzado e a Nega não falava. Aí eles falavam que não era pra dizer lá pro pessoal da Pedra Grande. Aí nós falava: não, é todo mundo! Eu não quero só pra mim, né.

Mano - aí nós dissemos pra eles: oh, se vocês não ir lá, a semana que vem nós vamo vir todo mundo aqui, vamo botar câmara, chamar rádio, televisão, vamo chamar todo mundo. Os que já tem luz tá todo mundo nos apoiando, não vão vim só nós aqui pra frente, vai toda as Palma em peso pra cá. Aí demo 15 dia pra eles. Aí eu sei que vieram, chegaram aí e começaram a colocar. O Edegar conseguiu um trator da prefeitura para cá pra carregar os poste.

Áudio 28 – Vera Colares (duração 1min e 45seg)

As vezes quando eu vinha da cidade, que eu descia lá na BR, né, aí vinha de a pé pra casa. As vezes passava pela casa de algum vizinhos. E tu louco pra chegar em casa porque tu passou uma semana, 15 dias na cidade, e tá louca pra ver o pai e a mãe. Se tu passasse na frente da casa do vizinho ele te atacava pra conversar, né! Então muitas vezes eu vinha e passava escondida pelo mato pra poder chegar rápido em casa e se o vizinho visse... aí deu: “Verinha, como é que tá tua mãe, tua avó, entra aqui pra comer um docinho”.

Áudio 29 – Dona Dione e Dona Nega (duração 26min e 30seg)

Vera - Oh os galgo ali. Aqui tem cachorro diferente. O Neco tem um marrom que é dos caçador de porco, né, de javali. São mais brabos, de raça mais agressiva.

Dione - O galgo é mais pra correr, mesmo. Pra tocar, como eles dizem, que aí o porco se vai embora e eles vão atrás. Os galgo são muito rápido e consegue acompanhar o bicho, aí quando ele para os outros chegam nele.

Vera - aqui na nossa região tem bem mais cachorro que gente. É uma cachorrada bárbara.

Dione - aqui os moradores são 4, 5 e cachorro é bem mais que isso.

Vera - e a Roberta tá pro rodeio? Tá tirando laço?

Dione - Não, os guri tão, o Neco e o Kauê tão. A Roberto não é ativa com essas coisa. Ah muito tempo eu andei tentando, mas não deu certo e eu desisti. Mas pra cá tem bastante mulher que laça e leva a sério. Tem a Vilmará, tem a Camila, tem a Vitória do Maninho e da Nara.

Entrevistadora - Como começou essa paixão dos teus meninos pelo rodeio?

Dione - Como é que começou os guris aqui, os meus, o Kauê (18) e Italuã (21). Começou assim, o Neco faz anos que laça, né. Claro que já tinha essa coisa da campanha mesmo. Aí os guris desde pequenininhos já começou a despertar aquilo ali, o laça. Como é que eles começaram, de uma vaquinha parada, né, que eles faziam dum pedaço de pau, botava uma cabeça de vaca que tinha morrido, uma coisa assim. Ali eles começaram com umas cordinha, treinando naquilo ali. E daí foi depois já se viram laçando a cavalo, de primeiro, pra quem não pé muito acostumado, começa a pé numa vaquinha parada. Depois passa pro cavalo e aí vai treinando com a vaca correndo. E dos guri é assim eu perguntei uma vez pra eles: ‘vocês não cansam de laçar’? O Italuã me disse assim: ‘quanto mais eu laço, mais vontade eu tenho de laçar’. Eles treinavam nessas vaquinha parada, de dia quando não tinha muito mais do tempo pra fazer, eles botavam a vaca na frente da luz e ficavam até umas 11 horas da noite. Eles não cansam! Quanto mais laça, mais vontade tem. É um vício, vai tentando até conseguir, e é assim.

O Italuã começou laçando em rodeio acho que ele já tinha uns 6 anos. E o Kauê, no primeiro rodeio que foi com a vaca, ele só correu com a vaca porque não conseguia comandar laço e cavalo, tinha 4 anos, ele correu numa pitizinha

Entrevistadora - E eles gostam bastante da vida aqui no campo?

Dione - ah, gostam! O Kauê te digo assim, acho que nem ele consegue se ver em outro lugar que não seja no campo. O Italuã já, porque, claro, a gente não tem tanto. Eu sempre disse pra eles, vocês podem seguir, criar o bicho de vocês, mas alguém vai ter procurar alguma coisa, pra ter um dinheiro a mais. Aí o Italuã foi pra Bagé, estudou um pouco e agora parou de estudar, agora tá trabalhando numa serralheria. Tá trabalhando lá e mora em Bagé, casado também.

Entrevistadora – E vocês fazem rodeios aqui na propriedade também?

Dione - Aqui a gente faz rodeio uma vez por ano, ali. Ah poucos dias foi aqui, o rodeio, em fevereiro. Eu fico só na parte da comida mesmo. O Neco e os guris organizam tudo, ajeitam tudo. Dá muito trabalho e dá um cansaço, assim, aquela coisa de será que vai dar certo? A gente fica preocupado. A hora que acaba e que tu vê que deu tudo certo dá aquela sensação de alívio. No rodeio funciona assim, a gente chama de equipe, são 5 laçadores. Teve 25 equipes, mais o pessoal que veio só pra assistir. Tinha um monte de acampamento. A gente só faz a comida pro pessoal da casa, pessoal que tá trabalhando mesmo. Aí cada equipe trás suas coisas pro seu acampamento. O pessoal traz barraca, acampa, traz comida, panela. Aí a gente vende pastel, tinha pães, refri, cerveja, essas coisas assim. Doces que a Dona Nega faz, pãeszinho. É uma festa mas dá uma baita ajuda.

Vera - aí como a Dione e o Neco moram na beira dessa Camaquã muito lindo, o pessoal vem acampar, aí também é uma fonte de renda. É a última propriedade antes do rio.

Dia 25/02

Áudio 30 - Thales (9 anos), filho da Cristina Colares (duração 1min e 02seg)

Entrevistadora - Como é que é a tua turma?

Thales - Bah, chegou colega nova.

Entrevistadora - Já tomou café, Thales?

Thales - Pão com manteiga.

Entrevistadora - E lá no colégio depois tu come?

Thales - Como, primeiro lancho quando a gente chega. Bolacha com leite, só que eu odeio porque o leite é ruim! Tem gosto de abacaxi. Não é isso, tem gosto de fruta. Eu não gosto. Quando eu era pequeno eu tomava leite na mamadeira.

Áudio 31 – Cristina Colares (duração 1min e 22seg)

Crisitina - Fui pra cidade final de semana, em Bagé, a minha filha mora lá. Ontem ela tinha um concurso em Pelotas, aí eu fui levar ela. Ela foi fazer mais por testar mesmo, ele nem fez cursinho nem nada, só estudou na apostila. Era só teste mesmo. E como ela tava parada nas férias ela aproveitou e ficou estudando mesmo. Ela tá entrando na faculdade, começa hoje as aulas. Tá fazendo fisioterapia.

Entrevistadora - Mora aqui perto, Cris?

Cristina - Aqui embaixo, com meu marido e o Thales. Fico aqui até bem a tardinha.

Entrevistadora - E as coisa na tua casa?

Cristina - Fica sozinha. Meu esposo vai pro campo, cuidar dos bichos. Gado, ovelha cabrito.

Áudio 32 – Neco, esposo da Dona Dione (duração 3min e 46seg)

Vera Colares – Como que foi o rodeio?

Neco - Deu bom, deu um baita rodeio! Eles já tavam com tudo agarrado já. O problema da chuva em rodeio é no começo. Aí a sexta e o sábado não chovendo tu já tá com tudo; eles já tão com tudo aquilo inscrito, ele já tá com todo o dinheiro. E pra quem leva gado é bom isso aí. Porque se eles tira um lucro bom, no próximo tu! Eu levei só pra me acomodar. Eu levei 120 res. Eu queria levar só o meu gado, porque entra gado dos outros lá, uns gado miúdo nojento de laçar, aí queima teu filme! Eu queria meter só o meu gado e o do Revelino que nós aluguemo junto. S'ó que daí eles pegaram e meteram junto com um bichinho assim que parece uns gafanhoto. Só aí na sexta feira ele tirou esse gado e aí eu botei só o meu e fiz uma propaganda, dei show né! Aí é claro que levantou meu gado. Mas pra quem não sabe, no outro dia misturaram, né...

Mas eu já tenho mais outros que querem correr meu gado. Mas é que agora eu já tranco meu pé, né. Eu aluguei agora por R\$ 60,00, deu quase 8 mil. Mas aí tu leva ali pra correr um final de semana...quanto tu vai tirar isso no final de semana? Eu que trabalho com gado de cria, né, essas corrida pra elas não faz nada com esse monte de pasto, né. Tu vai ali num final de semana, corre teu gado, corre dois dias, tu tira 8 mil. Da onde tu vai tirar?. Eu faço uns dois rodeio aí eu tiro pra correr o ano todo e me sobra dinheiro, porque eu não gasto com isso aí, tu já bota incluído aquilo ali, né. Aí tu agarra e diz: “eu boto meu gado a R\$ 60,00, que o valor é R\$ 70,00 até R\$ 90,00, só que eu quero me acomodar, pra depois eu subir. Aí eu meto meu gado a RS 60,00 e tu me livre mesmo a minha inscrição e do maninho que tu não paga nada. Tu corre o rodeio ainda arrisca a meter uns pila, né!

Áudio 33 – Vera Colares (duração 07min e 06seg)

Vera - Então tu vê que o rodeio é um divertimento e uma fonte de renda. Ele é especializado nessa área. O gado dele é todo guampudo justamente pra laçar. Enquanto eu te digo que não gosto de gado de guampa, porque machuca, porque é mais perigoso, eu não gosto de gado dessa raça zebuada, pro Neco essa é a raça ideal. Cada um tem a sua preferência.

Entrevistadora - Ele só cria pra rodeio?

Vera - Não, ele vende também. Isso aí são tudo vaca, né, fêmea. Os boi ele vende também. Ele faz o mesmo negócio que nós. Só que além disso ele aluga pra rodeio, né. Tem uma fonte de renda extra. E ele também aluga ali o Camaquã pro pessoal acampar, então assim, ele se defende né. Ele diversifica a atividade dele. Ele vende cabra também, vende terneiro, vende cabrito, ele vende rodeio, ele aluga o Camaquã, ele faz rodeio na casa dele. Ele é bem esperto. E ele tem

gado deste lado e do lado de lá do Camaquã, e aí ele passa as tropa pelo Camaquã, coisa mais linda! Ele é muito amigo da Márcia e qualquer coisa de jurídica a Márcia faz tudo pra ele.

Áudio 34 – Jones e esposa (duração 02min e 13seg)

Vera Colares - Foram pro rodeio também?

Jones - Nós não fomos porque não dá pra sair todo o final de semana, parar tudo o que tem pra fazer, e a mãe também tava lá ajudando a cuidar da guria. A gente não para. Não tem, tem que atender tudo sozinha.

Vera – Tá bom! Vou deixar cês indo aí!

Vera - então tu vê que a gente vai indo e não vai rápido na estrada porque é onde nós nos encontramos pra conversar, né. Não dá pra ter pressa, aqui é tranquilo.

Áudio 35 – Vera Colares (duração 23min e 42seg)

Em geral as pessoas que vem de fora, em geral, eles chegam assim, batendo e batendo, né! Não querem que passem pelo campo, não querem que case, não querem que não sei o que...Mas depois, com o passar do tempo, eles vão entrando no nosso ritmo, vão se acostumando. Entendem que precisam dos vizinhos, né. Aqui a gente acaba precisando uns dos outros. Aqui a gente ainda tem muito esse lado comunitário, acho que porque no tempo que não tinha estradas, não tinha carro, não tinha nada, a gente precisava muito mais uns dos outros. As pessoas tinham que ser mais unidas porque era necessário ter mais essa união pra se ajudarem, pra viver. Aí toda a vida era feita aqui, muitas vezes nem iam pra cidade, tinha pessoas que nem conhecia a cidade. Os divertimentos eram aqui, as festas eram aqui, os casamentos eram entre as pessoas daqui, então os laços eram muito mais fortes. Mas a gente que é daqui a gente guarda esses laços. Mas se vem uma pessoa de fora: “não preciso de ninguém”, “eu quero viver a minha vida” e “não quero ninguém interagindo comigo”. Tem gente que tem esse tipo de pensamento. “Não quero que entre no meu campo”, “não quero que entre um cachorro”, “não quero que entre uma cabrita”, “não quero que passe uma vaca pelo meu campo”, e aí começa a incomodar a vizinhança. Entra um bicho lá dentro e tem gente que até mata. Não querem que passem pelo campo, querem tirar as estradas, coisa que é ilegal, inclusive. Tu não pode tirar o acesso das pessoas.

Mas eu penso assim, se vier uma pessoa de fora que seja meio chatinha assim, mas que seja trabalhador, que não seja bandido e que não ligue com muito veneno, já tá bom! Só se não quer que entre na propriedade algum bicho, tudo bem! A gente cuida, faz um bom arame. É o direito de propriedade e tu tem que respeitar. Se a pessoa não quer que nada entre no campo dele, a gente faz o máximo pra não deixar, mas as vezes acontece, né. As vezes uma cerca se rompe e aí eles entram...

[...] Nas Palmas tem bastante ligação com o pessoal aqui de Caçapava. Aqui são bem próximos, só pelo Camaquã. Tem muitos Palmenses casados com Caçapavamos. Por exemplo, a Dona Nega, mãe do Neco, ela é de Caçapava, as irmãs dela, os irmãos são de Caçapava. Seu Decinho, ele morou um bom tempo lá no seu Lucinho, sogro da Márcia. Ele trabalhava com ele, arrendava e criava ovelha numa sociedade com o Lucinho. O Neco tem gado do lado de cá e do lado de lá do Camaquã. Então, assim, os vínculos entre nós são bem fortes. E aí também eles são contra a mineração, a maioria do pessoal daqui da zona rural.

Áudio 36 - Vera Colares (duração 16min e 47seg)

Vera - Tá acontecendo isso, das pessoas valorizar mais o campo. Por que nesses países desenvolvidos, mais desenvolvidos, eles valorizam bastante assim, a juventude trabalha, vive

daquilo ali, tem uma vida mais... e acho que tem valor nesses lugares assim. As pessoas não vão embora, não abandonam, nem nada. Elas vem da cidade, compram as chácaras, vão trabalhando ali, e o pessoal tá voltando em vez de ir embora. Eu acho que já tá começando esse processo. Tem muita gente interessada em saber se tem terra pra vender. O problema todo é que não tem pequenas áreas, aí a pessoa vai começar e é difícil. Tem uma terra agora pra vender ali por 1 milhão e tanto. Quem é que tem esse dinheiro disponível? Quem quer comprar ele que comprar começar uns 10 hectares, tu compra. Mas 200, 300 tu não consegue comprar, nem tem como trabalhar né. Não tem quase crédito fundiário pra quem vai começar porque não tem terra em pouquinho.

[...] Chegando na Associação das Guaritas:

Entrevistadora – O Seu Decinho é uma espécie de líder aqui na comunidade?

Vera - Não sei, assim... nós temos muito contato com ele porque ele já morou ali nas Palmas, então pra nós ele é uma referência aqui na região. Pessoal gosta muito dele pelo modo como ele trata. Pessoal que vem de fora vem muito aqui na casa dele. E como ele tem no campo dele a Associação, na propriedade dele, então o pessoal tem contato. Ele é o dono aqui onde as guaritas estão. Por isso que ele é mais referência.

Áudio 37 – Seu Décio (duração 27min e 31seg)

Seu Décio - Nasci e me criei aqui. A gente cria, cria muita coisa, ovelha, cabrito, gado. Pessoal que vem aqui acha lindo, a gente aqui já acostumou, né. Vem muita gente aqui pra conhecer essas pedras. Tem a festa mundial de folclore em Caçapava, então sempre vem 5, 6 país, tudo vem aqui. Eles fazem de 2 em 2 anos. Tem muito estrangeiro que conhece tudo isso aqui. Faz excursão, andam, sobem nas pedras. Uns anos eles até almoçavam ali na associação, a gente tinha que fazer comida pra umas cento e tantas pessoas. Fazia a Dona Irene e mais um monte de gente pra ajudar. Fui lá na cidade na semana passada. Ainda quando tava vindo de volta me pifou a parte elétrica do auto e tive que chamar um guincho pra mandar embora. Tá lá ainda pra arrumar. Leva uns 50 minutos até Caçapava. Essa estrada tá ruins, muito esburacada.

Seu Décio - E como é o trabalho aqui, Seu Décio? Serviço aqui a gente sempre tem todos os dias. No campo a gente sempre tem o que fazer. Tem uns que tem gado que ajudam.

Áudio 38 – Dona Zita, Seu Plácido e Seu Paulo (duração 43min e 01seg)

Plácido – Ela [Dona Zita] ainda borda, tem habilidade, é o divertimento. Ela tem duas filhas e nenhuma faz, nem se interessam. Ela faz e vai guardando. Esses dias tava levando lá na Associação, mas ela gosta de fazer pras filha e pras nora, aí ela vai guardando. Ela tem aparelho no ouvido e tá sem pilha, sem bateria.

Paulo - Quando eu era mais novo volta e meia nós ia lá jogar futebol, nas Palmas. A gente conhecia o pessoal, os amigos.

Vera - vai ter assembleia lá dia 23. Vocês têm que ir lá, com o Seu Decinho. 23 de março. Conversar um pouco, ver o que que tem de bom, o que que a Associação pode fazer por vocês.

Plácido - a nossa aqui tá meio parada. A de vocês tem bastante gente. E Associação é uma coisa complicada, não é fácil de ajeitar o pessoal.

Vera - nós temos trabalhado bastante lá. Nós temos feito, toda hora a gente vai na Prefeitura, participa de alguma coisa, leva coisa pra vender.

Vera – A Sra. Que faz (artesanato)?

Dona Zita – é, eu que faço, esse de filete. Aquele também é.

Plácido – tem outro estilo que é só nozinho, só que ela faz guardanapinho dessas coisinha. Ela tá fazendo mais daqueles ali que é maior um pouco.

Ela tem 90 anos, a cabeça tá boa, de vez em quando dá uma falhada, mas é pouca coisa. O que atrasou ela é que ela quebrou osso do quadril esses tempo. Aí ela ficou muito tempo parada e não pode parar. Na cozinha a gente já não deixa ela mais mexer, fogo, coisa quente, é perigoso!

Entrevistadora – e quantos moram aqui?

Plácido - Moram aqui junto, nós dois somos solteiros. 8 irmãos, moram aqui por perto. As duas mulheres moram na cidade, em Caçapava. Os outros moram tudo aqui na volta, na campanha.

Entrevistadora - Vocês trabalham com o que aqui?

Plácido: gado e ovelha merina. A lã é boa, só tem que ser campo seco.

Entrevistadora - Como é a vida aqui no campo?

Plácido - O meu serviço é lidar com o gado, com as ovelhas, banhar, coisa assim... e o carrapato tá brabo aqui. Não sei lá pros lado de vocês pra lá. Aqui tá difícil de controlar. O bicho tá boiando e não morre. Banha com a bomba aqui. Cada banho eu dou com um remédio pra não pegar resistência; eu uso todos.

Vera – lá a gente tá com um banheiro de imersão, aqueles que o gado mergulha. É o melhor método. O pessoal deixou de usar ele, mas não tem igual, né. Lá em casa acho que nós paramos, assim, um ano usando aquele no lombo, assim, né. O Puron. Mas o veterinário sempre diz: melhor coisa que tem é o banheiro de imersão, porque o animal mergulha, se molho todo, né. Aí eu decidi voltar. Esse ano eu não sabia qual remédio ia dar certo ou não, aí nós coletamos uns 300 carrapatos, mais ou menos, pegamos do gado. Aí levei lá na EMBRAPA pra fazer o teste. Fazem de graça o teste. Senão tu fica botando um, botando outro, e não sabe qual que tá matando. Peguei e levei o remédio e carregamo o banheiro e caiu tudo mesmo.

Plácido – eu faço minhas pesquisa aqui. Tenho ali que eu tirei no dia que eu banhei pro carrapato, no outro dia, tirei no segundo dia, e eles produziram ainda. Aí ele cai no campo, né. Diz que 1 carrapata dá 3mil carrapatinho. Eu botei numa garrafinha de água mineral, mas é uma nuvem assim. Com 20 dia ele põe, aí em 20 dia descasca tudo e é uma nuvem.

Vera – isso ajuda bastante. As vezes tu dá o remédio e não funciona, as vezes tu dá outro e dá. Aí no final das conta tu não sabe qual o bicho que eles tem, qual é a doença que eles tem. A ovelha, por exemplo, tem vermes. Aí tu não sabe qual é o verme e começa a dar remédio, dá esse, dá aquele, e as vezes o remédio que tu precisa dá tu não dá e no fim é um bem baratinho. Aí tu compra um caro e não dá resultado. Mas as vezes a gente fica com preguiça, né. Agora mesmo eu tinha que juntar os cocozinho de ovelha pra levar, mas tô com preguiça de juntar.

Plácido – aí o cara tá banhando e eles caem no pasto e aí infesta tudo.

O pulverizador é ruim por causa da gente, se envenena na hora que tá botando no gado, chegava em casa com dor de cabeça. O cheiro dele é forte. Aqui em volta dos zóio que a pele é fininha ficava queimando! Bota máscaras e bota o óculos, mas mesmo assim o vapor vem. Vai lá me Caçapava os cara já te receitam um injetável pra dar junto.

Vera: eu fico pensando assim: se tu tem que fazer um injetável, tu tá envenenando o bicho pra matar o carrapato, porque os carrapato tão do lado de fora, né. Nem seria razoável tu ter que dar um remédio que tem que envenenar o animal, né, porque o injetável o que que ele faz, ele envenena a carne do bicho, o sangue, e o carrapato chupa e morre. Então tu vai envenenar a vaca pra poder matar o carrapato. É um troço bem loco, eu procuro evitar, né.

Vera - O ideal é que a gente conseguisse só com o de banho.

Plácido - acho que numa dessas tinha que o produtor se reunir pra dar um toque nesses laboratório que eles tão de sacanagem com a gente. Pra mim essa dose deles tá errada, alguma coisa tem que ter.

Vera - E a reprodução aqui é por inseminação ou monta?

Plácido - Eu mesmo insemino, faço só na observação.

Vera - se tu insemina as vaca tudo numa mesma época, fica mais fácil de vender o gado porque fica tudo do mesmo tamanho.

Vera: Somos sua parente, Dona Zita, somos Simões Pires, mas eu não me lembro bem qual é a ramificação. Porque uma das minhas avós era Simões Pires aqui dessa região. Então eu tenho que descobrir quem era o pai dela, aí eu acho onde é que nossas famílias se encontram.

Áudio 39 – Vera de Fátima Ribeiro Tarouco e Mario Renato Tarouco (duração 1h 34min e 24seg)

Vera de Fátima - Eu tava fazendo figada. Agora a Jaqueline chegou e disse: ‘teu telefone tocou duas vezes’. Mas eu tô esperando uma visita, quem sabe é isso, tão perdida! Aí deixei ela lá na figada e vim.

O bebê é da minha secretária, Jaqueline.

Aqui é o meu lar, o meu paraíso.

Tenho um filho, uma filha e três netos. A minha filha é fisioterapeuta em Piratini.

Aqui tá os netos, a doçura da alma. A Luisa tá com 7, essa é da Renata, e o Ismael é do filho, tá com 5, e o pequenininho, o Arthur, tá com 2 aninhos.

Essa casa aqui tá na 7ª geração. O Mário Renato é a 5ª geração, o meu filho é a 6ª e os meninos do Ismael é a 7ª. Eu sou cheia de orgulho dessa casa. Aqui tem a galeria dos antepassados. Esse aqui é o bisavo do Mário Renato, Ismael, aí agora a gente descobriu, que até então nós achávamos que era ele o primeiro, agora a gente já sabe que antes dele teve o Miguel. O Miguel veio do Uruguai pra cá com os filho moço, aí depois eles casaram e se alojaram tudo aqui. O Ismael e a Clara, aqui é o filho dele, que era Alfredo, e a esposa Onorata. Essa Clara aqui é da família Satta Alam de Pelotas. E ele, como era guerreiro, e coisa, né, e maçonaria, então contrariaram esse casamento. Não era de acordo com a vontade dos pais que ela casasse e viesse morar na campanha com um guerreiro. Ela era da alta sociedade de Pelotas. Mas ela veio mesmo assim. E aqui os pais da Onorata, Zé Maria Avila e Vera Maria José. O pai da minha sogra era sobrinho do Ismael, mas eram famílias inimigas por causa daquelas coisa política de antigamente. É que eles eram guerreiro, né, aí cada um fazia parte de um lado. Eu tenho um documento de posse aqui, que levaram gado e coisa pro Uruguai na época da Revolução de 1893. Já tem um documento aqui, um passaporte.

Eu tenho esse orgulho daqui desde que cheguei, né. Aqui é o meu lugar. Eu sou natural de Canguçu. Mas aqui, não sei, é o meu lugar.

Entrevistadora - A sra morava na cidade antes de se casar e vir pra cá?

Vera de Fátima - Eu era da zona rural, mas depois quando eu casei eu já tava na cidade.

Eu costuro também. Aqui é a parte antiga, original da casa. Aqui tem o jeito que eram as paredes. Pedra de um lado, pedra de outro e cheio de pedrinhas, terra no meio. É uma relíquia. Bem fresquinho que é. Eu cesteio aqui, nesse sofá. Acho que isola o calor. EU não peguei piso de chão, quando eu vim pra cá já era assim. Só a única diferença era dois quatinhos. Por isso os piso diferente. Eu faço de tudo um pouco. Aqui mesmo tem um avental que eu fiz pra dar de presente. Mario Renato ontem foi num rodeio, mas eu não tava me sentindo bem e foi só ele. Mas aí não tinha ninguém e ele trouxe de volta o avental da Vitória.

Eu gosto de fazer, né. Aí eu dou um jeito. Eu digo pra Jaqueline que eu acertei muito em não seguir nenhuma profissão. Aí a primeira vez que eu disse isso pra ela me perguntou: ‘mas porque que a sra diz isso?’ Que eu sou formada em contabilidade né, mas aí casei, vim pra fora e nunca exerci a profissão. Ai eu disse pra ela: ‘Jaqueline, eu tenho dias que eu gosto de ser costureira, as vezes eu gosto de tá na horta, outras vezes eu gosto de tá no jardim, outras vezes

eu gosto de fazer doce, eu não gosto de tá fazendo sempre a mesma coisa, a mesma atividade'. Porque numa profissão, quando tu tá na ativa tu tem que fazer aquilo, né. Eu adoro a contabilidade, os número, eu adoro. Se eu tivesse que fazer isso profissionalmente eu ia gostar. E aqui tá os doce! A Jaqueline tá tirando pra mim, mas eu vou colocar outro ainda.

Vera Colares - A sra bota mais fogo do que a gente. A nossa tábua de fazer fogo é um daqueles de fogão antigo, só tem o buraco no meio. Assim na grelha pega mais fogo! Esse é melhor, pega mais fogo. E a sra faz que nem nós, metade de açúcar pra uma de massa?

Vera de Fátima - Fica no fogo no mínimo 3h.

Vera Colares – e cadê suas pá de fazer doce que eu quero vê ser é parecida com as nossa lá?

Vera de Fátima – eu começo com essa aqui, com essa sentada, e aí quando tá quase no fim, querendo endurecer, no ponto, eu troco pra essa. Aqui a gente senta, toma chimarrão, conversa... por isso que ela é assim aberta.

Vera Colares – quando eu for fazer uma lá pra casa, vou fazer assim.

Vera de Fátima – é bom até fotografar porque é bom.

Tem anos, que eu já fiz 300 quilos de figada! Ano passado deu 270kg. Mas esse ano vai dar menos. Eu fiz 14 tachada com essa. Cada tachada sai 9kg. Aí acho que eu vou fazer no máximo mais uma ou duas. Figueira tem bastante. Tem umas mais antigas, aí ela dobra de volume, os galho. E não tem doce mais saudável que figada, porque não leva um produto químico, só poda e deu.

E aqui tem marmeleiro também, mas sabe que adoecem?

Vera Colares – o pessoal tá reclamando que não dá mais.

Vera de Fátima – A abundância da muito serviço pra gente: esse ano deu um monte de maçã e eu quer aproveitar tudo, não gosto de perder nada! Aí as maçãs eu fiz assadas, a minha nora até fez o doce pra comer com pão, mas eu não. Aí fiz vinagre também. Deu pêra, aí minha filha fez perada, a Valdirene fez perada, eu fiz uma mas não ficou bom. Deu essa ameixinha, mas deu pouquinho, deu uva, fiz suco, congelei suco.

A poda é o Mário Renato que faz, comigo é a horta o jardim, doce, essas coisas.

Agora tão botando essas caixa d'água pra coletar água, nós ficamo sem. Nem inauguramos ainda.

Vera Colares – mas por que ficou sem água?

Vera de Fátima – eu não sei , né. Parece que as água sumiram. Tem duas cacimba que servem a casa aqui. Uma lá pro lado de cima.

Vera de Fátima - A gente faz no máximo 2 por dia. Mas deu bem pouquinho porque esse ano os figo não deram muito. Esse aqui é congelado. A da manhã foi da colheita de hoje. Ai eu faço 13 kg de figo, aí eu boto 5 kg de açúcar, e eu sou uma doceira que não guardo segredo, tem que ser compartilhado, eu boto 5 kg de açúcar e 6 xícaras pra 13 kg de figo. Eu faço por peso.

É bem artesanal. Isso dá quase cadeia porque não pode fazer no tacho, mas eu se tiver que abrir mão do tacho eu acho que desisto de fazer doce. O tacho é o que faz a diferença, né. Eu uso e lavo bem direitinho, não tem zinabre⁷⁹. Eu passo limão, sai tudo, fica bem douradinho, enxaguo e boto o doce.

Entrevistadora - E a sra já sabia fazer doce ou aprendeu aqui?

Vera de Fátima - Eu aprendi aqui, com o Mario Renato, ele sabia porque minha sogra morou em Pelotas, né.

Entrevistadora - Esses pequenos são teus?

79 nome popular do Azinhavre, uma camada tóxica esverdeada que se forma no metal resultante de oxidação.

Jaqueline - Sim, os dois são. O maior hoje que tá aqui me ajudando com o pequeno. Ele vai pro campo, geralmente, mas essa noite ele passou meio ruim, vomitando, acho que é meio vírus, coisa assim, aí como o pai dele foi lá pro campo, ele veio pra cá cuidar do mano.

Vera Colares – o que vocês criam lá Jaqueline?

Jaqueline - O Seu Renato, no caso. A gente trabalha pra eles. É funcionário. Eles criam gado, ovelha, essas coisas. O meu marido é natural de Camaquã. O maior tem 10 e já gosta de camperear. Ele já anda a cavalo desde os 3 anos.

Entrevistadora – E o teu mais velho vai pra escola?

Jaqueline - Sim. A kombi passa aqui na porteira e o ônibus escolar passa na estrada grande. Aqui pega o Cauã e o Ismael, eles dois.

Entrevistadora – E vocês gostam de morar no campo?

Jaqueline - Vai fazer 3 anos que trabalho aqui. Aprendi a fazer doce aqui. Eu já fazia de figo no fogão a lenha, mas no tacho nunca tinha feito. Tudo o que eu aprendo mais um pouco eu gosto. Eu morava na zona rural quando era pequena, depois de casada, não. A gente já procurava fazia um tempinho, vir pra fora. Nós só tinha o Cauã. Pra criar um filho é outro ritmo. É uma paz, é bem mais tranquilo.

Vera de Fátima – eu abri a porta lá pros guri, eu achei que eles tavam tão encerrado. Ai, qualquer coisa, eu disse pro Cauã: ‘se te der frio tu fecha’.

Jaqueline – o Cauã hoje de manhã tava tapado, mas ele tava ruim mesmo. Pra ele passar a manhã inteira deitado, nem se lembrou de telefone e televisão. Mas igual ele se levantou 6h e queria ir pro campo. Eu disse que não. Mas agora ele tá melhor.

Vera de Fátima - As primeiras do ano a gente sente os braços, mas depois acostuma. No começo da época da colheita do figo a gente faz todos os dias, mas gora não. Semana passada mesmo foi só uma.

A gente tira a espuma porque eu acho que leva menos açúcar tirando ela, porque ela é muito amargosa. Aí a gente tira toda a espuma, pra depois colocar o açúcar. Aí só tem o figo.

Vera Colares – Ah, nós já colocamo tudo junto!

Jaqueline – o congelado dá pouquinha espuma. O outro que era natural, tava tomado de espuma.

Vera Colares – tu viu, Fernanda, tem um pouquinho de diferença de um pro outro. Cada doceira com seus segredos.

Vera de Fátima – mas isso aí a gente experimentou por conta. O Mario Renato que olhava esse monte de espuma e disse: vou tira isso. Aí assim que fazemo, deu certo. Eu aprendi com o Mario Renato, mesmo, com uma negra velha que era nossa vizinha aqui. Vão passando as dicas. Não sei se a minha filha sabe fazer sozinha. Esses dias ela fez aqui, mas eu ficava na volta. Ela até brincou: mãe, tu disse que ia cuidar das crianças, mas tu não sai da volta aqui! De vez em quando eu vinha dá uma olhada.

Entrevistadora – A Vera me disse que a Sra. é bem envolvida aqui com a Associação do Alto da Capela.

Vera de Fátima - A Associação do Alto da Capela surgiu por causa do Alto Camaquã. Porque antes nós fazia parte, bem lá antigamente, daqueles grupos de produtores que a EMATER cria. Aí depois evoluiu pra um CITE – Centro de Integração e Troca de Experiências, acho que era a Farsul por trás disso. Aí esse CITE durou por 12 anos quase. E erra assim, cada encontro era feito em uma propriedade de um dos membros do CITE, e era assim, como que eu vou te dizer, mais selecionado. Não era todo mundo que fazia parte. Tanto é que tinha um número máximo de produtores que podiam participar. E aí cada reunião era numa propriedade, cada mês, aí a Emater participava, assistia as reuniões. Aí quando era aqui, vamos dizer, a Emater já organizava toda a produção do ano, os dados da propriedade, quantos hectares, aquela coisa toda, quanto de pastagem, quanto de vaca, quanto de terneiro... um diagnóstico da propriedade; um diagnóstico econômico da propriedade. Mas aí a gente tinha que pagar uma mensalidade,

pra Farsul, né. Agora não sei se era mensalidade ou anuidade. Eu sei que dava um salário mínimo por CITE. Mas acho que era por ano. Aí entre os 12 que participavam a gente ratiava, aí ficava fácil. Mas aí depois os outros foram saindo, sabe aquelas pessoa que procuram milagre e não encontram o milagre? Que não tem a paciência de seguir num caminho? Aí foram saindo, foram saindo, e nós permanecendo. Aí nós fomos ficando pouco e foi ficando caro, aí que as pessoas debandaram mesmo. Aí chegamo a conclusão que deveria encerrar o CITE e encerramos. Mas a gente gosta de participar, né, de reuniões, e a gente acha falta disso. Aí numa ida lá em Piratini, me falaram que o governador vinha à Piratini e eu fui lá, no caso, pra ver o governador. Aí lá eu encontrei com o Carlinhos que já tinha a Associação lá do Barracão, que é de Piratini também, e me apresentou pro Dr. Marcos Borba também – ele sabe que eu gostava dessas coisas, desses movimentos. Me apresentou, conversou, era o Borges Morales o presidente da ADAC na época, que é daqui do Piratini, e nós tinha o interesse na época de montar uma Associação. Aí eu organizei, juntei o povo que queria e criei a Associação. De começo foi muito bem, as pessoas vierem, teve 40 associados pra começar. Aí enquanto o Dr. Borba vinham nas reuniões mensais, vinha todo mundo. Mas aí depois quando já não teve mais, porque não tinha mais recurso pra vim, aí já foram se apocando, e se apocando... bom, esse ano passado acho que nós fizemo duas reuniões lá na Associação, com uns tema específico; um foi coleta d'água e outro nem lembro. E este ano vamo ter essa do dia 29, que eu tô fazendo um empenho medonho pra juntar um bando de gente, né. Agora mesmo na última missa eu tava mobilizando um monte de gente. Tenho medo de chagar num dia aqui e ter mais gente de fora que de casa, né! Disse, por favor, vocês convide as pessoa e compareçam, se não fica chato! Mas é uma luta, a gente não desmonta porque é persistente.

E tem outra coisa, né, a gente tem os filhos, tem os netos, tem o amor pela propriedade. E assim, eu penso muito que a gente tem uma responsabilidade grande de manter as coisas pelos antepassados. Quantos lutaram pra manter, né, com tanta dificuldade que passaram.

Entrevistadora - E faz mais ou menos quanto tempo que tem soja pra cá?

Vera de Fátima - Ah, aqui nós tamo rodeado por soja. Começou essa explosão de soja, acho que há uns, essas lavora da volta – porque os gringo já vieram pra plantar soja, né, há muito anos, já tavam aí uns 25 anos pra cá – mas essa e explosão aqui em volta da propriedade, até aqui no nosso campo agora tem, é de uns 10 anos pra cá. E aí é ruim a soja? É ruim, mas não é toda ruim, porque ela tá deixando os filho em casa. Porque aí eles não saíram pra achar outros negócio. Porque negócio com gado não é tão bom, tão lucrativo, né. E as pessoas jovens buscam um lucro mais imediato, né. Não é que nem as pessoas de mais idade, né, eu venho notando isso. Porque aqui já tem muitos filhos, nosso filho planta soja, o filho da Vera Pereira, os filho dela ficaram, constituíram família, plantando soja. Claro que é ruim, a gente sabe que é ruim, mas tem esse outro lado, tá mantendo os filho na zona rural. Aí daqui a pouco eu penso assim, né: será que no futuro eles não vão se dar conta que daqui a pouco se aplicar as mesmas tecnologias que tem na lavoura de soja com o cuidado com o campo não vai produzir? Porque a gente que é mais velho enxerga isso, mas eles não enxergam ainda e enquanto eles não enxergarem não adianta a gente falar que eles não vão se convencer. Assim tem mais chance deles se convencer de sair, irem se formar, trabalhar pra fora e voltar. Eu penso esse lado também. E os interesses de uma geração pra outra muda, são mais imediatista, diversão, tudo muda! São pontos de vista diferentes.

Vera de Fátima - Tem umas tantas coisas que a gente já teve que mexer, né. Esse forro mesmo nós que colocamos, da cozinha que era dos antigos nós trocamos. A gente vai arrumando. Claro que a gente cuida, assim, pra não transformar muito, né, tirar muito a característica. Mas tem coisa que tem que fazer, não adianta. Sempre tem coisa pra fazer, né, até pra facilitar a lida.

Áudio 40 – Giordano (duração 4min e 47seg)

Giordano - A propriedade aqui é do meu padraço, uma propriedade pequena pra média, tem cerca de 60 hectares, mais ou menos. Já morei na cidade, sou formado em técnico em agropecuária. Voltei pro campo, trabalhei em outros lugares. Gosto do lugar aqui. Aqui a gente lida com gado de cria, ovelha também. Deu um problema de cachorro aqui há um tempo atrás. Eu gosto de ovelha, essa região tem potencial pra ovinocultura.

Dia 26/02

Áudio 41 – Vera Colares (duração 4min e 00seg)

Vera Colares - A melhor estrutura é essa daí mesmo. Porque essa aí o remédio é mais barato e o animal cai ali e se molha todo, né. É por imersão e também a morte do carrapato é por contato com o remédio. Tem alguns remédios que são por vacina, mas aí tu vai envenenar todo o animal por dentro pra depois envenenar o carrapato. Eu acho horrível isso, né. Tu precisa primeiro envenenar o animal pra depois matar o carrapato. Então esse aí é o melhor método. Ele toca no carrapato o remédio. O custo é alto. Só madeira pra fazer uma estrutura dessa é um rio de dinheiro. Mas geralmente uns quantos usam a mesma estrutura.

Entrevistadora - E isso aí os vizinhos compartilham os custos também?

Vera Colares - Não, geralmente os donos compartilham a construção. Mas o custo do banho, dos remédios, isso sim. As vezes se ajudam também na construção. Pro manejo com o gado tu pode até não ter o banheiro, mas a mangueira e o brete todo mundo tem que ter no seu campo, se não tu não trabalha.

Vera Colares - Agora a gente tá botando a lata, tabuleta, por uns dias, né, aí os terneirinho não conseguem mamar. Aí a vaca fica cheia, aquece e aí, dizem os entendidos, que isso aí ajuda ela a entrar no cio. Aí ela pega cria de novo e aí ano que vem, quando a gente desmama desse terneiro, em seguida que ela já ganha outro. Aí maximiza, né. Porque a vaca tem uma certa tendência de dar cria um ano e enquanto ela não desmama daquele terneiro ela não entra no cio. Aí ela fica um ano parada, aí quando tu tira o terneiro aí que ela vai pegar cria pra ganhar no outro ano. Aí é ruim porque diminui a tua capacidade de renda, né. Porque tu não tendo terneiro tu não vai ter. Quanto menos terneiro, menos renda.

Entrevistadora – E qual o número médio de gestações que a vaca pode ter?

Vera Colares - A vaca tira ao longo da vida umas 6 ou 7 na vida. Ela consegue mais que isso. No máximo uma por ano quando a vaca é boa. Porque tem muitas que não aguentam. O que faz diferença é o a mãe e o sêmen do pai, e o estado corporal né. Se tiver bastante pasto, a vaca vai dar bastante leite e o terneiro vai ser grande, né. Se tiver pouco pasto, aí não.

Áudio 42 – Cristina Colares (duração 1min e 53seg)

Cristina - Eu não faço mais a atividade do campo porque eu trabalho né. Antes era só eu e meu marido. Agora ele faz sozinho, as vezes o Daniel ajuda ele. E ele faz aqui nas mangueira da Vera. Dá trabalho! Eu me criei nessa lida, meu pai trabalhava numa fazenda e a gente ajudava ele; desde pequeninha a gente ia pro campo com ele. E de tanto observar tu vai aprendendo a fazer e eu gosto.

Áudio 43 – Vera Colares (duração 5min e 49seg)

Entrevistadora - E com o tempo esses métodos tradicionais vão aperfeiçoando, vocês vão modificando?

Vera Colares - Pouca coisa. A gente faz com a Embrapa esses estudo do carrapato, mas essas coisas nossos pais já faziam. As vezes nós vamo é piorando as coisa! Tem coisa que a gente acha que eles não podiam fazer aí daqui a pouquinho a gente percebe é que eles é que tavam certo. Esse banho mesmo de imersão, teve uma época que ninguém quis mais fazer, né. Abandonaram os banheiro. Aí depois os próprios estudiosos do carrapato chegaram a conclusão de que era o método melhor que tinha era esse, né! Esse método que é o mais tradicional, os banheiro são uma coisa muito antiga. Todo mundo antigamente banhava só de banheiro, não tinha outro método. Depois a humana disse que era melhor esse que bota no loba; a bomba só faz om bomba quem não tem banheiro, porque ela é como se fosse o banheiro pra quem não tem. Então as vezes a gente quer modernizar e a gente percebe que a prática, que eles faziam assim não era porque eles eram ignorante, burro, mas porque dava certo.

E o jeito como se lida com o gado, o jeito como maneja, é bem diferente do gado pra ovelha, né. O gado ele é mais rústico, mais perigoso também, mais agressivo. Não pode chegar muito na pata dele que ele te dá uma patada que te arrebenta, te quebra a tua cabeça, mesmo que cavalo. A ovelha tu pega, já levanta pra cima, derruba, ela é levinha e é mansinha, não ataca; qualquer criança lida. Já o gado tem que ter cuidado, ele começa a dar pra trás tu já tem que dar nele um pouquinho, né, não de judiar dele, mas é que as vezes eles tão mais rebelde e procuram o campo e tu tem que ser ligeiro, sair correndo, as vezes tem que botar os cachorro, mas até que é mais ou menos parecido. Só que o gado tu faz mais remédio injetável, com a ovelha é mais pela boca, mais de dose com o aparelho de dosar, o gado é mais injeção. O gado é bem mais difícil de lidar assim, te que ter força pra lidar. Mas aqui, quase todo mundo cria ovelha, cabrito e gado. O cabrito é parecido com a ovelha, mas ele é muito, muito saudável, tu quase não faz remédio nele Tu quase não vê lida com o cabrito porque ele quase não adocece. Essa peste que dá no casco do cavalo também dá nele, e até mais ruim neles do que nas ovelhas porque é mais difícil de curar nele do que nas ovelhas. Quando as ovelhas tão infestada acaba que fica no pátio e eles acabam pegando.

Áudio 44 – Cristina Colares (duração 6min e 11seg)

Cristina - O pai era analfabeto, né. A mãe estudou um pouquinho ainda, mas eles pensavam que nós, nós éramos 4 irmãs, nenhuma estudou. Eu estudei só até a 3ª série. Naquela época onde eu morava era tudo muito longe, não tinha como, e morar na cidade, pra minha mãe, nem pensar! Uma das minhas irmãs até mora aí, lá perto do Camaquã, a Dione, esposa do Neco. E eu me casei bem cedo, com 16 pra 17 anos, e aí já era, né. Aí tive minha filha, já depois de uns 10 anos de casada, pelo menos isso eu pensei, e sempre pensei em incentivar eles a estudar assim, sempre incentivei. Já que eu não pude estudar eu quero dar isso pra eles. Tanto que a minha filha já tá na faculdade, a gente fazendo um esforço enorme, pagando né. Ela fez Enem, mas não conseguiu, até porque não tinha vaga pra Bagé e ela teria que estudar fora daqui, ela tá fazendo fisio. Ela sempre disse que queria fazer uma coisa na área da saúde, pra poder ajudar as pessoas. Medicina é complicado, né, porque tu não tem como pagar e é muito difícil.